

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO

**DA FÁBRICA AO CAMPO DE FUTEBOL, VENDER
TECIDO E VENDER ESPETÁCULO: tecendo os fios
da história de um “Casamento Feliz”**

Florianópolis-SC,
Fevereiro de 2005

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO

**DA FÁBRICA AO CAMPO DE FUTEBOL, VENDER
TECIDO E VENDER ESPETÁCULO: tecendo os fios
da história de um “Casamento Feliz”**

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-graduação em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Educação Física

ORIENTADOR: GIOVANI DE LORENZI PIRES

Florianópolis-SC,
Fevereiro de 2005

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO

**DA FÁBRICA AO CAMPO DE FUTEBOL, VENDER TECIDO E
VENDER ESPETÁCULO: tecendo os fios da história de um
“Casamento Feliz”**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Aprovada em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

GIOVANI DE LORENZI PIRES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

MAURO BETTI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO

LUCÍDIO BIANCHETTI
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

MAURÍCIO ROBERTO DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Aos meus pais - **Walter** e **Helenilde** -
esses dois trabalhadores e apaixonados
pela vida humana, que deram parte das
suas vidas na perspectiva de ver um
mundo melhor.

HOMENAGEM

Aos três pensadores brasileiros que se foram [...]; por tudo que fizeram para ver um país/mundo melhor e, principalmente, pela minha formação: **Milton Santos (1926-2001), Octávio Ianni (1926-2004) e Celso Furtado (1920-2004).**

AGRADECIMENTOS

Desde a posse do então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a quebra de protocolo se tornou comum nos mais variados procedimentos formais. Considerando-me agradecido pela contribuição de algumas pessoas de algumas pessoas na elaboração e execução deste trabalho, preferi aderir à ruptura de práxis e manifestar meus mais sinceros agradecimentos, textualmente, àqueles que não aparecem, mas que para mim, são tão importantes quanto este documento de pesquisa.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha querida e amada esposa, Nailene. Sem dúvida, sua compreensão e colaboração foram decisivas para me manter firme em meu propósito de concluir o curso. O apoio recebido não dizia respeito apenas ao incentivo, pois Inúmeras foram as noites que passamos digitando as mensagens capturadas nos jornais. Posso então garantir que “Casamento Feliz” é o subtítulo que acompanha duas vivências importantes de minha vida: as fontes de meus estudos e a nossa união. Meu muito obrigado, Amor!

Ao meu estimado amigo Antônio Carlos Santos, do Departamento de Filosofia da UFS pelas várias discussões que foram realizadas no sentido de quebrar os caprichos da *Fortuna*. Sob sua inspiração, com o título “Bola que vale Ouro: o esporte e a Indústria Cultural em Sergipe”, iniciamos um projeto, que hoje se realiza, fazendo crer que a *Virtu* pode ser a antítese da *Fortuna*. Muito obrigado, meu “amado” e não “temido” amigo;

Ao meu orientador, Giovani Pires. Com quem ao longo desses dois anos construí não só um trabalho de pesquisa, mas, sobretudo, foi materializada uma “*philia*” nas nossas ações. Na construção de grupo do estudo, mas principalmente, pelo respeito ao pensamento e a liberdade de expressão, com autonomia, que é sinônimo de suas convicções para o esclarecimento;

Na elaboração de um trabalho como esse, inúmeras são as pessoas que contribuem, de forma direta ou indireta. Usando uma Expressão do professor Capela, são “*Anjos*”, que não aparecem em nossa caminhada, mas que são imprescindíveis para sua realização. Assim, me sinto feliz em ter conhecido e compartilhado parte de minha vida com Edgard Matiello Jr. e Paulo Ricardo do

Canto Capela, sujeitos lindos, que cumprem um papel social belíssimo, humanizado outros sujeitos, a partir de sua prática pedagógica. Meus “camaradas”, muito obrigado. Vocês não têm idéia da dimensão política, pedagógica e existencial que, através de sua (s) *práxis*, ajudou-me a ver e analisar o papel de minha profissão e a mim mesmo;

Aos trabalhadores e em especial, aos trabalhadores do Brasil, devido a eles que se torna possível realizar esse sonho. Também, aos trabalhadores do MST que me proporcionam sonhar com a “*Utopia*” de um mundo melhor;

Aos membros da banca, professores que tanto contribuíram fazendo-me refletir sobre as minhas próprias contradições. Mauro Betti (foi muito bom te conhecer); Lucídio Bianchetti (obrigado pela chance da primeira aula); Maurício Roberto (um dos primeiros a estimular a continuidade deste estudo); César Bolaño (que veio construindo comigo todo esse trabalho, desde os primórdios, quando ainda era apenas um projeto);

Airton Paula, do Departamento de Economia da UFS, obrigado pelas contribuições no Projeto e, principalmente, pelo diálogo que estamos estabelecendo entre a Educação Física e a Economia, a partir de uma matriz marxista;

Ao Curso de Pós-Graduação – Mestrado – em Educação Física da UFSC e a todo seu corpo funcional; À Coordenação do Curso na pessoa do Professor Juarez Nascimento, que mesmo discordando de minhas convicções políticas/ideológicas, soube manter um diálogo comigo; Ao Jairo (para mim, será sempre você na Secretaria em minha memória, não com função de secretário, mas como irmão) e à amada e bela, Dona Olga;

Aos Professores da UFS: José Américo; José Tarcísio Grunnenvaldt; Ana Carrilho; Hamilcar Dantas Jr.; Anselmo Menezes que tiveram que compartilhar os estudos do mestrado, com reunião do Departamento, aulas, entre outros compromissos. Foi, principalmente, por respeito e admiração a vocês, que me esforcei para cumprir os prazos do mestrado e não pedir prorrogação.

Aldemir Smith, obrigado por compartilhar juntos o primeiro ano do mestrado;

Nelson Dagoberto (UFS); Roberto Paes (UNICAMP) – os primeiros a “apostarem” na minha vida acadêmica;

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que cumpre um papel significativo na preservação da história sergipana e brasileira. Ao seu Presidente,

Professor Ibarê Dantas e aos funcionários e colaboradores em especial: Amanda Steinbach, Sayonara Nascimento, Polyanna Oliveira, Gustavo Bomfim;

Aos colegas do Mestrado, em especial à Cássia (maninha) e ao Éden – estudando, construindo, lutando, discordando, pois, foi nesta dialética que abrimos possibilidades crescermos acadêmica e humanamente;

Aos Colegas do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva – Márcio Romeu, Diego Mendes, Mariana Lisboa, Melissa Mol, Antônio Galdino, Sheila, Cris e em especial, ao amigo Fernando Bitencourt, pelas valiosas contribuições na minha formação e por sociabilizar o seu conhecimento com todos nós;

À professora Ana Márcia Silva – Fonte de motivação inicial para discutir sobre o processo de mercadorização do esporte;

Ingrid Wingers, Iracema Soares, Solange Lacks, Iara Damiani, Alexandre Vaz, todos em seus devidos tempos, ajudaram a refletir sobre as minhas convicções;

Aos meus alunos da UFS, do passado e do futuro, é para vocês que me esforço para apreender e poder socializar o conhecimento. Como diz Gibrail – Professor, militante do MST - um lutador e, sobretudo, um educador: “o que vale o conhecimento se não for para socializar com os outros”;

À Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação Física – por oportunizar a minha saída sem prejuízos acadêmicos para os alunos do curso;

Aos Cronistas Esportivos de Sergipe e, em especial: José Eugênio, Wellington Elias, Viana Filho, Vilder Santos. Sem vocês, esta história não seria possível;

À “CAPES” – Sair de Aracaju/Nordeste para fazer o Mestrado no Sul do país não é uma opção muito fácil, principalmente, se as condições financeiras não são suficientes para manter-se. Durante esses dois anos me submeti às arapucas financeiras, tomando empréstimos, contendo as despesas para que pudesse obter a alimentação e locomoção necessárias. Isso tudo me fez pensar em Karl Marx - quando fazia seus estudos e era ajudado, financeiramente, por seu amigo Engels - e dizer, parafrazeando-o: “Nunca precisei tanto de uma coisa, escrevendo tanto sobre ela”. Mas, em outubro de 2004, fui contemplado com uma Bolsa “emergencial”, de seis meses. Ufa, que alívio!

RESUMO

Este estudo analisou o fetiche produzido pela mercadoria esporte, a partir de uma situação concreta: o surgimento de um Clube de Futebol de Fábrica (Associação Desportiva Confiança), na cidade de Aracaju/SE, no ano de 1949. Tendo como matriz teórica (epistemológica) o materialismo histórico, o estudo partiu de um conceito da mercadoria elaborado por Karl Marx, no século XIX e de sua metamorfose, chegando a um bem cultural (como o esporte), que se configura em nosso tempo com o processo de banalização da cultura ou Indústria Cultural. Neste sentido, analisei o esporte em suas várias dimensões na modernidade, em sua forma de rendimento e espetáculo, bem como na aproximação com a mídia, quando esta media seu espetáculo. A relevância social à qual a pesquisa foi submetida, possibilita uma discussão sobre as faces ocultadas pelo fetiche do esporte, pois quando se analisa um fenômeno, perpassando pelas suas bases históricas, políticas, econômicas e sociais, além de tratar da contradição e de interesses antagônicos de ordem do capital, pode-se contribuir para promover uma ampla discussão sobre esse fenômeno nos dias de hoje e sua relação com a formação humana. A partir do método dialético, a investigação teve como opção metodológica, numa perspectiva qualitativa, a caracterização de uma pesquisa histórica. Nos procedimentos para “colheita” dos dados foi incluída a captura das informações em jornais (mídia impressa) sobre a história da formação do time de futebol da Fábrica, com recortes no período de 1949 a 1970, e entrevistas - semi-estruturadas - com pessoas (cronistas esportivos, diretores do clube, jogadores, jornalistas, operários) que fizeram e fazem a história do clube. A sistematização e a interpretação dos dados (base documental e depoimentos) foram procedidas por meio da análise de conteúdo, a partir de categorias extraídas do próprio campo investigativo. Neste sentido, encontrei subsídios que apontam para o processo de mercadorização do esporte em Aracaju e também do papel da mídia na veiculação do espetáculo esportivo.

PALAVRAS-CHAVE: Mercadorização; Fetiche; Futebol de Fábrica; Indústria Cultural

ABSTRACT

This study analyzed magic power produced by the merchandise sport, from a concrete situation: the sprouting of a Club of Soccer of Plant (Porting Association Confidence), in the city of Aracaju/SE, the year of 1949. Having as first theoretician the historical materialism, the study broke of a concept of the merchandise elaborated for Karl Marx, in century XIX and of its metamorphosis, arriving at a cultural good (as the sport), that the culture process of banal-action of or Cultural Industry is configured in our time with. In this direction, I analyzed the sport in its some dimensions in modernity, in its form of income and spectacle, as well as in the approach with the media, when this measured its spectacle. The social relevance to which the research was submitted, makes possible a quarrel on the faces occulted for magic power of the sport, therefore when a phenomenon is analyzed, pass by for its historical bases, politics, economic and social, besides dealing with the contradiction and antagonistic interests of order of the capital, it can be contributed to nowadays promote an ample quarrel on this phenomenon and its relation with the formation human being. From the *dialectic* method, the inquiry had as method system option, in a qualitative perspective, the characterization of a historical research. In the procedures for "harvest" of the data the capture of the information in periodicals was include (media printed) on the history of the formation of the teams of soccer of the Plant, with clippings in the period of 1949 the 1970, and interviews - half-structuralized - with people (sporting columnist, directors of the club, players, journalists, laborers) that they had made and they make the history of the club. The systematization and the interpretation of the data (documentary base and depositions) had been proceeded by means of the content analysis, from extracted categories of the proper field. In this direction, I found subsidies that also point with respect to the process of merchandise-action of the sport in Aracaju and of the paper of the media in the propagation of the sporting spectacle.

Key-Words: Merchandise-action; Magic power; Soccer of Plant; Cultural industry

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
RELEVÂNCIA SOCIAL E TEÓRICA DO PROBLEMA	17
1.1 Quanto ao Objetivo Geral e às Questões Investigativas.....	25
CAPÍTULO II	
CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA	29
2.1 Contextualizando o Esporte Moderno: idealização, materialização e venda	30
2.2 A mercadoria força de trabalho materializada no mundo do esporte	35
2.3 Indústria Cultural e Semi-formação: condições necessárias	42
2.4 O Fetichismo como Mistificação das Massas	47
2.5 Mídia, Política e Ideologia: reflexões acerca do fenômeno esportivo	54
2.6 Nas Trilhas Metodológicas da Pesquisa	62
2.6.1 Uma Perspectiva de Entender a Realidade: o materialismo histórico	63
2.6.2 Introduzindo a Metodologia: a forma e o campo	70
2.6.3 Procedimentos na “Colheita” dos Dados e Delimitação	72
2.6.4 Perspectiva da Análise da Pesquisa	75
CAPÍTULO III	
ANALISANDO: Da Fábrica Ao Campo [...], Tecendo Seus Fios Históricos	77
3.1 ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA: Algumas épocas antes...!	80
3.2 CONFIANÇA: A História Continua, Tecendo a História	93
3.2.1 “A História que não se conta...!”	95
3.3 O Profissionalismo “Oculto” do Confiança	109
3.4 Da Fábrica ao Espetáculo do Confiança:	
Um Casamento Feliz com a Mídia	111
3.4.1 O Espetáculo: do Confiança ou da Sociedade?!	131
3.4.2 Nessa História ..., o Espetáculo Gera Renda	135
3.4.2.1 Criação dos Estádios/Mercados	142

3.5 O Confiança na Mídia: considerações entre 1949 e 1966	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
ANEXOS	179

INTRODUÇÃO

*Ela está no horizonte.
Aproximo-me dois passos,
ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos
e o horizonte foge,
dez passos mais distante.
Por mais que eu caminhe
nunca a alcançarei.
Para que serve a utopia?
Para isto serve:
PARA CAMINHAR*

(Eduardo Galeano – UTOPIA - As Palavras Andantes)

A investigação científica traz consigo uma carga de determinantes – rigores epistemológicos e metodológicos, com seus instrumentos de apreensão da realidade – que envolve seus “agentes” (pesquisadores e sujeitos pesquisados) numa dimensão de extrema objetividade. Muitas vezes esses agentes cegam-se diante da simplicidade e complexidade da vida humana, até por que, como diz Celso Furtado¹: “a ciência não explica tudo”. Ora, mas para que serve então a pesquisa? Será que encontraremos respostas a partir de seus resultados? Bem, o que é essencial nessa investigação, é que ela possibilite a “Utopia”², ou seja, possibilite-nos viver, enquanto pesquisadores, caminhando, mesmo tendo a clareza que esse “não-lugar” seja inatingível.

Foi com essa perspectiva que se analisou nosso objeto de estudo. **“Da Fábrica ao Campo de Futebol, Vender Tecido e Vender Espetáculo: tecendo os fios da história de um “casamento feliz”³** traz as dimensões da vida humana, na sociedade capitalista, a partir do contexto político, social e econômico, numa cidade da Região Nordeste do Brasil, que é envolvida pelo fenômeno esportivo. Entendo que a “Utopia”, em conhecer essa história não se tratou de um sonho impossível, mas que foi a possibilidade de descobrir, de um vir a ser.

¹ “Conexão Roberto D’Ávila”. Rede Cultura. 26/11/04.

² Compartilhamos com o pensamento de Eduardo Galeano: este foi um trabalho que nos ensinou a caminhar.

³ Utilizamos “trocadilhos” na idéia de Casamento Feliz, extraídas das obras “Dialética do Esclarecimento (Adorno e Horkheimer) e Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz (Valter Bracht). O significado aqui é outro, ou seja, aqui consolida-se o casamento feliz para o Capital.

A passagem de Penélope⁴, na *Odisseia*, escrita por Homero (poeta grego – período homérico entre 1200 e 800 a.C. - antigüidade clássica) serviu de inspiração para “desfazer” e “fazer” nossa história, “tecendo seus fios” para, então, construir as considerações acerca do esporte – futebol/fábrica - no Estado de Sergipe. Neste sentido, esta caminhada iniciou-se a partir de um estudo monográfico⁵, em que observei uma força poderosa de que dispunha um determinado esporte (o futebol), assumindo a hegemonia⁶ em relação aos agentes sociais que, então, construía a história de um clube de fábrica e que o levou a um lugar de destaque no cenário do futebol sergipano.

Este foi o primeiro passo para compreender as relações de trabalho e capital que se materializam no mundo esportivo espetacularizado e, principalmente, para entender o processo de mercadorização do qual está submetido o homem no sistema capitalista, em todas as suas dimensões; seja na fábrica, seja no clube, no “lazer”. Sendo assim, aqui há um convite para que possamos discutir as “facetas” produzidas pelo esporte na modernidade, a partir de seu fetiche⁷, numa situação concreta, real e particular: o surgimento de um clube de fábrica, a Associação Desportiva Confiança - da Fábrica de Tecidos Confiança - em Aracaju-SE. Caminhando em uma perspectiva crítica, de enfoque dialético e abordagem qualitativa, analisei o fenômeno esportivo nas dimensões científicas de pesquisa social, numa relação inseparável entre sujeito e objeto.

⁴ Penélope, esposa de Ulisses e após este, como morto, viu-se cortejada a casar-se com os pretendentes ao reino. Estrategicamente, ela resolveu tecer uma blusa (seria dada ao pretendente escolhido), no entanto, na calada da noite, desfazia tudo aquilo que havia tecido durante o dia. Com isso, ela ganharia mais tempo na esperança de Ulisses retornar. Esta passagem assemelhar-se-á com a construção do conhecimento filosófico, que se caracteriza por um constante fazer e desfazer. Este trabalho de pesquisa, começa pelo que foi realizado em 1997, desfazendo-o e reconstruindo com novas bases.

⁵RIBEIRO (1997), *Amadorismo/Profissionalismo: suas relações com trabalho na história de clube de fábrica* – Monografia de final de curso, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe - explica a relação de trabalho e capital no âmbito da formação de um clube - Associação Desportiva Confiança (ADC) - materializada no esporte.

⁶ Encontram-se, na literatura, vários significados deste termo. Seja significando domínio, seja significando liderança (tendo implícita a noção de consentimento). Tomarei este segundo significado, não sendo aqui, explicitamente, o mesmo que Gramsci desenvolveu em seus escritos – “Cadernos do Cárcere”. Mas, sobretudo, pela “subversão que a classe trabalhadora encontrou para produzir sua existência, por meio do esporte. É claro que qualquer tentativa mais organizada e coletiva de confrontar a lógica capitalista encontrará uma classe (burguesa) forte para manter sua dominação.

⁷ Este é um conceito essencial neste estudo, seja como uma “crença no poder sobrenatural ou mágico de certos objetos materiais” (ABBAGNANO, 1996 p. 436), ou como um feitiço artificial, e até a partir da sociedade capitalista, quando os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente” (BOTTMORE, 1993; MARX, 1996), ou a partir de seu valor simbólico na condição de mercadoria.

Nesse sentido, num primeiro momento, encontrei evidências de um processo civilizador. A partir do pensamento de Karl Marx, Ianni (2001) expõe que o capitalismo é um processo civilizatório, no sentido em que influencia todas as formas de organização do trabalho e da vida em que entra em contato. Sendo assim, mesmo passando por em crises (ou vivendo constantemente nelas), o capitalismo cria e recria-se continuamente o seu modo de produção. Isto fica evidente com o poder de generalizar-se para todos os cantos do mundo e, mesmo existindo pólos poderosos – Europa/Estados Unidos – desenvolve correlação com pequenas nacionalidades aliado às suas forças produtivas (capital, à tecnologia, à força de trabalho, à divisão social do trabalho, ao mercado, ao planejamento e à violência, entre outros). Marcadamente, “desenvolve e recria simultânea e necessariamente as relações de produção, compreendendo as instituições em geral, as instituições jurídico-políticas em especial, envolvendo os padrões sócio-culturais, os valores e os ideais” (IANNI, 2001 p. 198).

No tocante à Associação Desportiva Confiança, objeto central da análise, foi marcante a sua passagem de prática “lúdica” para uma prática profissionalizante. Com a criação da equipe de futebol, em 1948/9 instaura-se um processo de mercadorização, pois esta Associação marca definitivamente uma ruptura nas práticas esportivas – futebol – no Estado. O modo pelo qual se consolidou a formação de suas equipes; a aproximação com o público (principalmente das camadas mais pobres da sociedade sergipana); a relação com a mídia (impressa e falada); seu caráter hegemônico (de ordem do capital e da sobrepujança frente às outras equipes do Estado); tudo isso apontou para uma nova dimensão do futebol sergipano, com características “espetaculares”. Com isso, foi se formando um “contigente” (potenciais consumidores) que aprecia e era seduzido - “encanto” – por esta nova forma de espetáculo.

Portanto, apresentarei no Capítulo I a problematização que se configura objeto de estudo, determinando assim, o objetivo central que conduziu esta investigação, bem como sua relevância para Educação Física e para sociedade.

No Capítulo II, tratarei de uma “trama” indissociável entre a teoria e a metodologia. A partir do processo de mercadorização, focalizei as interfaces do esporte – na condição de fenômeno social e como mercadoria/espetáculo/fetiche – na sua mediação com a mídia, na relação com a Indústria Cultural. Discutirei as formas de abordar a realidade, a partir do campo investigativo.

O Capítulo III refiro-me, exclusivamente, às análises da pesquisa. A partir de temáticas extraídas do próprio “campo”, construí a narrativa histórica desse fenômeno esportivo. Aqui, foi discutida desde sua perspectiva civilizadora⁸ à posição de mercadoria fetichizada pelo espetáculo.

⁸ IANNI (2001) – “Teorias da globalização”.

CAPÍTULO I

RELEVÂNCIA SOCIAL E TEÓRICA DO PROBLEMA

O mundo urbano é sempre plural, atravessado por múltiplas diversidades e desigualdades, contemporaneidade e não-contemporaneidade. Ai estão presentes o passado mais remoto e o recente, o “era uma vez” e o “faz de conta”, ao mesmo tempo que estão evidentes a trama das relações sociais, o jogo das forças sociais, as condições da alienação e as possibilidades da emancipação (OCTÁVIO IANNI, 2000 p.135).

O que se “vê”, quando assistimos a um espetáculo esportivo? Ou melhor, o que está por trás do fenômeno esportivo numa sociedade capitalista e de classes? Este problema inicial desafiou-me a uma investigação científica, no sentido de “desmascarar” as faces encobertas da mercadoria que se materializam na espetacularização esportiva. Pois, movidos por um movimento “sedutor”, ao assistirmos um espetáculo⁹ esportivo somos transportados para um mundo que manifesta gostos, prazeres, seduções, desde seu agendamento¹⁰ prévio, passando pela sua transmissão completa - com início, meio e fim – inclusive, continuando com a “falação esportiva”¹¹.

No entanto, toda essa relação de necessidades "criadas", substancialmente, representa a materialização ideológica do contexto socioeconômico capitalista¹², que entrelaçada ao rearranjo da ordem econômica de manutenção do capital internacional monopolista - Globalização¹³ - determina

⁹ GUY DEBORD (1997) - Ver “Sociedade do Espetáculo” – Nesta Obra há evidências que o espetáculo representa o “mundo da mercadoria” em forma de imagem.

¹⁰ FAUSTO NETO (2000) – “estratégias de agendamento desenvolvidas pelos jornais”

¹¹ HUMBERTO ECO. Ver “A falação esportiva” (1984).

¹² HOBBSBAWN (1997) - A era do capital - explicita que, com o capitalismo, institui-se também a incorporação de sua ideologia a partir da classe burguesa. Ou seja, um novo mundo do ciclo do comércio, acreditando-se que o crescimento econômico repousava na competição, na livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato e vender no mais caro.

¹³ BOLAÑO (1999) – Globalização e regionalização da comunicações; JAMESON (2000) - A cultura do dinheiro; IANNI (2001, p.13) - "a terra mundializou-se de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica"; BELLONI (2001) - Explica que num período de globalização "Já ninguém duvida que os avanços tecnológicos não ajudaram a diminuir o tempo de trabalho de cada ser humano [...] eles tendem a aumentar a cadência dos processos de produção, obrigando os trabalhadores, a, literalmente, correrem atrás das máquinas. Embora a jornada de trabalho venha sendo reduzida legalmente na maioria dos países e

mudanças significativas nas relações socioculturais, atendendo assim, a uma ótica de mercado. Ou seja, nesta sociedade (de classes) a ideologia se manifesta na realidade concreta que ela mesma orientou (determinou) aos homens o seu “agir” e, assim, o espetáculo transforma-se em sua própria ideologia separando esses indivíduos entre si pelas “coisas” e imagens.

Nesse sentido, “a pergunta de partida” acima formulada - que constituiu o problema - ajudou-me a estabelecer um fio condutor, tendo o cuidado, como alerta Quivy (1998), de não pretender contemplar, com isso, a totalidade da investigação, mas, sobretudo, refletir¹⁴ uma preocupação do ponto de vista científico, no sentido de buscar uma explicação, repensando e voltando atrás na história, sobre um dado fenômeno - o esportivo - que no seio da sociedade moderna, assumindo a forma peculiar de mercadoria, atrai e fascina os homens (fetiche), conduzindo-os ao seu consumo.

A história que representa a introdução e hegemonia do futebol no clube de fábrica (Associação Desportiva Confiança)¹⁵, a partir do ano de 1949, é, no mínimo, fascinante. Por ganhar todos os jogos e torneios, bem como por montar a melhor equipe de futebol (contratando os melhores jogadores do Estado), ganha o slogan “já nasceu grande”, como se fosse um *espectro* que assombrava o cenário do futebol sergipano, à época. No entanto, há por trás do simples “aparente” uma dimensão complexa e contraditória nas relações de trabalho; de capital e na luta de classes, pois este fenômeno dá-se no seio de uma fábrica, em que a perspectiva capitalista para a obtenção do lucro, constitui-se o eixo central de interesses daqueles que detêm o capital. Fato que naturaliza esses acontecimentos históricos, fetichizados pela paixão ao futebol.

Assim, o problema inicial, que propus em forma de pergunta, representou, na investigação, aquilo que se pretendeu conhecer sobre a realidade e o fenômeno em questão: uma meta que procura um alvo. Mas, como expressa na letra da música de Paulinho Moska (a seta e o alvo) “*é a meta de uma seta no alvo, mas o alvo, na certa não te espera, então me diz qual é a graça de já saber o fim da*

em quase todos os setores da economia, as diferentes aplicações das mais atualizadas tecnologias de informação e comunicação, TIC, [...]conseguem estender não apenas o tempo de trabalho, mas também seu espaço, alcançando o trabalhador em sua própria casa, invadindo a esfera privada da sociedade e o tempo livre dos indivíduos”. (p. 86).

¹⁴ SAVIANI (1986, p. 23) – “Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado”.

estrada quando se parte rumo ao nada". Para Saviani (1986, p. 21), a essência do problema é a necessidade, ou seja: "uma questão cuja a resposta se desconhece e se necessita conhecer".

Neste sentido, não parti rumo ao "nada", mas, tendo como "meta" espantar-me frente aos fenômenos (como o esporte) que nos aparecem; além de não naturalizar as relações sociais que estão imbricadas na formação e criação de um clube de futebol de fábrica. A partir da sociologia crítica do esporte, percebe-se os valores que são dados ao esporte, na sociedade capitalista, numa perspectiva de torná-lo um bem dotado de valor de troca, incorporando-se ao capital, que faz dele um instrumento de geração e ampliação do lucro. Nesse aspecto, Pires (1997), convida-nos para reflexão, no sentido de que a cultura esportiva, movida pelos interesses do capital globalizado, pode acarretar mudanças nas práticas culturais de movimento socialmente construídas. Entendo que este foi um caminho importante e observado na problemática, pois, nessa perspectiva, o esporte vê-se configurado em mercadoria e espetáculo, para atender aos interesses diversos e antagônicos presentes nas relações sociais entre os homens.

Por isso, segundo Saviani (1986), esta pesquisa precisou ser radical (indo até as raízes da questão, ou seja, uma reflexão em profundidade); ser rigorosa (sistemática, a partir de um método que analise a sabedoria popular e a ciência); por fim, a partir de pressupostos filosóficos, descobrindo, ou buscando saber, onde se localiza o problema em questão, tornando possível a relação ciência e saber. Percebo que a partir da Revolução Industrial (marco fundamental para o esporte, devido a sua relação com a sociedade industrial moderna¹⁶), esta configuração - do mundo da mercadoria - passa a ser feita em larga escala, ampliando o processo de troca e, com isso, uma nova estruturação do mundo do trabalho passa a incorporar o processo alienante na produção dos bens, revolucionando o modo de produção, num processo contínuo de dominação, forçando¹⁷ uma grande mudança na relação dos homens e mulheres com a natureza para produzirem sua existência, ou seja, uma grande mudança no trabalho. Valores humanos como a ética, a música, a arte,

¹⁵ www.confiancase.hpg.ig.com.br

¹⁶ BRACHT (1997, 1989); BELLONI (2001, p. 95), explica que "o desenvolvimento e a crescente importância dos esportes-espetáculo, estão historicamente relacionados com o progresso da produção industrial de massa e com o avanço técnico e científico".

¹⁷ Utilizei esta expressão, por entender que, com o capitalismo industrial, o trabalhador não tem outra opção do que vender a sua força de trabalho para subsistir. Pois, constitui-se um período histórico em que se mercantiliza a força de trabalho.

tudo vira “fumaça”, no intuito de compor o combustível para a locomoção desta estrutura sistêmica chamada capitalismo, obedecendo a ordem de um deus, o Capital.

Entendo que mesmo num tempo em que alguns autores propõem que chegamos na pós-modernidade¹⁸, em que a produção em massa de mercadorias e o trabalho foram substituídos pela flexibilização do trabalho como explicita Silva (2003), e ainda, como explica Belloni (2001, p. 87), que "o homem continua, mesmo durante o tempo de não-trabalho, obedecendo à lógica da produção econômica, ou seja, a uma racionalidade instrumental que o instrumentaliza enquanto trabalhador e enquanto consumidor", é crucial estabelecer um elo entre o período industrial moderno e a sua correlação com o esporte, simplesmente pelo fetiche provocado pelas relações econômicas na produção da existência¹⁹. Nesse aspecto, numa sociedade capitalista tão efêmera (pois o novo já nasce velho, na lógica do consumo) e contraditória como a nossa, que desumaniza o homem ante o objeto, coisificando-o, transformar então, um fenômeno social, aceito pelo “senso comum” como natural ao movimento humano, na sua forma hegemonicamente dominante, em problema de pesquisa, constituiu o desafio desta pesquisa, principalmente por entender que a Alienação²⁰, exposta por Marx, impede de ver no esporte-espetáculo, toda uma relação contraditória de dominação e exploração, não só da força de trabalho, como do imaginário social.

Para Silva (2003, p. 40), “a dinâmica de destruição e exclusão social patrocinada pelos gestores do capital internacional como o FMI e o Banco Mundial atinge tanto crianças e jovens, quanto grande contingente da classe trabalhadora constituída de adultos e velhos”. Foi nesta perspectiva que analisei as relações

¹⁸ Loureiro (2003, p. 23 a 30), elabora uma síntese sobre o conceito de pós-modernidade. Acredito ser uma boa “pista” para quem quer continuar a discussão. Dois autores são essenciais para o entendimento do conceito: FREDRIC JAMESON (“Pos-modernismo e “A Cultura do Dinheiro”) e PERRY ANDERSON (“As Origens da Pós-modernidade”).

¹⁹ MARX & ENGELS (1996) - o trabalho é condição necessária para o homem fazer história.

²⁰ MARX (1964, p. 160) - “Manuscritos Econômicos” - Expõe como o trabalhador se relaciona ao produto do seu trabalho como a um objeto estranho. “A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica”. A alienação significa que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo (a natureza, os outros e ele mesmo) permanece alheio ou estranho a ele.

sócio-econômicas que se materializam no esporte, desde a criação de um simples clube de fábrica à consolidação hegemônica do esporte espetáculo²¹

Nos estudos de Silva (1991) e Bracht (1997) há evidências de que o esporte (moderno) relaciona-se em sua formação com a sociedade capitalista moderna, o processo de industrialização, a formação das cidades, a perspectiva modernizadora²² que, então, se constituía. Neste aspecto, acrescenta-se aqui caráter mercadoria em algumas modalidades esportivas oriundas da classe burguesa que se consolidava como hegemônica, gerando assim, o esporte espetáculo. Assim, "tão rápido e tão ferozmente quanto o capitalismo o esporte expandiu-se a partir da Europa para o mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento" (Bracht 1997, p. 5). Neste aspecto, o esporte assume as características da sociedade que o criou e perpassa no praticante uma relação ideológica de comportamento e adaptação às suas diretrizes.

Nesta perspectiva de análise sobre as características pertinentes ao esporte-espetáculo, nos dias atuais e também a partir da problemática em que se localiza o objeto de estudo, evidencia-se a sua relação com o processo de comercialização, pois o mesmo tende a transformar-se em mercadoria. Esta é produzida para venda (possuindo um valor de troca) constituindo-se assim, numa mercadoria útil, ou seja, com um valor-de-uso, consumida por uma massa de espectadores. Para Belloni (2001, p. 96), "o que corrompe o esporte e degrada a natureza do jogo, não é tanto o profissionalismo ou a competição, mas a desintegração das convenções que os estruturam socialmente, o que acarreta sua banalização. Assim, o ritual, o teatro e o esporte degeneram em espetáculo".

Neste sentido, numa lógica de mercado, o esporte espetáculo insere-se na Indústria Cultural e na Indústria do Entretenimento, que para Jameson (2001) significa uma das exportações mais rentáveis dos Estados Unidos, juntamente com a indústria de alimentos e armas. Compreende-se então, numa análise elaborada por Bolaño (1999), que

²¹ BETTI (1998) entende que não cabe mais considerar a expressão apenas de esporte espetáculo, e sim, "tele-espetáculo" pelo fato de sua evolução tecnológica, apoiado na mídia (Televisão) e preparado para o consumo de telespectadores. No entanto, para este estudo, a conceituação esporte espetáculo será mais determinante devido ao período de análise (1949-1970).

²² IANNI (2001, p. 200) – Explica que para Marx, o capitalismo é um processo civilizatório mundial. "Trata-se de um processo civilizatório que invade todo o globo [...] e cria as bases de um novo mundo,

Marx, obviamente, não dispunha de elementos para prever o surgimento e a expansão da produção capitalista de cultura que, no século XX, passa a ser feita em larga escala. O fato é que, desde sua implantação, a lógica do capital extrapola progressivamente o campo da produção material e invade todos os setores da vida. Com a indústria cultural, o capital se alça à superestrutura e a própria produção cultural adota a forma mercadoria. (p. 83-84).

Neste sentido, analisando a ideologia consumista moderna, para a qual a Indústria Cultural contribui, o novo já nasce velho, ou seja, como diz Zuim, (1999), tudo que é produzido parece ser obsoleto, parece-me que "nada deve ficar como era, tudo deve estar em constante movimento. Pois só a vitória universal do ritmo da produção e reproduções mecânicas é garantia de que nada mudará, de que nada surgirá que não se adapte" (Adorno & Horkheimer, 1985, p.115). Com isso, a Indústria Cultural aperfeiçoa o feitiço das mercadorias, fazendo materializar-se aquilo que é não-material, sob a condição de um produto e, nesta configuração, o esporte como um fenômeno cultural, criado historicamente pela humanidade, aparece e cristaliza-se numa relação comercial de compra e venda. É a intenção do rebaixamento da cultura (*Bildung*) e com isso tudo se permite, como explicam Adorno & Horkheimer (1991) que

a indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo[...]. As obras de arte são ascéticas e sem pudor, a indústria cultural é pornográfica e puritana. Assim, ela reduz o amor ao romance e, uma vez reduzido, muita coisa é permitida, até mesmo a libertinagem como uma especialidade vendável em pequenas doses e com marca comercial daring (p. 131).

Envolver essas características (da mercadoria, do esporte, da Indústria Cultural e a Teoria da Semi-formação) constituiu um desafio, até por que, como diz Jameson (2001), o capitalismo de hoje encobre o misterioso brilho da mercadoria, mas depende de uma lógica cultural, de uma sociedade de imagens voltadas para o consumo. Neste sentido, este é um argumento que se considera, principalmente porque a lógica capitalista na obtenção do lucro marca a ordem e o modo de produção na atual conjuntura de globalização. Diante deste contexto a que se

influenciando, destruindo ou recriando outras formas sociais de trabalho e vida, outras formas culturais e civilizatórias”.

entrelaça o objeto de pesquisa, encontra-se uma indústria (cultural) nova, disposta a comercializar tudo e a todos pelo princípio da troca. Pode-se comprar a honra, a dignidade, inclusive, espetacularizar²³ a morte, ou seja, como previam Marx e Engels (1980, p. 12), tudo vira fumaça para compor o combustível do capitalismo: "tudo que era sólido e estável se esfuma [...]".

Essas inquietações constituíram parte da problemática, convidando-me a refletir sobre as "facetas" que se configuram na estrutura capitalista de produção e como elas estão imbricadas na formação de um clube de fábrica. Lazer, amor ao esporte, marketing empresarial, ocupação do tempo livre, produção da existência, que segredo esconde este fetiche?

No instante em que se pensa a relevância deste estudo, paira sobre esta perspectiva uma preocupação no sentido de que se trata de um tema já discutido, com muitas produções²⁴ e, portanto, sem maior relevância no contexto da Educação Física brasileira. No entanto, quando analiso um fenômeno (como o esporte) perpassando pelas suas bases históricas, pedagógicas e políticas aqui enunciadas, percebo o quanto ainda se tem a discutir, ou seja, vejo o quanto é importante manter sempre o diálogo aberto para a contradição que envolve um fenômeno social.

Neste aspecto, no âmbito da pesquisa, há uma ausência de discussão crítica e mais aprofundada sobre o esporte. Ora, estudo como este, expõe o fenômeno em suas contradições e conflitos, trata com os sujeitos (pesquisador e pesquisados) históricos, destaca a categoria trabalho, entendendo trabalho como processo produtivo, como a forma que o homem tem de se relacionar com a natureza, transformando-a e adequando-a às suas necessidades, ou seja,

²³ DEBORD (1997) - "A sociedade do espetáculo" - Nesta pesquisa haverá durante todo processo de construção, relações em forma de metáforas, referentes a esta obra devido sua importância para o objeto de pesquisa.

²⁴ Em relação à discussão sobre o esporte-espetáculo, o processo de mercadorização, futebol de fábrica e Indústria Cultural, Esporte e Mídia encontramos muitos trabalhos como: Silva (1991) - Esporte-espetáculo: a mercadorização do movimento cultural humano (dissertação Mestrado/UFSC); Marchi Júnior (2002) - "Sacando" o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (tese de Doutorado/UFPR); Bracht (1997) - Sociologia Crítica do Esporte; Mara Cristian (1995) - Esporte & Sociedade; Antunes (1994) - O futebol nas fábricas; Bruni (1994) - Dossiê Futebol; Betti (1997 & 1998) - Violência em Campo & Janela de Vidro; Pires (2002) - Educação Física e o Discurso Midiático além de muitos artigos publicados nas Revistas do Colégio Brasileiro de Ciências do

necessário na produção da existência. Enfim, um estudo como este pode constituir-se num instrumento para o debate amplo e interdisciplinar, seja no âmbito acadêmico, seja na sociedade, principalmente no tocante às políticas setoriais de esporte. Este é um aspecto que representa a relevância social à qual a pesquisa está submetida, ou seja, possibilita aos profissionais da Educação Física e à sociedade uma discussão sobre as faces encobertas pelo fetiche do esporte.

Fazendo uma leitura crítica, percebe-se o quanto a sociedade capitalista se apropria dos valores humanos, construídos historicamente, transformando-os em mercadorias, usufruindo dessa relação de troca, sem que o homem se perceba enquanto produtor e nem reconheça os objetos produzidos por seu trabalho. Por isso, considero que este estudo poderá ser de vital importância para uma discussão e reflexão no seio de uma sociedade. Principalmente, por hoje estarmos vivendo numa campanha de retorno à obrigatoriedade do esporte na escola²⁵, sobre o pressuposto da melhoria na qualidade de vida, ênfase à saúde, combate às drogas, entre outros. No entanto, verifico que o esporte tem funções bem determinadas no âmbito das empresas privadas que oferecem ensino. Geralmente, serve para veicular o nome da empresa - funcionando como um marketing²⁶ - o que descaracteriza sua função educacional. Principalmente, quando está no período de “Olimpíadas”, uma vez que os sonhos são fantasiados na figura dos “mitos” – atletas²⁷ – do esporte, encobrendo assim, a partir do fetiche produzido por este símbolo, os valores/interesses de ordem do capital, que perpassam por este grande evento esportivo mundial.

Ora, um estudo dessa natureza pode abrir possibilidades de discussões e reflexões acerca do fenômeno esportivo, posto que o mesmo será estudado do ponto de vista de suas contradições, conflitos, interesses antagônicos, ou seja, do ponto de vista da essência do fenômeno, fugindo e rompendo com as aparências e remetendo-nos a uma teoria do conhecimento sobre o esporte, e longe então, de uma imposição que não traduz a necessidade fundamental na formação humana.

Esporte, Motrivivência/UFSC, Revista USP, Motriz/UNESP, Revista de Educação Física/UEM-PR e outras.

²⁵ www.esporte.gov.br/secretarias - Vê-se claramente o papel do Estado nesta iniciativa, seja em programas de incentivo ao esporte de rendimento, seja em programas de inserção no âmbito escolar.

²⁶ RIBEIRO & SANTANA (2000), DANTAS (2002) - Estudos de pesquisa no âmbito da Disciplina Basquetebol I e Monografia de Final de Curso, respectivamente, na Universidade Federal de Sergipe, apontam para esta reflexão.

Neste sentido, o compromisso que se deve ter numa relação pública de troca - Universidade/Sociedade - é o de esclarecer, através de uma reflexão acerca da construção histórica da humanidade e, compreendendo o tipo de sociedade em que se vive, buscar alternativas de superação em suas contradições e conflitos.

1.1 Quanto ao Objetivo Geral e às Questões Investigativas

Elaborei como objetivo deste estudo, **analisar o fetiche da mercadoria materializada no esporte, a partir de uma situação concreta: o surgimento de um clube de fábrica.**

Considerando o objetivo e relacionando-o com a problemática deste estudo, mantive a análise a partir da relação indissociável do esporte como rendimento e espetáculo. Uma vez que ele, nesta relação, manifesta-se (no espetáculo) na comercialização dos produtos que são produzidos e veiculados por ele, tornando assim, atrativo aos olhares dos proprietários do capital. Além disso, às vezes, tem o aval e a participação financeira do Estado²⁸, principalmente, num período de realização de jogos olímpicos que, ideologicamente, na realidade brasileira, verifica-se um deslocamento das atenções nacionais para este evento. Segundo Azevedo e Rebelo²⁹ (2001), o futebol provoca uma intensa presença no imaginário popular e que os grandes atletas chegam à figura de heróis nacionais.

Isto é percebido quando Bracht (1997, p. 70), explica que o esporte: a) é uma atividade com regras de fácil compreensão e adequa-se bem às características da comunicação de massa e à indústria do entretenimento; b) oferece à população uma possibilidade de identificação com o coletivo (Nação); c) cria um mundo dentro

²⁷ Claudio Szykier - Carta Maior Agência de Notícias E-mail: fale_agencia@cartamaior.com.br - " Dos Santos, do Brasil - Por que Daiane dos Santos é o novo fetiche da Globo?" - Análise sobre imagem, auto-estima nacional e ficção revela detalhes interessantes sobre essa adoção.

²⁸ www.esporte.gov.br - No atual governo, há uma Política Nacional de Esporte que verifica as várias faces do processo de apropriação social do fenômeno esporte, envolvendo as características de: 1 - Esporte social (como instrumento de inclusão social); 2 - Esporte educacional (complementa à atividade escolar); 3 - Esporte de alto rendimento (esporte competitivo, produzir atletas) e 4 - Recreação e lazer. Além dos Programas "Esporte e Lazer da Cidade", "Segundo Tempo" (acesso às práticas esportivas nos estabelecimentos públicos de educação no Brasil). Uma crítica pertinente aos processos de apropriação social do esporte é feita por Pires (1998).

²⁹ AZEVEDO & REBELO (2001) - "A corrupção no futebol brasileiro " - Expõem sobre a corrupção no futebol brasileiro a partir do Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, que investigou as relações entre a CBF e a NIKE.

do mundo e que o espectador foge à realidade e vira uma compensação para o mundo do trabalho; d) os sucessos esportivos fornecem prestígio nacional e os atletas são elevados à figura de representantes nacionais.

Neste contexto, cabe uma reflexão como sugere Freitag (apud Bracht, 1997), sobre os programas sociais no Brasil, esclarecendo que a política social brasileira – como qualquer outra política social – precisa ser compreendida não em termos assistencialistas, mas, em termos econômicos e políticos, como um instrumento usado pelo Estado para manter as bases de funcionamento do sistema de acumulação e que essa política social atinge, por isso mesmo, de diferentes formas e com objetivos variados, tanto as populações trabalhadoras inseridas no mercado de trabalho, quanto a força de trabalho potencial que, por razões as mais diversas, não foi absorvida no processo produtivo. Neste aspecto, deve-se levar em consideração que o estado capitalista é atravessado de lado a lado pelas contradições de classes, ou seja, se constitui em campo e objeto da luta de classes. Talvez, então, seja essa a possibilidade de se analisar o fetiche (mercadoria) produzido pelo esporte.

Numa pesquisa, o objetivo central (geral) do estudo pode se interrelacionar com questões investigativas que entrelaçam o objeto e configuram-se como fundamentais para apreendê-lo. Neste sentido, uma grande questão que perpassou o objetivo foi entender o porquê do desestímulo de outras práticas desportivas - voleibol e basquetebol - e o incentivo ao futebol, a partir do final da década de 40 do século XX, em Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Pois, do ponto de vista histórico, o surgimento da Associação Desportiva Confiança deu-se com a intenção de promover a prática de Basquetebol e Voleibol em 1º de maio de 1936. No entanto, a partir de 1º de maio de 1949, quando se cria a equipe de futebol, há um deslocamento, do ponto de vista do incentivo, para que esta ganhe projeção ampla no Estado, inclusive com o *slogan* “já nasceu grande”. Com isso, abriu-se uma lacuna para entender a visão dos empresários que, segundo Antunes (1994), era: se o time ia bem nas competições, a empresa poderia divulgar mais os

seus produtos, por meio da fama do time, como era o caso da equipe do Bangu, no Rio de Janeiro. Para a autora “O prestígio da empresa se não era totalmente dependente da equipe de futebol, podia em parte, ser favorecido por ele. Afinal, o clube era uma espécie de cartão de visitas da empresa. Ele carregava seu nome e suas cores e, no limite, divulgava seus produtos” (Antunes apud Bruhns 2000, p.61).

O sucesso do Bangu (Clube de fábrica de tecidos), do Rio de Janeiro, certamente foi um bom motivo para que se ratificasse essa iniciativa. Estas considerações me levou a acreditar que já existia um interesse na articulação de uma equipe (Fábrica) para mostrar (espetáculo) o seu produto. Neste sentido, questiona-se: será então, que esse caráter (de mercadoria) já se configurava naquele momento e por isso, o basquete e o vôlei foram sendo "deixados de lado" justamente por essa relação (de mercadoria) que ia se mostrando a partir do espetáculo esportivo? Obviamente, encontrei respostas que ratificam esta questão, pelo caráter mercadoria, no entanto, compreendo que existem outras, ou seja, pela própria dimensão que futebol ganhou no Brasil, tornando-se prática hegemônica.

Necessariamente, abri uma discussão crítica com relação aos meios de comunicação de massa³⁰. Até por que, as influências do processo de globalização estavam presentes nas análises do estudo. Concordo então, com Pires (1997, p. 31), quando explica que

nenhum estudo mais abrangente e rigoroso que proponha a refletir sobre o fenômeno da globalização, pode prescindir da análise dos processos de comunicação de massa, principalmente se o foco mais direto do estudo concentrar-se na questão da cultura mundializada.

Este entendimento é reforçado por Ianni (2000), quando expõe sobre os atributos de Príncipe, no sentido maquiaveliano ou como um intelectual orgânico gramsciano, que a Mídia recebe, ou seja, os meios de comunicação de massa passam a configurar-se como uma forma de poder. Nosso caso, referiu-se ao papel da mídia impressa e a sua relação com o esporte, especificamente, do Clube Confiança, uma vez que, como explicita Bruhns (2000, p.66), “os meios de

mercado que relaciona futebol e empresa midiática.

³⁰ Neste estudo, uma descoberta que foi crucial e que compartilha com esse pensamento, refere-se à criação da Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe (ACES), em 1949, a qual nasce no mesmo ano da criação da equipe de futebol do Confiança.

comunicação de massa, principalmente o rádio e o jornal, abrem um espaço amplo para a transformação de certas manifestações populares em bens da Indústria Cultural [...]", principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Há evidências³¹ de que os Cronistas Esportistas do Estado de Sergipe à época, aproximam-se do esporte (caso específico do futebol) organizando competições e promovendo a sua divulgação. Então, que interesses estavam por trás destes acontecimentos?

Segundo esclarece Antunes (1994, p. 106), quando os clubes de fábrica formam grandes equipes, como por exemplo de futebol, a fábrica ganha com o retorno publicitário ao divulgar seus produtos, pois: "ao que tudo indica, os industriais brasileiros perceberam cedo que o futebol praticado pelos operários poderia funcionar como um ótimo veículo publicitário".

Portanto, percebe-se a metamorfose que se configura numa estrutura micro (Associação Desportiva Confiança), fruto do propósito de fomentar a prática desportiva em seu tempo de lazer, ao ver-se engolida pela estrutura macro, do esporte-espetáculo, competitivo e rentável.

³¹ Diário de Sergipe – 07/07/1949.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Em toda parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se pode jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis perfeitamente feliz o Estado no qual a fortuna pública é a presa de punhado de indivíduos insaciáveis de prazeres, enquanto a massa é devorada pela miséria (THOMAS MORE, 2000 p. 49).

Pretendo, neste capítulo, construir uma base teórica caracterizando os aspectos da mercadoria e seu fetiche. Através dele, objetiva-se mostrar como o esporte transforma-se em mercadoria que é apropriada pelo sistema capitalista, a partir do processo da Indústria Cultural, sabendo que o mediador neste processo é a Mídia. Serão discutidas também as características do trabalho numa relação indissociável na produção da mercadoria esporte-espetáculo.

Estrategicamente, farei do esporte o debatedor e mediador destes conceitos, ou seja, o esporte transformando-se em mercadoria, na relação com a Indústria cultural e a Mídia. Portanto, apesar de metodologicamente haver subdivisões temáticas, não se tratará de uma perspectiva linear e fragmentada, pois o esporte será sempre o eixo central das reflexões propostas. Para tanto, como critério metodológico, far-se-á um corte a partir da conceituação do Esporte Moderno, final do séc. XVIII e início do XIX, relacionando-o à sociedade capitalista como um produto (mercadoria) não material, que tem como mediador para sua ascensão e ampliação os meios de comunicação de massa. Por fim, discutirei sobre as bases metodológicas e sua aplicabilidade na pesquisa.

2.1 Contextualizando o esporte moderno: Idealização, materialização e venda

Tomando por base a sociologia do esporte, é quase inevitável relacionar o mundo moderno industrial, na sociedade capitalista, e o esporte³², justamente por que o caráter hegemônico desta manifestação na cultura corporal de movimento³³, conecta em seu interior, a ideologia da produção capitalista.

Neste sentido, Bracht (1997, p. 5) explicita que “o termo esporte refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII como fruto da Revolução Industrial e que com esta, expandiu-se para todos os cantos do planeta”. Entende-se que há vários conceitos acerca do esporte, principalmente como uma manifestação cultural. No entanto, pretende-se perseguir este conceito pela relação com a sociedade industrial moderna, que modifica as relações de trabalho e pelo fato de neste período histórico, vê-se mercantilizada a força de trabalho.

Com a nova configuração³⁴ - do mundo da mercadoria - que se materializa no sistema capitalista, percebe-se que seu ponto de culminância e expansão (do esporte) deu-se desde a industrialização, ou melhor, na Revolução Industrial (marco fundamental para sua gênese) - “O esporte como fenômeno de cultura é criação da sociedade industrial moderna, atendendo aos seus modelos e formas de relação entre os homens” (Silva,1991)³⁵ - ou seja, a partir de uma nova estruturação do mundo do trabalho que passa a incorporar o processo alienante na produção dos bens. Portanto, neste contexto, de contradições e conflitos, da concretização de

³² Concorde-se aqui com Bracht (1997), que discute no sentido de uma descontinuidade histórica do esporte, ou seja, a partir da Revolução Industrial, quando se mercantiliza a força de trabalho, o esporte ganha novas características que coadunam com a sociedade capitalista moderna, próprio de um determinado tempo. O processo de urbanização leva a novos padrões e a novas práticas esportivas para a classe burguesa.

³³ BETTI (2003) - Cultura Corporal de Movimento representa "a parcela da cultura geral que abrange algumas das formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material, e simbólico, mediante o exercício (em geral sistemático e intencionado) da motricidade humana - jogo, esporte, ginástica e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas etc."(p. 91).

³⁴ Entende-se que as relações de trabalho e capital mudam com o processo industrial, principalmente no tocante ao estranhamento entre trabalhador e produto (mercadoria) realizado pelo trabalho.

³⁵ "Esporte-espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano" - Nesta Dissertação, a professora Ana Márcia Silva, discute a relação do esporte enquanto mercadoria. Neste trabalho, o esporte (Basquetebol) sofre alterações significativas na sua perspectiva histórica, nos gestos técnicos, na tática (defesa e ataque), no treinamento (fisiologia) e, principalmente, nas regras. Tudo isso para tornar um produto pronto para o consumo. Percebe-se então, neste trabalho, todas as

duas classes antagônicas, capitalistas e operários, consolida-se o surgimento do esporte moderno como filho da classe burguesa. Neste sentido, o esporte passa na sociedade - capitalista industrial moderna – de uma prática amadora e lúdica, para os aspectos do rendimento pertinentes à sociedade que o criou, que vai desde sua racionalização até ao seu caráter mercadoria, ou seja:

O esporte de alto rendimento ou espetáculo vai organizar-se a partir dos princípios econômicos vigentes na economia de mercado situa-se no plano da transformação da cultura em mercadoria, é parte do que se chama de indústria do entretenimento e precisa ser estudado no plano da economia da cultura (Bracht 1997, p.107).

Assim, nos estudos de Bracht (1989 e 1997), percebe-se como estão imbricados o trabalho industrial e o desporto de rendimento, bem como a presença de características oriundas da industrialização capitalista. Dessa forma, essa relação pressupõe a formalização daquilo que a professora Silva (1991) conceituou de um produto não-material (como produto final do esporte) e que para Pierre Bourdieu (2002) significa a construção de um bem simbólico e, nesta construção simbólica, verificam-se mudanças significativas no imaginário social das pessoas, principalmente na promessa de felicidade que representa a ideologia da classe dominante e se materializa a partir de seu fetiche, produzido pelo espetáculo. Mudança essa, que pode ser observada/materializada a partir da mediação realizada pelos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, envolvendo consumidores, produtores e patrocinadores em torno da cultura esportiva³⁶.

Observa-se um contexto “perverso” - lógica capitalista - que transforma a cultura em mercadoria e neste sentido, Jameson (2001, p. 22), explica que "surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre cultura e economia". Mediado pelos meios de comunicação de massa, pois ao transformar-se em mercadoria e essa, produzida para venda (possuindo um valor de troca) constituindo-se assim, numa mercadoria útil, ou seja, com um valor-de-uso,

etapas de elaboração de um produto não-material: idealização, materialização e venda (síntese nossa).

³⁶ PIRES (2003, p. 19) - A Cultura Esportiva representa um "conjunto de ações, valores e compreensão que representa o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujo os significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa".

consumida por uma massa de espectadores, o esporte perde seu caráter lúdico e ganha a forma de “coisa”, reificada. Este valor-de-uso, que Marx (1996, p. 49) associa ao trabalho concreto (destinado a um fim determinado) ganhará um conceito, a partir das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's)³⁷, para além de um caráter extremamente material, corrompendo, inclusive, os bens culturais como o esporte.

Este é um fator que caracteriza o declínio das formas de jogos populares devido ao fato de paulatinamente, ficarem fora de uso, tendo em vista os processos de industrialização e urbanização que levaram a novos padrões e novas condições de vida, com as quais aqueles jogos já não eram mais compatíveis, devido ao fato de não se apresentarem como mercadoria. Por isso, concorda-se que há uma “descontinuidade”³⁸ do esporte, como exposto por Bracht (1997), e que o esporte de alto rendimento ou espetáculo, por exemplo, aproxima-se para o praticante e circunscreve-se no mundo do trabalho, enquanto o consumo daquele e o esporte praticado como lazer circunscrevem-se no mundo do não-trabalho.

Vê-se então, uma nova configuração referente ao esporte moderno que surge em função de suas novas características (o esporte espetáculo ou de rendimento) e pressupõe a correlação com a mercadoria no mundo mercantil. Sendo assim, os empreendimentos do setor esportivo defrontam-se com o mundo do trabalho e com os objetivos de obtenção de lucro no modo de produção capitalista com isso, são visíveis,

empreendimentos com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetido às leis do mercado. Isto se reflete nos apelos cada vez mais frequentes à profissionalização dos dirigentes esportivos e na administração empresarial dos clubes (empresas) esportivos (esportivas) (BRACHT, 1997, p. 14).

Bolaño (1999)³⁹, em estudos sobre a problemática do esporte no ocidente, esclarece que o esporte de massa é manipulado e promovido pelo Estado com objetivos educacionais ou terapêuticos. Mas, argumenta que essa dimensão estatista do esporte, soma-se, no capitalismo, a uma dimensão mercantil que faz

³⁷ As TIC's é o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas (Belloni, 2001).

³⁸ Para Bracht (1997), “o esporte moderno é uma construção humana própria de um determinado tempo, e não [...], resultado de um processo histórico linear, [...] desde a mais remota antiguidade”.

com que o próprio controle do corpo se exerça de modo a promover o acúmulo de duas formas: a do esporte como espetáculo de massa e a da mercantilização do próprio corpo humano e assim, ressalta que o próprio corpo se transforma em campo de investimento (no sentido amplo do termo) para uma massa de indivíduos, criando um enorme terreno de expansão para o capital. Esta é uma consideração interessante, pois presencia-se na atualidade a expansão do capital através do espetáculo produzido por alguns “mitos” do futebol⁴⁰.

Neste aspecto, entende-se o alerta feito por Betti (1998, p. 34) de que o termo esporte-teleespetáculo seja mais apropriado no momento que estamos, pelo fato de a Televisão⁴¹ associar a imagem e a linguagem e com isso, moldar novas maneiras de percepção. Assim,

a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para nós, propõe um certo modelo do que é esporte e ser esportista. Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, como se estivesse olhando através de uma janela de vidro.

Pires (2002, p. 90) reforça essa idéia ao explicitar que "o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva, porque oferece, em contrapartida, o *show* já pronto". É possível compreender melhor esta reflexão enunciada pelos autores supracitados, assistindo a uma partida de futebol diretamente no campo e fazendo a comparação com a assistida pela televisão, uma vez que se percebe como a imagem é controlada por uma equipe de profissionais preocupados em mostrar somente o que lhes interessa⁴², como se eliminasse a capacidade crítico-reflexiva do sujeito, como alerta Pires (2002). É claro que na análise da Mídia, ficarei restrito ao poder midiático escrito, no entanto, não se descarta estas considerações que envolvem a relação simbólica e o poder da mídia como um todo.

³⁹ No artigo publicado para Revista Candeeiro - ADUFS - o prof. Dr. César Bolaño faz referência ao esporte no oriente (arte marciais) e no ocidente, sendo este último apropriado para este estudo.

⁴⁰ Ronaldinho Gaúcho aumentou o número de sócios do Barcelona e também gerou muitos milhões – vender Ronaldinho “nem pensar”. Globo Esporte. Rede Globo. 25/11/04.

⁴¹ BETTI (2003) - Fazendo referência à Santaella (1996), explica que "a televisão é a mídia das mídias e formas de cultura [...] impondo a elas qualidades de organização, ritmo e aparência que lhe são próprios". (p. 97).

⁴² No filme "Um Domingo Qualquer", de Oliver Stone de 1999, é possível compreender a dimensão que existe na relação esporte-teleespetáculo, a partir da idéia de uma economia monopolista e de controle.

Pires (2002, p.97) explica, minuciosamente, esta relação de experiência entre o “ao vivo” e o vivido.

No mundo capitalista, em que a necessidade de se ampliar e reproduzir o capital, dentro de uma lógica que coloca em supremacia a obtenção do lucro, percebe-se o quanto as comunicações, a ciência e os aparatos tecnológicos exercem determinada força coerciva frente ao homem, ou melhor dizendo: “as metamorfoses da ciência em técnica e da técnica em força produtiva permitem intensificar a reprodução do capital e [...], contribuir para a concentração e a centralização do capital” (IANNI, 2001 p. 198). Impossibilitando, com isso, que o homem reflita sobre si (consciência)⁴³.

Nesta perspectiva, o esporte (espetáculo), um fenômeno cultural, incorpora-se como mercadoria e assume por vez, o mundo das transações comerciais. Segundo Jameson (2001, p. 22), "a produção das mercadorias é agora um fenômeno cultural, em que se compram os produtos tanto por sua imagem, quanto por seu uso imediato".

Nessa lógica de concepção acerca do esporte, por envolver sonhos e seduzir as pessoas com promessas de felicidade, que nunca se cumprirá. Inúmeras são as campanhas de esporte na escola, com um discurso "legitimador" de que esporte é saúde, esporte educa, esporte tira das drogas etc. No entanto, percebo que por trás deste discurso está a intenção explícita de selecionar talentos para o “êxito olímpico” e assim, harmonizar todos os interesses do capital monopolista (mídia, patrocinadores, produto, preço, acumulação do capital, bolsa de valores etc.).

Portanto, entendo que o esporte na modernidade é corrompido pela Indústria Cultural, ou seja, há um processo de dominação ideológica, banalizando a produção cultural, preparando-a para uma massa de potenciais consumidores prontos para realizar a proeza de não frustrar o encontro entre eles (consumidores) e vendedores.

Aqui há uma dominação “perversa” e administrada pelo monopólio capitalista que banaliza a cultura, pela Indústria Cultural, para ampliar e incentivar o consumo, tornando a novidade como novo, ou seja, "que toda cultura de massa se torne idêntica, a tudo conferindo um certo ar de semelhança" (ADORNO apud PIRES 2002, p.94)

2.2 A mercadoria força de trabalho materializada no mundo do esporte

⁴³ Acredito ser uma “falsa consciência”, provocada pela classe ideologicamente dominante.

Considerai também como são poucos aqueles que a trabalhar estão empregados em coisas verdadeiramente necessária. Porque, neste século do dinheiro, onde o dinheiro é o deus e a medida universal, grande é o número das artes frívolas e vãs que se exercem unicamente a serviço do luxo e do desemprego. Mas se a massa atual dos trabalhadores estivesse repartida pelas diversas profissões úteis, de maneira a produzir mesmo com abundância tudo o que exige o consumo, o preço da mão-de-obra baixaria a um ponto que o operário não poderia mais viver de seu salário (More, 2000, p. 69).

Ora, quando se pensa no conceito que Marx (1996, p. 208) elaborou sobre o trabalho que "é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária de intercâmbio material entre os homens e a natureza; é condição eterna da vida humana, sendo antes comum a todas as formas sociais", percebe-se uma relação indissociável entre homem e natureza e, quando se considera a crítica, supracitada, elaborada por More (2000), observa-se que este momento histórico, no qual vivemos, é diferenciado, pelo fato do trabalho ter sido apropriado pelo capital servindo a um interesse particular. Isto culmina a partir do processo de industrialização (século XVIII e XIX). Sendo assim, a interação entre esses dois pensadores, mesmo em épocas distantes, possibilita analisar sobre a funcionalidade do sistema em função do interesse do capital e com isso, perceber o porquê vemos, cada vez mais rápido, o desaparecimento de profissões pelos ditames do mercado (capital), pois o emprego é gerado a partir do interesse da ampliação do lucro e não de sua relevância social.

Nesse contexto, entende-se que as mercadorias são fruto do trabalho humano, e desta forma, na perspectiva de Marx (1996), no mundo da produção, o trabalho subdivide-se em trabalho concreto e trabalho abstrato. O trabalho concreto representa aquilo que está sendo criado, útil, uma atividade racional, adequada a um fim determinado. Portanto, são qualitativamente diferentes, enquanto valor-de-uso que condiciona: pedreiro - constrói casa; carpinteiro - faz cadeira; padeiro - faz pão etc., ou seja, os produtos do trabalho concreto são os diferentes valores-de-uso.

Para Volkov e Volkova (1987, p.18) "o trabalho abstrato é o trabalho humano em geral, cujo caráter social se revela no processo de troca de mercadorias [...] aparece como gasto de força de trabalho humana em geral, como partícula do trabalho social que revela o seu caráter social no processo de troca". O trabalho

abstrato, portanto, está simbioticamente ligado ao valor das mercadorias, ou seja, a substância do valor é o trabalho humano abstrato. O trabalho abstrato está relacionado com a capacidade física que todos têm de produzir trabalho concreto, valores-de-uso. O duplo caráter das mercadorias funda-se no duplo caráter do trabalho, com isso:

todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por um lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso (MARX, 1996 p. 54).

Retomar estes conceitos propostos no século XIX não significa entendê-los como “tal”, até porque compreende-se que estamos num período em que o processo tecnológico tem, cada vez mais, substituído a força de trabalho e as relações de trabalho e capital têm adquirido uma nova imagem, principalmente, pela inserção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, no processo produtivo. Algo que Marx apud Belloni (2001, p. 86) já alertava para a contradição no tocante ao tempo de não-trabalho do trabalhador.

Resta ainda saber, diz John Stuart Mill, em seus Princípios de economia política, se as invenções mecânicas feitas até agora aliviaram o labor cotidiano de um ser humano qualquer [...] não era este seu(delas) objetivo. Como todo desenvolvimento da força produtiva do trabalho, o emprego capitalista das máquinas só tende a diminuir o preço das mercadorias, a encurtar a parte da jornada em que o operário trabalha para ele mesmo, para alongar aquela outra em que ele trabalha só para o capitalista. É um método particular para fabricar mais valia relativa.

A questão aqui é entender que a lógica capitalista continua a mesma e, com certeza, mascarando ainda mais a opressão sobre o trabalhador. Neste aspecto, como alerta Marx (1996, p. 490-491), o problema não está na máquina (nas tecnologias) e sim, na lógica capitalista de acumulação de capital. "Era mister tempo e experiência para o trabalhador apreender a distinguir a maquinaria de sua

aplicação capitalista e atacar⁴⁴ não os meios materiais de produção, mas a forma social em que são explorados".

Assim, continua Karl Marx , em seu alerta aos trabalhadores:

o instrumento de trabalho, ao tomar a forma de máquina logo se torna concorrente do próprio trabalhador [...] todo o sistema de produção capitalista baseia-se na venda da força de trabalho como mercadoria pelo trabalhador. [...] Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor-de-troca da força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor-de-uso. O trabalhador é posto fora de mercado como o papel-moeda retirado da circulação. (Op.cit., p. 492-493).

Por estas razões postas por Marx (1996) é que o trabalhador via, como grande rival e vilão, a máquina. No entanto, a crítica era no sentido de combater a lógica capitalista e não a tecnologia⁴⁵.

Os estudos de Huberman (1986); Marx (1996) e Hobsbawn (1995, 1997) descrevem que, com a ascensão burguesa ao controle sócio-econômico, ou seja, com a passagem do mundo feudal para o capitalismo, as mudanças estruturais no modo de produção dos bens materiais passaram a intensificar-se, culminando com a generalização do processo de troca dos produtos com a comercialização dos bens produzidos pelo homem como forma de sobrevivência e interligação social. O caráter mercadoria assume de uma vez as relações no mundo capitalista; sendo assim, a forma cristalina que se materializa nas relações de troca e que embutem no seu interior os valores humanos - trabalhos úteis e de troca (Marx diria trabalho concreto e abstrato, um adequado a um fim determinado, outro a capacidade física de produzir valor) - e que são substancialmente apreciados pelos potenciais consumidores, passa a vigorar como um enfeitiçamento (Fetiche).

A materialização do produto final, que é a própria concretização da mercadoria, pressupõe a existência de dispêndio de força de trabalho. Por isso, o ser humano, na sua história, sempre esteve lutando para sobreviver ou subsistir, e nesse contexto, tendo como elemento básico mediador de suas relações com a natureza, o trabalho. Esse é o elemento fundamental que caracteriza e dá ao ser

⁴⁴ MARX (1996) - Refere-se ao "movimento luddita", o qual proporcionou a destruição de máquinas nos distritos manufatureiros ingleses.

⁴⁵ BIANCHETTI (2001) - "Da chave de fenda ao laptop tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação". - Nesta obra há uma discussão pertinente às mudanças que vêm ocorrendo nos processos produtivos e de trabalho, mediados pelas tecnologias. Uma crítica ao determinismo tecnológico, mas não à tecnologia.

humano a condição de vida. Além de servir para produzir mercadorias úteis a sua sobrevivência. Passaram-se anos para que o homem sentisse necessidade de outras mercadorias diferentes daquelas que ele produzia, iniciando, assim, o processo de troca. É bom esclarecer que as mercadorias, só assim as são, porque são frutos do trabalho humano; do contrário, seriam apenas coisas e não mercadorias. A mercadoria é produto do trabalho que chega do produtor ao consumidor, por meio da troca e venda. No entanto, como alerta Belloni (2001, p. 87), nas sociedades contemporâneas tecnificadas,

a redução progressiva da jornada semanal de trabalho ainda não é suficiente para provocar transformações profundas no tempo de não-trabalho, o que permitiria à maioria dos indivíduos - e não somente àqueles poucos privilegiados por um universo de socialização mais rico em capital cultural - desenvolverem sua participação social, enriquecerem sua personalidade, constituírem sua cultura [...] embora liberado de fato do labor cotidiano, o homem continua, mesmo durante o tempo de não trabalho, obedecendo a lógica da produção econômica, ou seja, a uma racionalidade instrumental que o instrumentaliza enquanto trabalhador e enquanto consumidor.

Assim, vão sendo reproduzidos, a partir do fetichismo da mercadoria e da lógica da Indústria Cultural, para consumo em massa, bens de caráter simbólico, como o esporte, que ratificam esta crítica formulada pela autora acima. Como explica ainda que: "o tempo liberado do trabalho foi paulatinamente sendo preenchido pelas mercadorias culturais, fabricadas em grandes centros e distribuídas pelas diferentes redes de comunicação[...]" (Op.cit., p. 88).

Voltando então, ao conceito formulado por Karl Marx, entende-se que as mercadorias no processo de troca, assumem, em determinado momento, um valor-de-uso, ou seja cada mercadoria satisfaz a uma determinada necessidade do homem. É ponto fundamental e obrigatório então, que as mercadorias devam satisfazer uma ou outra necessidade do homem, fato este que constitui o valor-de-uso das mercadorias. Elas passam a ser, nesse momento, qualitativamente diferentes enquanto valor-de-uso. Pode-se então admitir que o valor é o trabalho dos produtores nas mercadorias, nesta relação de satisfazer às necessidades humanas.

o que determina a grandeza do valor, portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor-de-uso. [...] o valor-de-uso de cada mercadoria representa determinada atividade produtiva subordinada a um fim, isto é, um trabalho útil particular. Valores-de-uso não podem se opor como mercadorias, quando nelas não estão inseridas trabalhos úteis qualitativamente distintos (MARX, 1996, p. 46-49).

Vê-se que a mercadoria, na sociedade capitalista, em seu modelo de produção, aparece como um componente que possibilita a interação nas relações sociais, pois sendo produto da ação humana, cristaliza um processo de troca que, em um certo momento, equivale essa ação, entre si. Ou melhor, a mercadoria representa uma relação social que se materializa no processo de troca. No entanto, com a mudança no modo de produção (capitalista) e o advento tecnológico para aumentar a sua produção (de mercadoria), os homens perdem essa dimensão de interação entre eles. Parece então, que numa sociedade que reforça a coisificação, o homem não se conhece como elemento chave na formulação da coisa, dando mais valor a ela do que ela tem e, principalmente, não reconhecendo a relação social que é necessária nessa formulação.

Por que então retomar estes conceitos expostos por Karl Marx no século XIX? Justamente pela capacidade que a mercadoria tem de se metamorfosear, diferentemente do seu tempo (de Marx), mas, que substancialmente, expõe suas mesmas características (valor de uso e valor). A mercadoria é misteriosa⁴⁶ simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho.

Este entendimento ajuda-me a compreender a construção conceitual da idéia de mercadoria e, a partir deste conceito, transcendê-lo para entender a sua existência não material, como se configura no esporte. Pois, parece-me então que, por vezes, o esporte é a própria mercadoria e também assume a forma de embalagem para comercializar e propagandear outros produtos que não ele mesmo, numa força mercadológica que se assemelha a uma espécie de "*multiplicação dos pães*". Esta multiplicação é notória, considerando as novas tecnologias: o espectador (no campo) e o telespectador (em casa), assistindo ao mesmo jogo, consomem espetáculos e mercadorias diferentes. Não é à toa que, segundo Jameson (2001, p. 22), "surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre cultura e economia".

⁴⁶ Mais uma vez refiro-me ao Fetiche e se pudesse resumir o trabalho em uma palavra, seria essa. Estrategicamente haverá um tópico – "O fetichismo como Mistificação das Massas" – que tratará

Talvez, as palavras de Haug (1997, p. 74) simbolizem bem o fetiche produzido pela embalagem que envolve o produto,

A abstração estética da mercadoria liberta a sensualidade e o sentido de coisa portadora do valor de troca, tornando-as separadamente disponíveis. A princípio, a configuração e a superfície já libertas funcionalmente, às quais já se dedicam processos produtivos próprios, aderem à mercadoria como uma pele. Mas a diferenciação funcional prepara a libertação verdadeira, e a superfície da mercadoria lindamente preparada torna-se sua embalagem, [...] mas como o verdadeiro rosto a ser visto pelo comprador potencial [...] e que envolve, tal como a filha do rei em seu vestido de plumas, transformando-a visualmente, a fim de correr ao encontro do mercado e de sua mudança de forma.

Em síntese, o que se persegue aqui é o entendimento de que o trabalho é a relação do homem com a natureza para produção de sua existência, atendendo às suas necessidades materiais ou não materiais. Diante de um bem (cultural) como esporte, na sua forma mercadoria, existem trabalhos específicos para a produção final deste bem. Produção essa que vai culminar com o processo de profissionalização do esporte⁴⁷ e, neste aspecto, o esportista também se vê levado a vender sua força de trabalho, como condição necessária à existência, ou melhor:

Com o desenvolvimento do desporto-espetáculo teria de surgir por arrastamento o movimento financeiro suscetível de o sustentar, de o promover e de lhe dar rentabilidade. A freqüência das organizações do desporto-espetáculo, a qualidade e a diversidade do espetáculo a oferecer ao mundo de consumidores, não podia depender de personagens amadores pelo que a evolução para um profissionalismo não só é natural como imprescindível para sua continuidade (FEIO APUD SILVA 1991, p. 62).

Não é mais “estranho” a existência de tantos profissionais, de diferentes áreas, em torno do esporte. É cada vez mais freqüente a existência de treinadores específicos (físico, tático, para defesa, para o ataque), observadores (com os mais sofisticados aparelhos eletrônicos), psicólogos, médicos, gerentes (administradores esportivos) e muitos outros, que vão ganhando o *status* inclusive das

especificamente deste assunto, no entanto, essa é uma discussão, pela característica do objeto de estudo, que perpassa todo o contexto aqui enunciado.

⁴⁷ Silva (1991) - Capítulo II de sua Dissertação expõe sobre o esporte-espetáculo e também sobre o esportista e sua força de trabalho. Não só do atleta como dos demais profissionais que se envolvem na produção da mercadoria esporte-espetáculo.

universidades⁴⁸ em seus cursos de formação, dando o aval de “qualidade” nas especificidades em torno de esporte-espetáculo.

Toda essa discussão envolvendo conceitualmente o esporte, conduz à análise acerca do esporte-espetáculo, ou de rendimento: que ele é produzido para venda; que trata seus agentes (atletas), como objetos descartáveis com data de validade e tempo de duração, tendo em vista que há uma passagem da lógica do rendimento sendo correspondido com o dinheiro. Neste aspecto, para atingir seus objetivos, os produtores deste bem (atletas) submetem-se aos rigores físico-químicos incompatíveis com a condição humana, utilizando-se por exemplo, do "Doping" para atingir melhores resultados. Com essa ação o componente químico falseia o resultado esportivo, ao afastar sinais de dor e cansaço, abafa os sinais de alarmes fundamentais do organismo e permite aumentar a intensidade nos treinamentos. Assim, uma grande dúvida “paira” sobre o atleta: usar ou não usar. Em usando, falseia os resultados – onde ficam os valores morais, a ética etc.? - Não usando, afasta-se dos índices e fica longe das grandes competições/eventos (Bourg, 1995).

Percebe-se então, que na busca pelo rendimento máximo e na transformação do sujeito em uma mera mercadoria, ou na idealização de um "corpo perfeito", de uma nova humanidade, mas parece retirar tudo que tem de humano e sobra apenas, a forma humana. Algo que se assemelha aos andróides como vistos nos filmes futuristas, a exemplo de "Blade Runner"⁴⁹. Trata-se de um novo “arquetipo (corpo) da felicidade humana”. Silva (2001, p. 73) explica que

a solução para a tecnociência é a criação de uma nova humanidade [...]; Para essa lógica, a solução dos problemas humanos não se situa no campo ético e político, mas sim no campo da factibilidade técnica: trata-se de manter em condições ótimas os possíveis representantes da espécie, não se preocupando com as condições para a dignidade de todos os seres vivos da espécie. A lógica é a mesma do filme *Blade Runner*, que antecipou a realidade, coerente com o eixo histórico em construção, no qual os homens-máquinas são programados, antes e depois do nascimento, para seu máximo

⁴⁸ É possível observar, principalmente, nos cursos "Lato Sensu" como: UFMG -Treinamento Esportivo; UFRJ -Treinamento Desportivo; UNIMEP - Fisioterapia Desportiva; USP - Treinamento de Modalidade Esportiva; UNOPAR - Ciências da Atividade Física: Aspectos de Medicina Desportiva/ Ciências do Condicionamento Físico Individualizado - Personal Training/ Ciências do Treinamento Desportivo de Alto Nível; FAMATH - Gestão Administrativa e Marketing/Musculação e Personal Training/Condicionamento Físico etc. Como também, as áreas temáticas nos cursos (Mestrado e Doutorado), além das disciplinas específicas.

⁴⁹ Filme de Ridley Scott (1982), mais conhecido no Brasil como: “Blade Runner, o Caçador de Andróides”.

de rendimento e longividade: "mais humano que humano" era o lema da corporação que construía os "replicantes" [...].

2.3 Indústria cultural e semi-formação: “condições necessárias”

Percorrerei aqui, o conceito sobre a “Semi-formação”, como condição fundamental ou necessária, para a Indústria Cultural obter êxito e neste sentido, a sua conversão em Alienação. A Semi-formação é um conceito elaborado por Theodor Adorno, um dos filósofos da chamada “Escola de Frankfurt” e da “Teoria Crítica”. Entendo então, que há uma semelhança com o conceito de alienação em Marx. Sendo assim, para uma localização geográfica e histórica, discutiremos de forma preliminar, sobre esta Escola⁵⁰.

Segundo Matos (2001, p. 7) seus teóricos empreenderam uma crítica em seu tempo, ou seja, esboçaram a desilusão do mundo contemporâneo e a promessa do iluminismo que perspectivava a autonomia do pensamento. Viveram num período em que os absurdos do Nazismo e os equívocos do Stalinismo eram evidentes e ainda, a falsa idéia do “Milagre Econômico”. Neste sentido, desenvolveram explicações para o totalitarismo – de ordem metafísica – sendo no conceito de razão, que eles explicam o irracional, ou seja, que “em nome de uma racionalização crescente, os processos sociais são dominados pela ótica da racionalidade científica, característica da filosofia positivista”. Neste sentido, fazem uma crítica ao positivismo como uma teoria social, que tenta uniformizar, por meio de um método científico, a complexidade que é a condição humana. Este contexto de contradições e conflitos marca as críticas dos pensadores desta Escola e assim, vai se materializando a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em oposição à Teoria Tradicional⁵¹.

Percebe-se que os teóricos da Escola de Frankfurt fazem uma crítica à racionalidade - científica e tecnológica - da dominação da natureza para fins lucrativos, como ocorreu com a associação entre fascismo e capitalismo, pois assim, se estabelece uma ditadura da produção. Segundo explica Matos (2001, p. 7-8), extraíndo um pensamento crítico de Max Horkheimer, o fascismo é a sociedade

⁵⁰ FREITAG (1986, p.9) – “Escola de Frankfurt refere-se simultaneamente a um grupo de intelectuais e a uma teoria social. Esse termo surgiu posteriormente aos trabalhos mais significativos de Horkheimer, Adorno, Marcuse, Benjamim e Habermas sugerindo uma unidade geográfica [...]”.

liberal que perde seus escrúpulos [...] “Assim, a crítica à razão torna-se a exigência revolucionária para o advento de uma sociedade racional, porque o mundo do homem, até hoje, não é o mundo humano, mas o mundo do capital”. Essas são críticas elaboradas a partir de uma matriz teórica marxista - economia política - que desmascara os conceitos econômicos dominantes em seus opostos, por exemplo: o da livre troca passa a ser aumento da desigualdade social. Esse se constitui ponto fundamental na relação que é estabelecida para o esporte, pois forja-se, a partir de sua banalização, um caráter hegemônico na sociedade de produção de bens materiais e culturais.

O conceito de Indústria Cultural, em alusão aos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985), está relacionado com o processo de banalização da cultura e também de sua difusão, por meio de sua mercadorização. Assim, a produção da cultura vai se integrando ao modo de produção capitalista, assumindo a forma valor, sendo produzida para o consumo mássico, ou seja, para um consumo das massas. É interessante esta conceituação, pois é comum, equivocadamente, definir Indústria Cultural como Mídia, no entanto, entende-se, aqui, que a Mídia é um meio de difusão e ampliação da Indústria Cultural.

Talvez, entender a Mídia como Indústria Cultural represente a dimensão de poder, ideologicamente, que ela exerce como mediadora na sociedade contemporânea, bem como a velocidade aliada à tecnologia que manipula as dimensões do tempo, deixando as coisas muito semelhantes, como dizem Adorno e Horkheimer (1985, p. 114-115), “toda cultura de massas é idêntica [...]”. Isto se dá pelo poder que o monopólio tem e exerce sobre as relações sociais e faz da produção artística um negócio que, na ideologia capitalista, tem o lucro como fim. Assim, a técnica conquista o poder, que nada mais é do que o poder da classe burguesa sobre a sociedade e a “racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma”.

Os meios de comunicação de massa assumem um papel crucial, mediando a relação produção e consumo, principalmente a televisão que, para Bolaño (2000, p. 268-269), através da teledifusão, incube-se de constituir um público em massa e atrelá-lo às exigências de reprodução econômica e ideológica do sistema. Explica que “a Indústria Cultural é a forma mais avançada, especificamente

⁵¹ Aqui entendida como todo pensamento da identidade, da não-contradição que tem em Descartes a sua materialização por excelência (Matos, 2001).

capitalista, da produção cultural, característica do capitalismo monopolista, mas cuja plena constituição só se completa no pós-guerra com a expansão da televisão [...]".

Pires (2002, p. 101) explica que "a Indústria Cultural notabiliza-se pelo oferecimento de cultura de entretenimento, tipo específico e simplificado de bens culturais para fruição (vivências imediatas) nos momentos em que o cidadão encontra-se dispensado do trabalho para recuperação de suas forças produtivas". Este pensamento é compartilhado por Belloni (2001)⁵², que alerta para a diversão organizada, a partir da cultura do narcisismo do esporte espetáculo, organizado pela Mídia.

Percebe-se a relação entre a Indústria Cultural e a cultura esportiva na sociedade capitalista, intermediada pelo discurso midiático, provendo assim, como alerta Pires (2002, p. 101) "de sentidos adaptadores a massa de signos sociais que reproduz implicitamente ao espetáculo esportivo [...] veiculados por rádio e canais de TV aberta [...] inclui ainda jornais e revistas".

Com isso, vê-se que o esporte, enquanto cultura de tempo livre, constitui-se um protótipo da vida racionalizada, aceitando as "regras do jogo" e sendo promotora da semiformação cultural. Identifica-se a cultura esportiva à semicultura, pois,

serve aos interesses ideológicos de ocupação e controle do tempo livre dos trabalhadores pela indústria cultural; oblitera o canal crítico de que poderia se revestir o esporte enquanto formação cultural, privilegiando apenas o pólo adaptativo, e reproduzida na educação, pelo seu caráter dogmático de mistificação das massas, a (semi) cultura esportiva hipostasia o potencial emancipatório daquela, como um anti-iluminismo. (Op. Cit., p.107).

Ora, mas por que não damos conta desse processo "perverso" de dominação que perpassa no interior da Indústria Cultural? Acredita-se que a formação cultural/educacional seja fundamental para uma autonomia crítica e reflexiva diante dos fenômenos que nos aparece na sociedade de controle, como a capitalista. Neste sentido, torna-se fundamental para uma melhor compreensão acerca da idéia de Indústria Cultural, entender o significado da semi-formação ou semi-cultura.

Para Pires (2002) a *Bildung* no sentido germânico, representa a cultura, formação erudita, conhecimento da cultura geral, a cultura do sujeito. Um conceito

⁵² BELLONI (2001) - O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural.

que se assemelharia à *Paidéia* para antigos gregos. Para Adorno (1996), a *Halb-Bildung*, ou semicultura/semiformação, é a formação que despreza seus determinantes, sem auto-reflexão crítica. Por isso, ela é justamente a possibilidade de a Indústria Cultural existir.

Mas será possível uma sociedade esclarecida? A Utopia que se busca, ou que faz o homem caminhar, é que isso não se dê apenas no plano individual, pois uma formação cultural para o esclarecimento está coagida pela dominação econômica que se configura numa sociedade de classes. O projeto para uma autonomia e esclarecimento passa, necessariamente, por um projeto coletivo. Entende-se que a cultura ou formação cultural, seria então, numa perspectiva adorniana, a possibilidade de liberdade, de autonomia/esclarecimento. No entanto, como alertava Adorno (1985), numa sociedade controlada pela mercadoria não há chance para emancipação. A semicultura engendra a ideologia da classe dominante, numa perspectiva de consumo e reificação⁵³, tornando assim, impotente a possibilidade de uma consciência crítica; sua essência é coisificada num processo de compra e venda e nesse processo, apaga-se o sujeito, o indivíduo é coisa do passado, pois a era do capital concentrado na cultura de massas (para o consumo das massas) destruiu a liberdade pessoal e assim, a liberdade do pensamento crítico morre, desaparece.

Como diz Pucci (1998) a autonomia constituía um dos momentos da essência da cultura da classe média burguesa que se configurava no início do capitalismo, em oposição à hegemonia político-econômico-social da nobreza. Esse ideal de sonho iluminista, no entanto, com a expansão do capitalismo, principalmente a partir da Revolução Industrial, com a exploração do trabalho, impossibilitou que o homem trabalhador possuísse uma formação cultural e assim, a cultura burguesa (impotente) frustrava-se na tentativa de realizar a construção de uma sociedade de “homens livres”, virando apenas uma mercadoria, com valor de troca. Há então, um processo de exclusão da formação (negação da formação cultural - *Bildung*) pela semi-formação, ou seja, falsificando a formação (*Halb-Bildung*) que tem na adaptação um caráter de acomodação à natureza.

Talvez uma categoria necessária para análise, que foi explicitada por Marx e que há uma relação intrínseca com o conceito de semi-formação, seja a

⁵³ Entende-se o sentido de coisificação, ou seja, de tornar todos os fenômenos na sociedade (capitalista) em coisas possíveis de serem comercializadas. Relaciona-se o esporte enquanto “tal”.

Alienação⁵⁴, devido ao fato dela “encobrir” a produção humana, ou melhor, alienar-se é vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como sujeito separado do objeto. Ao alienar-se o homem curva-se e reverencia as "coisas" criadas por ele mesmo sem reconhecê-las como fruto de sua criação. Para Loureiro (2003, p.55), "com base no mecanismo de fetichismo da mercadoria, a indústria cultural reproduz o processo de reificação e estranhamento socialmente construído".

Para Marx, o socialismo dá-se pela emancipação da alienação e de sua realização (de si mesmo). Quando Marx (1996, p. 81) explica que "a mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho [...]" está tentando alertar para o “fetichismo” da mercadoria, que seduz, pela sensação, os homens e os corrompe, no sentido que as características intrínsecas às mercadorias e que representam a ideologia da classe dominante, aparecem ao homem como se lhe fossem naturais e não como fruto do trabalho e nem que sua essência seja fundamentalmente social. Neste aspecto,

a formação tem por finalidade social tornar os indivíduos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como seres livres numa sociedade livre. Não obstante, o sonho da formação cultural - a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade - é falsificado em apologia do mundo organizado conforme àquela imposição. [...] a formação cultural se converte em semiformação. (ADORNO apud LOUREIRO, 2003, p. 59).

Percebe-se então, no fetichismo da mercadoria, a característica de alienação que torna possível o encontro entre ela (mercadoria) e o consumidor. No entanto, Marx refere-se, sobretudo, ao “mundo material” e principalmente à produção industrial mercantil. Neste sentido, uma questão é crucial fazer: e como se dá o processo de mercadorização e, evidentemente, do fetichismo em um produto não-material, como o esporte? Não basta dizer que o esporte, no sistema capitalista, torna-se uma mercadoria, é preciso encontrar elementos que dêem suporte teórico para essa premissa. Talvez, uma relação necessária para compreensão, seja com o processo de banalização da cultura - Indústria Cultural - reificando a produção

⁵⁴ "A alienação é um fenômeno pelo qual os homens criam ou produzem alguma coisa, dão independência a essa criatura como se ela existisse por si mesma, e em si mesma, deixam-se governar por ela como se ela tivesse poder em si e por si mesma, não se reconhecem na obra que criaram, fazendo-a um ser - outro, separado dos homens, superior a eles e com poder sobre eles" (Chauí, 1994 p.170).

cultural e a semi-formação, ou semi-cultura, possibilitando o encontro e o consumo deste bem. Percebo que esta relação só é possível por entender que o fetichismo e a lei de valor exposta por Marx são indissociáveis. Neste aspecto,

a semicultura carrega uma aparência de cultura e está disfarçada de educação para as massas. Resume-se, a rigor, a uma semiformação responsável pela produção de semi-indivíduos enfraquecidos e virtualmente impotentes para se insirem de forma autônoma no processo social. (Op.cit., p. 61).

É nesta perspectiva de reflexão que continuarei a discussão, analisando, criticamente, as contradições que circundam um fenômeno social como o esporte.

2.4 O Fetichismo como mistificação das massas

Neste estudo, uma discussão indissociável do conceito de mercadoria refere-se ao fetiche⁵⁵. Aqui, irei “tecendo” a partir do objeto de estudo, suas interfaces com o esporte, enquanto mercadoria. O conceito de Fetiche, constitui-se então, o objetivo desse tópico.

Neste sentido, como Marx (1996) já alertava, a mercadoria à primeira vista parece ser coisa simples e de fácil compreensão, principalmente se olharmos a partir de seu valor de uso. No entanto, por trás do simples aparente, há uma dimensão misteriosa e enfeitiçadora que a torna estranha ao homem.

O caráter misterioso da mercadoria não provém de seu valor de uso, nem tampouco, dos valores determinantes do valor [...] O caráter misterioso que o produto do trabalho apresenta ao assumir a forma mercadoria, donde provém? Dessa própria forma, claro. [...] as relações entre os produtores, nas quais se afirma o caráter social dos seus trabalhos, assumem a forma de relação social entre os produtos do trabalho. A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens (MARX 1996, p.79-80).

Com o processo de industrialização pelo qual o mundo passou, principalmente nos séculos XVIII e XIX, percebe-se como os instrumentos de trabalho utilizam (ou o capita?!) o trabalhador dominando-o até seus últimos

⁵⁵ MARX (1996), expõe "o fetichismo da mercadoria: seu segredo". A intenção é revelar a dimensão social do trabalho que se materializa na mercadoria e que não se percebe, como se ela tivesse vida própria.

suspiros. Para Coggiola (1998) o capital consegue ocultar a relação entre explorador e explorado, que se encontra detrás dele, e cria a ilusão de que é eterno, posto que sem ele não se poderia trabalhar. A mercadoria, nesta estrutura de apropriação, aparece não como um produto do trabalho, mas como uma coisa com qualidades próprias, independente do trabalho que a criou. Dá-se a impressão de que ela assume personalidade própria.

Segundo Coggiola (1998, p. 67) as tribos antigas (primitivas) criavam fetiches (totens), aos quais depois atribuíam personalidades e poderes próprios, como exemplo, atrair a chuva etc. Aqui parece haver uma relação semelhante, a partir de um fetichismo social, ou seja, “os produtos do trabalho humano (mercadoria, capital) aparecem aos homens como se fossem dotados de personalidade própria, e os dominam”. Poderes semelhantes são atribuídos ao esporte, quando em sua prática, estaria o homem fugindo das drogas, das ruas, da criminalidade, da miséria etc. No entanto, camuflam-se as contradições do modelo social/econômico em que se vive.

Neste aspecto, parafraseando Marx (1996), ao expor sobre a mercadoria e seu fetiche e, estabelecendo uma análise compreensível para além sua aparência, vê-se quanto o esporte, assume a forma de mercadoria e aparece como algo muito “estranho” e cheio de sutilezas metafísicas e tecnológicas. Entendo que a forma mercadoria que assume o esporte, projeta (no consumidor direto e indireto⁵⁶), uma sensação de “mistério”, ou seja, fica disfarçada, em forma de espetáculo, pois esta relação de consumo e produção, representa a relação social que mantém “viva” a mercadoria. Com isso, evidencia-se o seu caráter misterioso, “encobrendo” e “ocultando” as características sociais do próprio trabalho dos homens. Parece então que a “forma fantasmagórica” que oculta a relação social, fica evidenciada no processo de troca que os “muitos trabalhos/trabalhadores” são possíveis de realizar no encontro com esta mercadoria. Para Adorno (2000, p. 77), “Marx descreve o caráter fetichista da mercadoria como a veneração do que é auto fabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do homem”. Neste sentido:

⁵⁶ Entendo que com o advento da televisão, o consumo da mercadoria esporte e dos produtos carregados na sua “calda luminosa” ganham uma outra dimensão. Daquele consumido diretamente no Ginásio de Esportes, ou no campo de Futebol, ao telespetáculo, produzido para atingir milhões de pessoas em todo o mundo e ao mesmo tempo.

O mistério da forma mercadoria consiste simplesmente no seguinte: ela devolve aos homens, como um espelho, os caracteres sociais do seu próprio trabalho, como caracteres dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais e sociais dessas coisas; em consequência, a forma mercadoria reflete também a relação social dos produtores, com o trabalho global como uma relação social de objetos existentes fora deles. (Op.cit. p. 77).

Neste contexto, analisa-se o esporte dotado de valor “misterioso” suficiente para que não o reconheçamos como resultado da atividade humana, mesmo que seu produto, o espetáculo, seja produzido e consumido pelos homens instantaneamente. Vê-se, simplesmente, como a um feitiço. Percebe-se que há uma necessidade, imposta pelo mercado, de se ocultar a relação social e imprimir nela (mercadoria-esporte) uma independência autônoma suficiente para encobrir essa relação. Como diz Silva (1991, p. 85) "o homem perde autonomia perante a autonomia do objeto". É claro que o “objeto” aqui se refere a um bem da cultura⁵⁷ e que, portanto, é possuidor de características próprias que o diferencia dos bens materiais. No entanto, como alerta Adorno (2000), eles fazem parte do mundo da mercadoria, são preparados para o mercado e são governados segundo os critérios deste mercado.

Adorno (2000, p. 77) explica que o conceito de fetichismo musical⁵⁸ não se pode deduzir por meios puramente psicológicos, até por que ele está dominado pela característica de mercadoria – “o fato de que *valores* sejam consumidos e atraiam os afetos sobre si, sem que suas qualidades específicas sejam, sequer, compreendidas ou apreendidas pelo consumidor, constitui uma evidência da sua característica de mercadoria”. Portanto, o efeito do fetichismo no esporte segue esta lógica, ou seja, não pode limitar-se aos “encantos” e “proezas” heróicas de seus atletas, mas, sobretudo, na forma mercadoria que ele assume (também). Neste aspecto, ao fazer referência ao processo de mercadorização⁵⁹ da música, explica que - “o consumidor fabricou o sucesso, não por que o concerto lhe agradou, mas por ter comprado a entrada”.

⁵⁷ “Se a mercadoria se compõe sempre de valor de troca e do valor de uso, o mero valor de uso – aparência ilusória, que os bens da cultura devem conservar, na sociedade capitalista – é substituído pelo mero valor de troca, o qual, precisamente enquanto valor de troca, assume ficticiamente a função de valor de uso” (ADORNO, 2000, p. 78). Uma particularidade é que este bem da cultura se apresenta, precisamente, como excluído do poder da troca.

⁵⁸ Adorno (2000) - “O Fetichismo na música e a regressão da audição”.

⁵⁹ Esta expressão não é utilizada por Adorno, estabeleço um comparativo na comercialização dos bens da cultura a partir dele, que fora utilizado por Silva (1991).

Para Bucci e Kehl (2004, p. 23) “a fórmula mais conhecida e clara de fetichismo da mercadoria é a de que ele é resultado de uma operação que oculta, sob a aparente equivalência objetiva das mercadorias, as diferenças – sob as formas de dominação e exploração – entre os homens que as produziram”. Com isso, o ocultamento que agrega a mercadoria simboliza a relação social no seu interior, entre o capitalista que comprou a força de trabalho e o operário que teve que vendê-la, para garantir sua sobrevivência. Neste sentido, ao ocultar a relação social que incorpora a mercadoria, percebe-se a sociedade caminhando para o individualismo, para a negação da coletividade, até porque, em seu fetiche, a mercadoria não esboça a exploração que se sujeita o trabalhador. Sendo assim,

Marx tem, portanto, que dar conta não apenas de como foi historicamente expropriado o homem proprietário que trabalha, que culmina no sistema capitalista; também tem que dar conta de como num momento da história emerge aquela forma que está presente como expropriação do poder coletivo e, ao mesmo tempo, a forma simbólica que adquire o poder para ocultar seu próprio fundamento através das próprias forças das quais se apropria (ROZITCHNER apud KEHL, 2004 p. 76).

No processo de troca, os homens intercambiam⁶⁰ as mercadorias, ou seja, o valor expresso na forma de mercadoria. Entendo que isto se dá não só para uma real necessidade humana, mas, precisamente, com a intenção de gerar riqueza. Neste aspecto, talvez levado por um (in)consciente perverso⁶¹, os homens esquecem que a medida de valor que estabelece uma equivalência entre eles é justamente o trabalho humano medido pelo seu tempo. Tempo de vida humana, que lhe é roubado, ou melhor:

O tempo de vida que ninguém poderia, aparentemente, expropriar um do outro [...] o desgaste do tempo humano de vida, o que cada um teve que pôr de seu próprio e irrenunciável tempo, deste tempo finito que lhe foi dado viver. A presença irrenunciável do tempo da própria vida e seu valor frente ao

⁶⁰ Para Marx (1996, p. 94-95) – “não é com os pés que as mercadorias vão ao mercado, nem se trocam por decisão própria. Temos, portanto, de procurar seus [...], donos. [...] as pessoas, aqui, só existem, reciprocamente, na função de representantes de mercadorias e, portanto, de donos de mercadorias”.

⁶¹ Bucci e Kehl (2004) fazem uma associação entre o fetiche em Freud, a partir da psicanálise (o sujeito perverso, que sabe, mas não quer saber. Ou seja, tenta dominar o objeto que causa seu desejo, ocultando-o e elegendo um outro) e o fetiche em Marx, a partir da lei de valor que fundamenta a sociedade capitalista, em sua “máxima”, a mercadoria. Aqui seguiremos com a perspectiva marxiana devido a sua aproximação com a lei de valor.

término que é a morte, estaria soberanamente presente na determinação do valor (ROZITCHNER apud KEHL, 2004 p. 77).

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma imensa coleção de mercadorias, conforme Marx (1996), e não o tempo de trabalho presente, individualmente, na mercadoria, revestido de um brilho de riqueza. Talvez, essa seja a grande sutileza do fetiche e com isso, ele lança uma ilusão que o trabalhador, na produção da riqueza, possa vir a ser um “rico”, escondendo dessa forma, as contradições desta mesma sociedade (classe/exploração/monopólio/acumulação). Tal argumento assemelha-se ao “trabalhador/atleta” na ilusão de vir a ser um “Pelé”, “Zico”, “Ronaldinho”, tomando como exemplo o futebol brasileiro.

Para Karl Marx a riqueza de uma sociedade se mede pela riqueza simbólica, psíquica, posta em circulação, de todos os sujeitos e também, da satisfação de suas necessidades. Por isso,

A riqueza socialmente produzida é a soma dos elementos em circulação capazes de refazer, de alguma forma, pelo menos uma parte dos laços comunitários que foram destruídos pelo desenvolvimento do sistema capitalista, um sistema onde o indivíduo sofreu uma hipertrofia [...]. Os sujeitos, sob o capitalismo, não se tornaram *menos humanos* do que outro modo de produção qualquer. Mas sua confiança cega na relação entre mercadoria, riqueza e valor fez certamente que perdessem a noção do que consiste esta humanidade (KEHL, 2004, p.78).

Em forma de equivalente geral, ou seja, de dinheiro⁶², o fetiche é ainda mais “misterioso”. Como expõe Marx (1996) ele conquista o monopólio de expressar o valor do mundo das mercadorias. E, ao ampliar a circulação das mercadorias aumenta seu poder. Assim, ao receber a sanção social, o dinheiro atua com extrema “autonomia”, não só na troca direta, como intermediando o processo de troca e com isso, mas do que nunca, fica “mascarada” a forma social pela qual passa a mercadoria na sociedade capitalista. “O que distingue particularmente a mercadoria do seu possuidor é a circunstância de ela ver em qualquer outra apenas a forma de manifestar-se o próprio valor” (MARX 1996, p. 95). Entendo, pois, que a mercadoria é uma relação social, nesse sentido,

apenas a ação social pode fazer de determinada mercadoria equivalente geral. A ação social de todas as outras mercadorias eleger, portanto, uma determinada para nela representarem seus valores. A forma corpórea dessa mercadoria torna-se, desse modo, a forma equivalente com validade social; ser equivalente geral torna-se função especificamente social da mercadoria eleita. Assim, ela vira dinheiro (Op.cit.,1996, p. 97).

Para Marx (1996, p. 97) “o dinheiro é um cristal gerado necessariamente pelo processo de troca, e que serve, de fato, para equiparar os diferentes produtos do trabalho e, portanto, para convertê-los em mercadorias”. Neste sentido, talvez resida um segredo, que em seu fetiche, não se reconheça, na forma dinheiro de valor, a forma social que os homens têm em se relacionar com este intermediário de troca. E este segredo encontra, nos bens da cultura, uma forma ainda maior de ocultar-se perante aos demais sujeitos em nossa sociedade. Com isso, o esporte seria um símbolo⁶³ (enquanto mercadoria), pois como valor, é apenas invólucro material do trabalho humano nele despendido. Para Silva (1991) o esporte espetáculo adquire autonomia e é fetichizado em vez de ser resultado da produção humana e reconhecido como tal, passando a ditar as formas de comportamento em seu interior, tanto para aqueles que o produzem, como para aqueles que o consomem.

Neste aspecto, na sociedade capitalista, os objetos materiais, então, possuem características que se configuram como próprias, como se fossem “naturais”. No entanto, essas características, a exemplo das mercadorias, são frutos das relações sociais. Assim, esta mudança de perspectiva que é criada para ocultar as relações sociais, simboliza o fetichismo. Percebe-se então, que a teoria do valor⁶⁴ e o fetichismo mantêm-se “simbioticamente” ligados, pois representam as relações sociais (trabalho abstrato, capacidade física de produzir valor de uso) que incorporam ao corpo das mercadorias.

Configura-se, a partir do entendimento do fetiche da mercadoria, um quadro pessimista diante da realidade na sociedade capitalista. No entanto, a idéia é

⁶² COGGIOLA (1998) – “O fetichismo mercantil alcança a sua forma mais desenvolvida no dinheiro, que não é mais do que uma mercadoria criada pelos homens para servir de equivalente geral às outras, e que assume uma personalidade própria[...]”.

⁶³ Para Marx (1996, p.101) “cada mercadoria seria um símbolo, pois, como valor, é apenas invólucro material do trabalho humano nela despendido”.

justamente essa: diante deste quadro “pessimista”, a necessidade de superar os caprichos teológicos das mercadorias e ao mesmo tempo, superar também, a condição de “escravos dóceis”⁶⁵ do consumo; refletindo com autonomia e emancipação diante da “coisa” portadora de valor de troca, subverter esse quadro.

Tarefa árdua, até porque, como no fetichismo na música provoca, segundo Adorno (2000, p. 89), uma regressão da audição, os bens da cultura (mercadoria), fruto da Indústria Cultural, produzida para um consumo das massas perante sujeitos “semi-formados” e “alienados”, impossibilita o sujeito, reificado, de uma autonomia/esclarecimento, ou melhor de um “casamento feliz” com o conhecimento. Pois, “o que regrediu e permaneceu num estado infantil foi a audição moderna. Os ouvintes perdem [...] não somente a capacidade de um conhecimento consciente da música [...] mas negam com pertinácia a própria possibilidade de se chegar a um tal conhecimento”. Num outro aspecto, acerca dos bens materiais produzidos pelos trabalhadores vemos que:

O fetichismo da mercadoria produz o efeito de uma insólita espiritualização do corpo-mercadoria – a presença, na própria matéria, de um elemento imaterial, mas físico, de um cadáver sutil, relativamente independente do tempo e do espaço em que esta mercadoria efetivamente circula. A espiritualização, a mesma que se perdeu como riqueza circulante nas trocas criativas entre os indivíduos, retorna aderida às mercadorias, como crença necessária para produzir o esquecimento das condições materiais da produção dessas mesmas mercadorias: a morte lenta do corpo do trabalhador, que transferiu seu tempo de vida para a coisa produzida, e o empobrecimento geral de uma sociedade que só consegue enriquecer à custa destas vidas expropriadas (ZIZEK apud KEHL, 2004, p. 79).

Portanto, é assim que o capitalismo se apresenta: sob disfarce, a realidade do trabalho social fica oculta por trás dos valores das mercadorias. Cabe à teoria descobrir o conteúdo essencial e oculto em cada forma que nos aparece, como é no caso do esporte fetichizado – espetacularizado – mercadorizado.

⁶⁴ A partir da teoria do valor e da mercadoria exposta por Marx (1996) entende-se que o valor expressa a forma histórica do caráter social do trabalho numa sociedade capitalista. O valor é uma relação social e que se materializa na forma de mercadoria.

⁶⁵ Escravos dóceis, pois não há resistência dos sujeitos frente aos ditames do mercado impulsionados pelo processo de banalização da cultura, advinda da Indústria Cultural. A resistência, numa perspectiva adorniana, com o esclarecimento. Como dizem Adorno e Horkheimer (1985, p.13), “[...] que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor”.

2.5 Mídia, política e ideologia: reflexões acerca do fenômeno esportivo

A relação indissociável entre o esporte e a mídia, na sociedade capitalista, juntamente com o seu processo de mercadorização, nos tempos de hoje, configura-se em um marco pontual para uma análise acerca das formas simbólicas que são fetichizadas no espetáculo esportivo. Neste aspecto, essa relação compartilha com os meios de comunicação de massa, na elaboração, criação e produção de um bem cultural para consumo em massa. Portanto, reforçarei esta idéia, discorrendo sobre a mídia, seus aspectos políticos e ideológicos, sem, com isso, perder a conexão com o esporte e sua função de “debatedor” deste enfoque.

Não resta dúvida de que as formas simbólicas⁶⁶, que são mediadas pelos meios de comunicação de massa⁶⁷, carregam em si uma gama de poder (simbólico)⁶⁸ que, em muitos casos, influencia o curso da história, tendo em vista, que pode estar explícita (ou implícita), no conteúdo dessas formas, uma relação de classe (dominante), pois,

o capital é o sujeito que sujeita a todos os outros [...]. Os Estados Unidos, expressa [sic] não a supremacia de uma nacionalidade sobre as demais, mas os desígnios de uma indústria sobre todas as outras e sobre todos os povos: o espetáculo. A tirania da mercadoria se exponencia na tirania da imagem da mercadoria. O capitalismo contemporâneo é um modo de produção de imagens. Aí, o poder político é uma espécie de despachante do modo de produção (BUCCI e KEHL 2004, p. 22-23).

⁶⁶ Entende-se, a partir do pensamento de Thompson (1998), que em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações de conteúdo simbólico.

⁶⁷ Refere-se à produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico. Mesmo com as considerações feitas por Thompson (1998) de que os termos comunicação e massa (C.M.) são complexos, pelo fato de, na maioria das vezes, na mídia haver uma transmissão e também, não atingir a todos os sujeitos. Outro ponto relevante, segundo Belloni (2001), que é comum no meio acadêmico, é a expressão C.M. como sinônimo de mídia.

⁶⁸ Para Thompson (1998) - o poder simbólico nasce na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas. "O Poder Simbólico, é a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas" (p. 24). Para Bourdieu (2002), O Poder Simbólico é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exerceu. Poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Apesar de Thompson (1998) apropriar-se do termo (poder simbólico) elaborado por Bourdieu, o diferencia na sua conceituação. No entanto, entendemos que ambos os conceitos serão utilizados em nosso trabalho, pois no primeiro há um avanço na perspectiva frankfurtiana e o segundo, assemelha-se ao conceito de fetiche e alienação que percorremos no decorrer deste trabalho.

Além do que, as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) provocam um deslumbramento (enfeitiçamento) frente às massas. "É importante lembrar que este deslumbramento frente às incríveis potencialidades das TIC está longe de ser uma ilusão ou um exagero apocalíptico, mas ao contrário, constitui um discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor" (BELLONI, 2001 p. 24).

Neste sentido, a relação (dominação) que o poder simbólico impera sobre os sujeitos, cristaliza-se em ideologia. Como dizem Bucci e Kehl (2004, p. 17), "o sujeito tem a sensação de que as coisas fazem sentido! Claro: sentido ideológico". Neste aspecto,

o poder é algo mais industrial, ou superindustrial [...]. O poder pode ser mais bem descrito, hoje, como o mecanismo de tomada de decisão que permitem ao modo de produção capitalista, transsubstanciado em espetáculo, a sua reprodução automática – o poder portanto, é a supremacia do espetáculo – a nova forma de modo de produção capitalista, como descobriu Guy Debord [...] sobre todas as atividades humanas. O poder, enfim, é a gestão do espetáculo pelos seus encarregados que, no entanto, não são seus autores, mas seus subordinados (op.cit., p. 20).

Entende-se que se deve ter cuidado com o termo comunicação de massa, pois, muitas vezes, ele é "enganoso". Nem todos os produtos da mídia atingem milhares de pessoas, seja em época passada ou presente. Isso garante que o termo "massa" não pode ser reduzido a uma questão de quantidade. "O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários" (THOMPSON, 1998, p. 30).

Outro alerta apontado por Thompson (1998), é que os "receptores" (sujeitos) dos produtos da mídia são vistos como sujeitos passivos, sem sensibilidade, sem criticidade, como uma "esponja" que absorve água. Isto seria uma contradição, devido à complexidade com que os produtos da mídia chegam até os sujeitos em suas vidas, provocando diferentes interpretações e reações. Idéia esta compartilhada por vários autores da Educação e Educação Física no Brasil – Belloni (2001), Betti (1989; 2003), Pires (2002; 2003) – que perspectivam, a partir daí, a necessidade de uma educação para a mídia, no sentido de criar autonomia e esclarecimento ao sujeito receptor. Nesta perspectiva, diante das TIC's e para se compreender o impacto dessas tecnologias nas sociedades e suas instituições, nos

processos de relações sociais, “é necessário ir além das condições técnicas [...]. É preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como receptores de mensagens e consumidores de produtos culturais” (BELLONI, 2001 p.21).

Thompson (1998) entende que a comunicação, no sentido dialógico, muitas vezes não se completa⁶⁹ pela mídia, devido a esse entendimento, considera que o termo transmissão seja mais apropriado do que comunicação. Mesmo assim, indica as seguintes características do processo que envolve a Comunicação de Massa:

1º) - *Envolve certos meios técnicos e institucionais de produção e difusão* – aspecto que tem recebido mais atenção na literatura sobre mídia; É o desenvolvimento da indústria da mídia; Organização desde a Idade Média; Têm se interessado pela exploração comercial das inovações técnicas, que torna possível a produção e a difusão generalizada das formas simbólicas;

2º) - *Mercantilização das formas simbólicas* - a comunicação de massa implica exploração comercial das inovações técnicas. As formas simbólicas se submetem à valorização (forma de valor); Valor que os objetos têm em virtude do apreço dos indivíduos. A valorização econômica é o processo de atribuição de valor econômico às formas simbólicas. Neste sentido, devido ao valor econômico, as formas simbólicas se tornam mercadorias. São bens simbólicos;

3º) - *Estabelece uma dissociação estrutural entre a produção das formas simbólicas e a sua recepção*. Na comunicação de massa, o contexto da produção é geralmente separado do contexto de recepção - Indústria da mídia para as residências. Isso causa implicações no sentido de saber o retorno dos receptores (feed-back). Criam-se estratégias para suprir essa deficiência, como programas e filmes em séries e pesquisa mercadológica, para medir a satisfação da audiência;

4º) - *Extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço*. A ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se torna um fenômeno social cada vez mais significativo e penetrante. Informação e conteúdo simbólico são colocados à disposição de um número incalculável de indivíduos, em espaços amplos e com maior velocidade;

5º) - *Circulação pública das formas simbólicas*. Os produtos da mídia são disponíveis a uma pluralidade de destinatários. São produzidos em múltiplas cópias ou transmitidos para uma multiplicidade de receptores.

Estas características são importantes, pois expõem como a mídia alterou nossa compreensão acerca do passado, sendo que espaço e tempo são mediados por formas simbólicas e seu conteúdo atinge a um “grande público”, com isto, construindo uma cultura (da mídia). Para Thompson (1998, p. 26) “o meio técnico é o substrato material das formas simbólicas”. Ou seja, é o meio pelo qual a informação transita de produtor para receptor e isso se dá na mais primitiva relação entre os homens - face a face, até aos mais sofisticados meios tecnológicos - e se materializa na sua transmissão e recepção. Os meios técnicos podem servir de fonte para a prática de diferentes formas de poder.

Neste sentido, entende-se que a comunicação mediada provoca, de certa maneira, impactos na vida (social), enquanto fenômeno. Neste estudo, fiz análise sobre as “matérias” – conteúdo - veiculadas nos jornais (mídia impressa), percebendo, como alerta Thompson (1998), que as mensagens veiculadas relacionam-

⁶⁹ Numa comunicação de interação face a face, o fluxo de comunicação tem mão-dupla: uma pessoa fala, a outra responde.

se com os indivíduos que as produzem e as recebem. Ou seja, o desenvolvimento dos meios de comunicação, por meio de seu conteúdo simbólico, aproxima o relacionamento dos homens entre si.

Para Belloni (2001a) o fenômeno "comunicação de massa" (C.M.) pode ser abordado de vários pontos de vistas. Um deles é analisá-lo pelo enfoque econômico (indústria de equipamentos eletrônicos), gerando bens culturais; outro procedimento diz respeito ao aspecto político (manipulação das pesquisas de intenção de voto, comportamento eleitoral, como nas sociedades altamente tecnificadas; já do ponto de vista artístico - a obra de arte produzida em série - no sentido de que a repetição pela mídia banaliza a obra de arte - a exemplo da Indústria Cultural.

As tradições orais (história oral) ganham uma outra dimensão a partir dos produtos da mídia. É preciso considerar o alerta feito por Belloni (2001, p. 59) de que "no Brasil [...], a maioria da população passou diretamente da transmissão oral e pessoal para o rádio e a televisão, sem passar pela palavra escrita". Nesse sentido, "o discurso oral e a imagem formam o substrato da difusão de mensagens pela mídia". Mesmo assim, a criação de órgãos⁷⁰ da imprensa, responsáveis por divulgar o esporte, representa a perspectiva de atender a um público consumidor destas informações.

Entende-se que as produções culturais da mídia devam ser lidas em contextos sociais específicos. Assim, se decifrem seus significados e mensagens e se avaliem seus efeitos. Referindo-se ao esporte, numa pequena cidade da região do Nordeste do Brasil, compreende-se o contexto social/cultural que então se configura, até por que "o melhor modo de desenvolver teorias sobre mídia, e cultura é mediante estudos específicos dos fenômenos concretos contextualizados nas vicissitudes da sociedade e da história contemporâneas" (KELLNER 2001, p.12). Ou seja,

Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominante. Poderão aumentar sua autonomia diante da cultura da mídia e adquirir mais poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para produzir novas formas de cultura (Op.cit., 2001, p. 10).

Não resta dúvida de que os produtos da mídia têm um cunho ideológico. Por isso, é importante interpretá-los politicamente e mesmo entendendo que o

esporte seja uma construção social, ele passa a representar-se como um produto da mídia, que também é uma construção social, assim transmite informações, alimenta o imaginário do sujeito e constrói uma interpretação do mundo e, com isso, difunde idéias sobre a cultura corporal de movimento (BETTI, 1998, PIREZ, 2003).

Para Kellner (2001, p. 123) “os textos da cultura da mídia⁷¹ incorporam vários discursos, posições ideológicas, estratégias narrativas [...]. Tentam oferecer algo a todos, atrair o maior público possível e, por isso, muitas vezes incorporam um amplo espectro de posições ideológicas”. Ou seja, existe, na maioria das vezes, uma cultura (dominante) veiculada pela mídia que impregna a vida dos homens, forjando uma identidade. Além disso, é produzida para as massas e almeja grande audiência.

A Indústria Cultural, em seu processo de rebaixamento do sujeito, cria produtos com posições ideológicas específicas que são altamente difundidos pela mídia de massa. Antes da TV, o rádio e o jornal cumpriam o papel de difundir e ampliar o conhecimento sobre o esporte. No início dessa relação, exaltavam uma postura romântica de amor à sua prática, mas logo, passam a representar um intermediário (mediador) do consumo da mercadoria esporte e seus derivados.

Fica evidente que a mídia exerce uma posição ideológica em relação aos diversos contextos históricos, em determinados períodos e lugares, influenciando o modo de pensar. Por isso, torna-se fundamental entendê-la em sua essência. Neste aspecto, relacionando-a com o fenômeno esportivo, cumpre a tarefa de reconhecer o quanto estão política, ideológica e economicamente entrelaçados. Ou seja:

ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genéricos, a posição dos observadores, suas imagens determinantes, seus discursos e seus elementos estético-formais incorporam certas posições políticas e ideológicas e produzem efeitos políticos (KELLNER, 2001, p. 76).

Entende-se que o esporte constitui-se um fenômeno cultural de interação social e de produções de significados (formas simbólicas). Por conseguinte, assume

⁷⁰ Aqui, refere-se a ACES – Associação do Cronistas Esportivos de Sergipe – órgão que teve papel importante na divulgação do esporte no Estado.

⁷¹ Para este autor, a Cultura da Mídia é industrial [...], cria identidade e é constituída por sistemas de rádio e reprodução de som (discos, fitas, CDs e seus instrumentos de disseminação, como aparelhos de rádio, gravadores, etc.); de filmes e seus modos de distribuição (cinema, videocassetes, apresentação pela TV); pela imprensa que vai de jornais a revistas; e pelo sistema de televisão, situado no cerne desse tipo de cultura. Ainda, é uma cultura que explora a tecnologia mais avançada. Neste aspecto, torna-se um terreno de disputas (grupos sociais, políticos e ideológicos).

a forma midiática, em nosso tempo, a forma de discurso. Ou seja, o discurso (midiático) sobre o esporte, representa

a expressão característica da linguagem - imagética, sonora e simbólica - dos meios de comunicação de massa, através da qual conseguem silenciar, publicizar ou recriar evidências, fatos ou expectativas que constituem a cotidianidade da cultura contemporânea, a partir da visão dos interesses ideológicos hegemônicos da sociedade (PIRES, 2002 p. 36).

Na perspectiva do espetáculo é indissociável a relação da mídia com o esporte, ou seja, "estão historicamente relacionados com o progresso da produção industrial de massa e com o avanço técnico e científico" (BELLONI, 2001 p. 95). Nos tempos de hoje, a indústria do entretenimento desempenha um papel promissor na expansão da mercadoria fetichizada em forma de espetáculo. Assume assim, um mecanismo poderoso de "produção da consciência", assegurando a adesão da maioria da população a um modo de vida e a um modelo de consumo.

Estas considerações sobre a mídia são relevantes, pois é a partir de seu discurso (midiático) que vai se constituindo atualmente a cultura esportiva⁷². Compreende-se que o esporte se insere no campo da cultura e é fruto de uma construção social e, com o processo de espetacularização e mercadorização, ganha uma associação indissociável com a mídia, particularmente, a mídia esportiva, a ponto de aquele não mais sobreviver sem esta. Por isso, "a mídia está em toda parte e o esporte está em toda mídia⁷³", ganhando uma dimensão ainda mais ampla a partir da Televisão. Neste sentido, cabe agora falar no "esporte telespetáculo, uma realidade textual autônoma [...]. Uma imagem não precisa necessariamente representar algo que exista materialmente, porque ela é, antes de tudo, a presença de formas visuais unificada pela atenção de quem a contempla" (BETTI, 1998 p. 81).

Com o advento da televisão, na sociedade capitalista, o processo ideológico fica mais evidente nos meios de comunicação, pois agora, ela representa um espaço público que é instituído pela mediação tecnológica, econômica e política.

⁷² "Conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa" (PIRES, 2002 p,12).

⁷³ Para Betti (1998, p.83), "a televisão na ânsia de espetacularizar e vender seus produtos [...] chama tudo esporte". Neste aspecto, para esse autor, o esporte está em toda parte porque a mídia não o sugere como uma prática corporal, mas como uma moeda cultural.

Segundo Chauí (2004, p.13) no prefácio do livro - “Vidiologias” – Bucci e Kehl, a televisão oculta a si mesma como veículo ou meio de transmissão assim, “seduzindo, o espectador é arrastado pela transparência do que lhe é enviado e não se dá conta de que mantém uma relação determinada com o veículo, mas acredita relacionar-se diretamente com o mundo”.

O Brasil se comunica pela televisão. O Brasil se conhece e se reconhece pela. [...] televisão, e praticamente só pela televisão, que reina absoluta sobre o público nacional, com um peso muitas vezes superior aos outros veículos [...]. A TV dá a primeira e a última palavra e, mais do que isso, a primeira e a última imagem sobre todos os assuntos (BUCCI, 2004, p. 241).

No Brasil, esse poder simbólico exercido pela TV, através da emissora Rede Globo, chega a dimensionar aquilo que ela mesma não realizou (fetiche). Nos estudos de Bucci (2004), há evidências deste poder – principalmente ideológico – que a televisão impõe. Assim, relata um fato, entre outros, muito interessante, no capítulo intitulado “A História na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”⁷⁴, analisando um programa (“Contagem Regressiva”) da Rede Globo, exibido em junho de 1995, que recapitulava os principais acontecimentos históricos no período de 1965 a 1995, percebe, então, a dimensão fetichizada pelo espetáculo das imagens.

Neste sentido, “Contagem Regressiva” era um programa jornalístico que misturava jornalismo e ficção, pois às vezes, entravam em cena atores “globais” para representar os momentos históricos e quando a época exigia, a imagem ficava em preto e branco. Era como se a realidade só alcançasse o estatuto de acontecimento histórico, digno de ser lembrado, se passasse na TV, dramatizado e com características sentimentais. Havia, portanto, uma imensidão de imagens espetaculares que eram registradas de alguns fatos passados, mas não, é claro, dos mais determinantes. O fato, dessa forma, não era o fato mas as imagens dos fatos

⁷⁴ A expressão reprodutibilidade técnica é retirada do ensaio de Walter Benjamin – ***A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade técnica*** – de 1936. Neste sentido, é aquela que ocorre sem que seja necessária à participação do artista: é um processo puramente fabril, alienado, impessoal; sai de cena a tela pintada a óleo, única, e entram em cena a fotografia, os filmes, os discos, todos produzidos em série. No caso da História, trata-se de um modo de produção da memória social que

em forma de espetáculo dramatizado. Assim, a história feita pelas imagens da TV representava uma história do aparente, sem o pensamento, do parcial, dramatizada pela força do vídeo. Neste discurso – ideológico – fatos como a queda do muro de Berlin eram vistas como o fim espetacular de todas as tiranias (BUCCI, 2004).

No Brasil, passou-se por um longo período de ditadura militar e a grande inquietação dos autores supracitados, era como este programa (“Contagem Regressiva”) iria lidar com esta questão, até por que, durante este período perverso na história brasileira, a Rede Globo sempre se ocultou em denunciar a opressão, a tortura. Se a História, neste programa, era aquilo que havia sido exibido na TV, e se a TV jamais noticiara a tirania brasileira durante o tempo de ditadura, como é que a ditadura poderia fazer parte daquela retrospectiva sentimental? Nenhum brasileiro viu a violência do regime militar – no entanto, ela acontecia de verdade – pelo jornalismo da TV nesses tempos hostis. Mas, no programa, ela existia, em um tom inflamado, panfletário – para não dizer hipócrita – declarando o seu fim. Para o telespectador, a sensação de que a Globo noticiou a ditadura no período que ela existiu, ficava evidente. Como diz Bucci (2004, p. 222) “tire a TV de dentro do Brasil e o Brasil desaparece”.

Entende-se que o Jornal (mídia impressa) já desempenhou um grande papel, no tocante à representação ideológica. No entanto, jamais alcançou e alcançará a força da televisão.

2.6 Nas trilhas metodológicas da pesquisa

Pretende-se apontar uma perspectiva de abordar ou ler a realidade, não com o ideal de fixar uma verdade absoluta, mas de estabelecer, entre várias concepções, a perspectiva materialista da história dentro da convenção acadêmica moderna da pesquisa científica. Segundo Bruyne et. al (1991), a vigilância epistemológica torna-se uma necessidade, pois está intrinsecamente ligada à pesquisa científica ao mesmo tempo. Portanto, defende-se que a abordagem materialista histórica junto com a crítica à economia política, ainda constituem-se um

passa longe da mão e da cabeça do historiador. O relato histórico vai se convertendo em passatempo da platéia. É a reprodutibilidade apartada do pensamento Bucci e Kehl (2004).

grande instrumento de reflexão no tocante à concepção de Ciências Sociais e Humanas.

Ao projetar uma perspectiva investigativa, na qual o objeto nasce das relações sociais em determinado momento histórico, entende-se como propõe Bruyne (1991, p. 43), que “os métodos da epistemologia são, portanto, necessariamente múltiplos: para apreciar os fatos, o método histórico-crítico, e para as regras, os procedimentos da lógica”. Nesse aspecto, no interior da investigação, foi necessário perpassar pela economia, sociologia, filosofia, história, substanciando a base epistemológica de nossa pesquisa científica. Sendo assim, a metodologia deve apreender a ciência como um processo vivo e não como um produto.

Nesse sentido, quando despertei para essa investigação, conforme enunciado na Introdução/problematização desta Dissertação, traduzi o enfoque dado às relações de trabalho e capital - Fábrica Tecidos Confiança⁷⁵ - e sua inserção no "mundo da bola" - formação do clube e da equipe de futebol da fábrica, que contratava os melhores jogadores do Estado e os recrutavam para nela trabalhar. Num período histórico brasileiro - pós-guerra - quando as relações de trabalho, capital e emprego, eram escassas e que o futebol esboçava um caráter amador (na essência da palavra), esta era uma boa saída para "driblar" a crise do emprego no sistema capitalista ("eles, os jogadores, tinham emprego e ainda jogavam futebol")⁷⁶. Esse é um fato que serviu para uma análise, numa perspectiva crítica de que as relações históricas - econômicas e políticas - permeiam e fundamentavam esta iniciativa.

Ao analisar este fenômeno, percebe-se que a matriz substancial na produção da existência - trabalho - coaduna com as considerações propostas por Marx⁷⁷ em seus estudos e que nos parece tão vivas nos tempos de hoje. Os seres humanos realizam trabalho, isto é, criam e reproduzem sua existência na prática

⁷⁵ RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. (1997) - Amadorismo-Profissionalismo: suas relações com o trabalho na história de um clube de fábrica. Este é o título do trabalho monográfico, defendido em 1997, no Departamento de Educação Física, da UFS, que aponta a criação de um clube de fábrica, inicialmente para as práticas do Vôlei e do Basquetebol e com o pós-guerra, muda completamente sua estrutura, passando a ser um clube de futebol com a perspectiva de ser hegemônico. Para tanto, fora necessário contratar os melhores jogadores do Estado, colocá-los na fábrica de tecidos Confiança como "trabalhadores/atletas".

⁷⁶ Na pesquisa realizada por RIBEIRO (1997) - nota anterior - expõe-se a fala de um dos representantes da fábrica de tecidos e também representante da Associação Desportiva Confiança.

⁷⁷ Ao referir somente o nome Marx, entende-se o seu pensamento e toda a sua obra, desde jovem até a fase de amadurecimento político e acadêmico que culmina com a sua obra máxima, o Capital.

diária ao respirar, ao buscar alimento, abrigo, amor. Talvez, essa seja uma premissa que se mantém viva em nossos dias, mesmo num período de capitalismo globalizado e de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), pois ainda não se superou esta fase material da vida humana.

2.6.1 Uma perspectiva de entender a realidade: o materialismo histórico

[...] o primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX e ENGELS, 1996, p. 39).

Os homens são produtores de suas representações, de suas idéias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real (*op.cit.*, pp. 36-37).

Essas duas citações expressam bem uma ruptura do pensamento que se consolidava na Europa, explicitamente na Alemanha no final do século XVIII e início do XIX (em que a característica fundamental baseava-se no idealismo como concepção para entender a realidade). Marx e Engels, então, rompem com este olhar e propõem uma nova perspectiva que se configura como o “materialismo histórico”.

Estabelecendo um ponto de ligação entre a Dialética, que consubstancia o método desta pesquisa e o Materialismo (Dialético e Histórico), verifica-se a necessidade da contextualização histórica desses termos, até chegar ao que Marx conceituará de Materialismo Histórico. Neste sentido, percebe-se, a partir dos gregos antigos, segundo Chauí (1998), que a dialética expressa uma idéia de reciprocidade, de troca de palavras, diálogo; enfim, configura-se como uma arte da discussão, procurando convencer e também levar à compreensão. Portanto, ela expressa o raciocínio que busca a verdade por intermédio da conciliação de contradições.

Para Chauí (1998), Heráclito de Éfeso, filósofo do século V a.C., desenvolveu a idéia de uma dialética da natureza, pois a natureza encontrava-se em constante mutação, as coisas e os fenômenos estão em perpétuo movimento, o mundo como um *devir* eterno. Nós somos e, ao mesmo tempo não somos, os contrários põem-se de acordo, dos mais diversos sons resulta a mais bela harmonia. Tudo é engendrado pela luta, pelos contrários. Tudo muda, nada permanece idêntico a si mesmo, o movimento (*devir*), é portanto, a realidade verdadeira.

Nos estudos de Lowy (1999), Ranieri (2001), Chauí (1994), percebe-se que Hegel vai herdar essa concepção de mundo, do *devir*, buscando em Heráclito a concepção da "Filosofia da História" e de um conceito para a dialética. Hegel define a dialética como a conciliação dos contrários nas coisas e no espírito. O processo dialético, consiste na tese, antítese e síntese. A uma tese opõe-se uma antítese e o conflito destas vai originar uma síntese e neste sentido, as coisas se encontram em perpétuo movimento, como afirmara Heráclito. O surgimento dessa síntese, provocará seu próprio contrário o que vai engendrar uma nova tese que, por sua vez, originará uma antítese, e assim o *devir* se instaura indefinidamente.

Parece-me então que desde os gregos antigos até Hegel e Marx, o idealismo e o materialismo são correntes contrárias, dois campos antagônicos, justamente pelo modo de resolver o problema da relação entre a matéria e a consciência. Para os materialistas, o ser determina a consciência, devido a sua relação com a natureza e com a experiência social. Antagonicamente, no idealismo, o fato primário é a consciência; e a matéria, o ser, o secundário. O idealismo interpreta o mundo a partir da consciência do espírito universal, da idéia absoluta, assim, a História da humanidade surge como um processo desenvolvido por uma Razão Universal, cujo desígnio é eterno.

O método dialético afirma a identidade dos contrários. Uma coisa é ela mesma e o seu próprio contrário. O burguês, a partir da passagem do feudalismo ao capitalismo, da Revolução Francesa à Revolução Industrial, apresenta-se como condição para tal, a partir de sua contradição, e a sua contradição é o proletário.

Há evidências de que Marx já alicerçara o Materialismo Histórico a partir do "Manuscritos de Paris" e a "Sagrada Família"; no entanto, é na "Ideologia Alemã", que se configura de fato, essencialmente, esta concepção.

[...], ainda que a influência hegeliana continue a se fazer presente neste momento da elaboração teórica de Marx, posto que se considera como princípio norteador do progresso humano as supressões históricas, processo sem dúvida, herdeiro do sistema de Hegel, o aspecto predominante da construção do materialismo deste período é a tentativa cada vez mais evidente e intensa de extrair o significado teórico da dialética de acordo com a confrontação factual e empírica do cotidiano da vida humana, fazer da teoria o resultado organizado das conclusões recolhidas a partir do concreto pensado (RANIERI, 2001, p. 106).

Marx é obviamente um materialista, sua doutrina se opõe não só ao idealismo, mas também, como diz Wachowicz (1991), à filosofia alemã, à política francesa e à economia inglesa, além disso, preocupa-se com as graves questões sociais da época em que viveu e isso é preponderante na interpretação e entendimento do Materialismo Histórico. O materialismo, numa perspectiva marxiana, vem a ser uma concepção explicativa da História que afirma que não são as idéias que governam o mundo e sim, as idéias é que dependem das condições econômicas da sociedade, ou seja, da própria matéria. Como diz Ranieri (2001, p. 106), "é uma espécie de ciência social da história".

Neste sentido, mesmo as instituições criadas pelo homem, como a política, a religião, a filosofia e a arte possam intervir sobre economia, será esta, a determinante final da evolução histórica. Todas as transformações e revoluções históricas, relacionam-se aos processos de produção e de troca, ou seja, há em Marx uma perspectiva econômica de produção da existência. Essa produção, ao longo da história, é marcada por uma constante luta de classes, sejam amos contra escravos, patrícios contra plebeus, capitalistas contra proletários. Neste aspecto, a História é uma seqüência de lutas de classes⁷⁸, opostas entre si como as fases do processo dialético. Portanto, Marx compreende que a ciência é um conhecimento que se explica através de uma orientação para a práxis, a ação. A ciência e a representação científica de classe não são contraditórias. É possível fazer ciência a partir de uma relação dialética entre ciência e representação de classe (LOWY, 1999).

Segue, nos escritos de Marx e Engels (1996), a necessidade de diferenciar-se das concepções puramente ideológicas, ou seja, de buscar o caminho teórico que apontam a dinâmica do real na sociedade, bem como, o método de

⁷⁸ Apesar de estarmos num tempo em que cada vez mais são desconstruídas as classes, acredita-se aqui, que as classes ainda existem. Como alerta Jameson (2001), "ainda há divisão de classes sociais e assim por diante. O que talvez tenhamos que pensar é numa forma nova de dizer isso. Para mobilizar as pessoas, elas precisam identificar as forças que as estão oprimindo".

abordagem deste real. Na concepção materialista histórica, a investigação histórica das determinações econômico-sociais, constitui-se um pré-requisito fundamental para entender a realidade. "A luta teórica só tem sentido se for sinônimo de luta social, ou seja, resultado da compreensão das constituições sócio-econômicas que determinam tanto a vida como o pensamento [...]" (RANIERI, 2001 p.106).

O pensamento de Hegel achava-se estruturado em uma pirâmide, cujo vértice estaria voltado para baixo. Numa passagem da Ideologia Alemã, Marx e Engels, fazendo uma crítica ao pensamento hegeliano, explicam que:

A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E, se em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como uma câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico (MARX e ENGELS 1996, p. 37).

O que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais de sua produção. Numa crítica irônica, segundo Wachowicz (1991, p. 36), Marx condensa em uma frase sua oposição ao idealismo, quando diz "Não é a consciência que determina o ser, mas o ser que determina a consciência".

Quando Marx e Engels (1996, p.14) escrevem a 11ª (décima primeira) tese sobre Feuerbach, "Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo, de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo", entende-se que eles pretendiam alertar para a necessidade de um conhecimento prévio da realidade que se pretendia transformar, não enunciar, com isso, a morte de toda teoria, mas uma ruptura com as teorias a respeito do homem, da sociedade e sua história, que até esse momento eram teorias filosóficas, que se limitavam a contemplar e interpretar o mundo. São, portanto, incapazes de transformar o indivíduo, porque não conheciam o mecanismo de funcionamento das sociedades. A crítica deles era justamente, pelo fato de os filósofos não conhecerem sua realidade, seus problemas vitais - a terra, latifúndio, o emprego, a moradia e outros - o que até esse momento existia, em relação à sociedade e sua história, eram teorias filosóficas acerca da História ou Filosofias da História, ou então narrações históricas e análises sociológicas que se limitavam a descrever os fatos que ocorriam nas diferentes sociedades. O que não existia era um conhecimento científico da sociedade e sua história. Assim, a dialética

materialista surge como uma ciência das leis mais gerais que regem a dinâmica e o desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento.

Para Marx e Engels (1996) a produção de idéias, de representações, da consciência está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. Neste sentido, Ranieri (2001, p. 108), explica que "em contraposição ao idealismo, a concepção materialista da história considera as bases naturais sobre as quais se edifica a sociedade humana, assim como as modificações pelas quais passa essa mesma sociedade a partir da ação dos homens [...]".

No Prefácio à "Contribuição à Crítica da Economia Política" há evidências da luta contra o idealismo e conseqüentemente, aponta a perspectiva histórica do materialismo:

A minha investigação desembocava no resultado de que tanto as relações jurídicas como as formas de Estado não podem ser compreendidas por si mesmas nem pela chamada evolução geral do espírito humano, mas se baseiam, pelo contrário, nas condições materiais de vida [...] Na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção a forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (MARX, s/d, p. 301).

Marx esboça uma compreensão de produção no sentido de interação com a existência humana e com isso, une-se à economia, entendendo como a sociedade desenvolve as relações materiais e humanas. Entende que a economia engloba o conjunto dos esforços do homem para se apropriar da matéria e explorá-la e constitui-se na estrutura essencial das relações sociais. Assim, a produção, como explica Ranieri (2001), significa também um determinado complexo de realizações sociais, de relações estabelecidas entre os seres humanos.

Parafraseando Bruyne (1991), esta é a linguagem científica para entender o objeto de estudo formulado para esta investigação. Linguagem esta que consubstancia a partir do concreto, das contradições, dos conflitos de novas problemáticas e que portanto, representam a história do homem, pois entendemos

que o objeto científico está intrinsecamente entrelaçado com a problemática posta na realidade.

Neste contexto, retornando à situação particular dessa investigação, a criação do Clube de Fábrica, no Estado de Sergipe, verifica-se que muitas coisas mudaram nas relações de trabalho e natureza, trabalho e capital, principalmente após o período conhecido como Revolução Industrial, pois é um período que marca substancialmente a mercantilização da força de trabalho. Significa dizer, que para produzir sua existência, o ser humano vê-se obrigado a vender sua força de trabalho.

Ora, deparar-nos com um fenômeno como este - surgimento de um clube de fábrica - que aparentemente, constitui-se como algo natural, em que os valores, a forma, seus significados, conduzem-nos a pensar que tudo era “bom” e “belo”, surge-nos uma inquietação que reporta à produção da existência à qual Marx nos alertava. Esses acontecimentos foram oriundos de uma lógica de produção que estampava a vontade para ampliar o lucro, seja sob a forma de hegemonia esportiva, espetáculo virtual, ou industrial, e que os sujeitos ali, trabalhadores/atletas, submetiam-se a esta condição por uma razão particular, a produção da existência material. Algo que se consolida nas relações de troca que se estabelecem nas transações mercantis, ou seja, nas relações políticas e econômicas da sociedade capitalista. Assim como Bottomore (1993, p. 260), fazendo referência à Marx que expõe "o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e espiritual em geral".

Portanto, este constitui um contexto de contradições e conflitos, que abriu possibilidades de investigar o "objeto", o fenômeno, a partir da compreensão do método dialético, que traz a característica histórica e que é perpassado e determinado pela totalidade social, bem como pela economia política. Acredito e, não ingenuamente, que a partir desta teoria, possamos viabilizar investigações sociais e históricas, pois o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e espiritual. Aqui, simbioticamente misturados, sujeito pesquisador e objeto (sujeito também) pesquisado, seja em páginas velhas de jornais, ou na sua história de vida, representam seu momento histórico em um dado período, produzindo sua existência, que luta contra a opressão de classe, fazendo a história, lutando para sobreviver ou subsistir e nesse contexto, tendo como elemento

básico mediador de suas relações com a natureza, o trabalho. Esse é o elemento fundamental que caracteriza e dá ao ser humano a condição de vida.

Reportar a um pensador que escreveu no século XIX não significa voltar ao seu período vivido, pois se entende que isso mataria a própria dialética. Tampouco tratar os fenômenos com os mesmos olhares, até por que existem realidades diferentes, principalmente em nosso país – de terceiro mundo, na região nordeste, mais pobre da federação, no menor Estado e na pequena Aracaju – mas, sobretudo, reconhecer o aparente, pois foi a partir desta concepção científica de história, tendo a práxis como critério de verdade, que lançamos olhares buscando a essência nas relações sociais, na produção da existência, seja no trabalho, na cultura, no esporte espetacularizado, nascido no seio de uma fábrica têxtil; enfim, na vida do homem na sociedade.

Por que então, um estudo dessa natureza e com essa base epistemológica? Talvez porque acredito que a morte de Marx e de sua teoria não aconteceram, pois,

os problemas que levaram à problemática marxiana continuam existindo; as análises de Marx, haja vista a evolução e as pragas do mundo moderno, continuam frequentemente atuais. Quando se apagam as orientações totalitárias (que o próprio Marx desenhou) renasce um marxismo vivo, carregado de interrogações [...] Nem as transformações políticas européias, nem o fim do marxismo oficial, nos autorizam a dizer que a filosofia de Marx deixou de ter um papel. (COGGIOLA, 1996, p.111).

Nesta perspectiva, como alerta Katz (1996, p.21), "as idéias contidas no Capital continuam sendo a referência de qualquer estudo medianamente sério da realidade contemporânea [...]". Sendo assim, partirei para tecer a história – do objeto de estudo – envolvendo-o em suas contradições e conflitos a partir de uma realidade concreta, ou seja, de uma teoria viva.

2.6.2 Introduzindo: a “forma” e o “campo”

Aqui, irei expor sobre os procedimentos metodológicos aos quais foi submetida a pesquisa, contextualizando a sua abordagem, o seu tipo, bem como, os instrumentos de coleta de dados e a perspectiva de análise e interpretação dos dados.

Entendo que o homem faz a história e que, o objeto das ciências sociais tem um caráter histórico, Além de ter compreendido que as sociedades, num determinado tempo e espaço, estão em constantes transformações nas suas relações sociais, fez-se necessário, ao deparar-me com um fenômeno social, entendê-lo em suas contradições, em seus aspectos qualitativos, ou seja, numa abordagem dialética. Minayo (1994, p. 24), explica que esta abordagem

propõe abarcar o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. A Dialética pensa a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos [...] considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos.

Percebendo, então, que o objeto de estudo apresentou-se, para uma análise com base nos pressupostos teóricos das ciências sociais, e que a realidade social só se apreende por aproximação, encaminhei a pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa. Compreendi ainda que deve ser buscado, sobretudo, a visão de mundo que se relaciona com o método e que dá às representações sociais e aos sujeitos, numa perspectiva marxiana, seus significados enquanto homem.

tantos os fatores visíveis, como as representações sociais integram e configuram um modo de vida condicionado pelo modo de produção específico. [...] assume-se a importância das representações sociais como condicionantes tanto na reprodução da consciência como na construção da realidade mais ampla (MINAYO. 1996 p. 34).

Do ponto de vista metodológico, ao analisar o surgimento de um clube de fábrica, interliguei os autores sociais, o objeto de estudo à visão de mundo do pesquisador. Isso por que o fenômeno social traz uma carga histórica, cultural, política e ideológica, que na perspectiva das ciências sociais, estão imbricados, numa relação indissociável, a sociedade e o homem. Portanto, o sentido qualitativo que foi atribuído à pesquisa significa a possibilidade de trabalhar com a complexidade com que nosso objeto de estudo se apresentou na sociedade ou na prática social, buscando as raízes dos pressupostos que serviram de fundamento à

vida das pessoas, para entender o “ser” social, esse sujeito que trabalha na fábrica, joga futebol por ela, como ser histórico.

Neste sentido, a pesquisa **Histórica** aqui empreendida, é entendida numa perspectiva marxiana, como a história da "vida material", ou seja, que as condições materiais de existência estão relacionadas com a vida dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido, interpretei, cientificamente, como explicita Ranieri (2001), a partir do entendimento de uma "ciência social da história". Aqui, diferenciada de uma história factual e narrativa. Segundo Bottomore e Rubel apud Minayo (1996, p.66), fazendo uma análise sobre a perspectiva materialista em Marx, explicam que

a ênfase que ele dava à estrutura econômica na sociedade não era novidade. Sua contribuição pessoal nessa esfera foi o contexto dentro do qual discutiu a estrutura econômica: o contexto do desenvolvimento histórico do trabalho humano como relação primária entre homem-natureza e entre os homens e seus semelhantes. O trabalho de Marx conforme ele mesmo disse, antes de tudo era uma nova historiografia, e seu interesse dominante era a transformação histórica.

Assim, percebi que nada é eterno e que nada se constrói fora da história e que os sujeitos ali, trabalhadores/atletas, Cronistas esportivos, Diretores de Clube, torcedores, entre outros, que então, representam a história do clube de fábrica, são sujeitos desta história. Portanto, conforme Minayo (1996, p. 68), "os fenômenos econômicos e sociais são produtos da ação e da interação, da produção e da reprodução da sociedade pelos indivíduos".

2.6.3 Procedimentos na “Colheita” no Campo Investigativo

Durante o período de colheita⁷⁹ de dados, conforme cronograma elaborado no Projeto de Pesquisa, busquei informações em jornais da época da formação do “glorioso” time de futebol da Fábrica de Tecidos Confiança, reconstruindo então a sua história. Esse material encontra-se disponível para consultas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe⁸⁰ e na Biblioteca Pública

⁷⁹ Tomando emprestado o termo explicitado por Minayo (1996), trago-o para análise em que o campo faz brotar inúmeras possibilidades de reflexão humanamente construídas e, por isso, gostaria de afastar-me da idéia de coleta.

⁸⁰ Fundado em 1912, tendo como primeiro Presidente o Sr. Florentino Teles Menezes.

“Epifânio Dórea”. A captura das informações veio dos seguintes Jornais: *Sergipe Jornal*, *Correio de Aracaju* e *Diário de Sergipe*, *Gazeta Socialista*, *Gazeta de Sergipe*, *Diário de Aracaju*, por se constituírem de grande relevância no Estado e por seus arquivos conterem quase que todos os exemplares dos anos referentes à delimitação (1949 a 1970). Evidentemente, no Site da Associação Desportiva Confiança existem algumas pistas para entender a sua história.

Além da base documental acima descrita, realizei **entrevistas** com pessoas ligadas, de alguma maneira, ao clube/fábrica e jornalistas que tenham atuado no campo do jornalismo esportivo devido sua relevância no contato com os sujeitos históricos que construíram todo um imaginário na formação do clube (No Capítulo III, descrevi os sujeitos da pesquisa). A entrevista como propõem Kahn & Cannell apud Minayo (1996, p.108), serviu como instrumento, entendendo-a como: "conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa e entrada (pelo entrevistador) em temas pertinentes com vista a este objetivo". Ou seja, garantindo o processo dialético na investigação e, sobretudo, misturando-se sujeito/objeto. Até por que, como alerta Silva (2003, p.81), entende-se que “técnica e método não estão separados e é o processo de pesquisa que qualifica as técnicas e os instrumentos necessários para elaboração dos conhecimentos”. A idéia na utilização da entrevista é de estabelecer um diálogo e uma aproximação com os sujeitos da pesquisa. Foi por isso - enquanto instrumento flexível - que optei pela **entrevista semi-estruturada**, acreditando que ela, nessa relação social, valoriza a presença do entrevistador, dando liberdade e espontaneidade ao entrevistado no processo de investigação, expondo sua visão de mundo.

Sendo assim, construí um **roteiro de entrevistas** (conforme Anexo I) no qual as questões cruciais acerca da problemática foram enfocadas. Com o auxílio do **gravador** garanti o registro das falas dos atores sociais que participaram da investigação, facilitando a interação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Portanto, foi neste universo, uno e múltiplo, que me aproximei da realidade, lembrando sempre as palavras de Minayo (1996, p. 64), "o que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho”.

Neste aspecto, delimito o período de 1949 até o ano de 1970 no Estado de Sergipe, analisando, a partir da mídia impressa e das entrevistas, a formação e

“expansão” da Associação Desportiva Confiança - ADC - na cidade de Aracaju. Vale frisar que a investigação desse período foi concentrada em dois momentos fundamentais:

1) a criação da equipe de futebol em 1949 (tendo o cuidado de caracterizar o contexto de Aracaju, no tocante à prática do esporte, da formação da cidade e das fábricas têxteis, algumas décadas antes) e consequentemente os anos que se caracterizaram pelo slogan “já nasceu grande”, ou seja, de 1949 a 1955 (ano que rompe com a Federação e “separa-se” da fábrica);

2) Outro grande momento, refere-se à década de 60 (de 1957 a 1959, sua preparação para voltar ao futebol de modo triunfal e, consequentemente, à profissionalização). De 1960 a 1964, que representa o “auge” de sua equipe de futebol.

Nos anos que compõem os dois períodos acima delimitados, os exemplares (jornais) pesquisados tiveram um rigor mais detalhado, sendo que nos demais houve um recorte factual, sendo capturados apenas os aspectos mais relevantes à pesquisa.

É importante ressaltar que o clube – Associação Desportiva Confiança – foi criado em 1º de maio de 1936, para prática do basquete e do vôlei, daí o cuidado de voltar alguns anos antes. No entanto, o recorte a partir de 1949 deu-se pelo fato de neste ano, em 1º de maio de 1949, ter sido criada a tão “famosa” equipe de futebol. Este período foi relevante também por estar no pós-guerra, com as evidentes dificuldades nas relações de trabalho e capital (emprego) que caracterizaram a época. Neste sentido, eis uma lacuna que foi observada, uma vez que a fábrica de Tecidos Confiança contrata os melhores jogadores para nela trabalhar e igualmente jogar pelo seu clube.

Em 1950, foi realizada a Copa do Mundo de Futebol no Brasil e esse fato histórico repercutiu muito no sentido de ampliar a divulgação do futebol no país e no mundo. Proni (2000) entende que, mesmo a Segunda Grande Guerra interrompendo alguns anos a Copa e desarticulando muitas equipes, não tardou, após a Copa de 1950, o futebol seguir sua trajetória expansiva.

Silva (1991) explica em seu estudo sobre o “processo de mercadorização do esporte”, a partir da realidade americana, que antes de 1950, jornais, revistas e o rádio tinham estimulado o interesse pelo esporte e esse despertar vai culminar com a chegada da televisão. Explica que esta aproximação dá-se primeiro com a mídia escrita (jornal), principalmente na década de 30 e o rádio na década de 40 e 50, havendo uma aproximação muito grande com a televisão no final dos anos 60, e chegando ao ápice na relação com o esporte na década de 70, que marca uma nova era nas transmissões esportivas. Por isso, não foi analisada a relação com a Televisão, pois, é a partir de 1970 que ela ganha força na apropriação do fenômeno esportivo.

Estas proposições foram importantes, pois, percebi a relação entre a mídia, o esporte e a empresa, uma vez que, no caso específico, o clube de futebol também tinha por propósito, divulgar o nome da fábrica e vender sua produção.

Não resta dúvida de que o período de criação do clube em 1936 até 1949 foi marcante na relação com o Estado, nas relações de trabalho e capital, nos incentivos às práticas esportivas, entre outros, como alerta Bruhns (2000) que no período de 1930 a 1936, o governo Vargas legalizou, além de várias profissões, também a de jogador de futebol. No entanto, o estudo concentrou-se a partir de 1949, sem perder de vista os períodos anteriores, pela ruptura que ocorreu na preferência da modalidade esportiva da fábrica que marcou decisivamente a imagem do clube/fábrica no cenário sergipano e brasileiro.

O limite até o ano de 1970 foi, principalmente, porque marca decisivamente a inserção da televisão nas práticas desportivas, seja na transmissão em larga escala, atingindo a milhões de pessoas ao mesmo tempo, seja na criação dos ídolos esportivos. Entendo que aí se inicia uma outra história.

Resumidamente, pode-se dizer, que o “campo investigativo” caracterizou-se com a formação da cidade de Aracaju, a partir do Bairro Industrial onde se localiza a Fábrica de Tecidos Confiança (aqui, para além dos jornais, me nutri das pesquisas realizadas na área, por pesquisadores do Estado de Sergipe); A “colheita”, captura dos jornais, envolvendo o esporte no período de 1949 a 1970; o contato com os sujeitos – conversa intencionada – através de entrevistas (com 10 indivíduos, sendo que, seis pertencentes à primeira fase da pesquisa em 1997 e quatro neste período atual de 2005. Todos caracterizados no Capítulo III). Com

essas medidas tomadas, envolvi o objeto de estudo, “tecendo” sua história a partir do próprio “campo” investigativo.

2.6.4 Perspectiva da análise da pesquisa

Analisei os “achados” do campo investigativo a partir da compreensão das mensagens oriundas da mídia escrita (jornal) e dos depoimentos relacionados ao objetivo e às questões a investigar. Procedi a interpretação por meio da análise de conteúdo. Pires (2002, p. 193), fazendo referência à Bardin explica que

a finalidade de qualquer análise de conteúdo é a de interpretar, isto é, de atribuir significação às características observadas/descritas nas mensagens comunicacionais, isto só é possível através do exercício da inferência, operação lógica que implica extrair consequências ou admitir proposições a partir de sua relação com outras já conhecidas.

Foi neste sentido, ou seja, dando sentido aos dados que na primeira fase desta etapa, organizei o material (jornais e entrevistas), principalmente os trechos significativos à pesquisa (extraídos do material empírico produzido, representando as unidades de registro e de contexto). Sendo assim, com uso do lápis de cor, agrupei (por cores diferentes para cada grupamento) as Unidades de Registro⁸¹. O segundo momento foi contextualizar cada grupamento a partir de seu significado para a pesquisa. Por fim, elaborei a análise, conforme Capítulo III, através de uma “narrativa histórica”, fazendo e refazendo os grupamentos.

É bom esclarecer que a utilização da Análise de Conteúdo, seguindo a orientação de Bardin (s/d), representou neste trabalho, apenas a técnica para agrupar os dados e, então, dar sentido a eles. Por isso, percebi no estudo, que há uma comunicação entre emissor e receptor no tocante à mensagem que circulava nos jornais da época, bem como, comunicação na veiculação da equipe de futebol da fábrica (Confiança). Decifrar esses signos e códigos constituiu a tarefa da análise de conteúdo. Articulei os dados, no seu sentido qualitativo, com o referencial teórico, tentando responder às questões investigativas, ou seja, indo além das aparências do

⁸¹ Ver Bardin (s/d, p. 104 a 114) – “Unidades de Registro e de Contexto”

que está sendo comunicado, ampliando o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando ao contexto cultural, unindo o concreto (dados empíricos) com o abstrato (o olhar dos sujeitos a partir das entrevistas), o geral (aspecto macroeconômico) e o particular (ADC em Aracaju), ou seja, a teoria e a prática numa relação indissociável.

CAPÍTULO III

ANALISANDO: DA FÁBRICA AO CAMPO [...], TECENDO SEUS FIOS HISTÓRICOS

Vimos como a maquinaria aumenta o material humano explorável pelo capital, ao apropriar-se do trabalho das mulheres e das crianças, como confisca a vida inteira do trabalhador, ao estender sem medida a jornada de trabalho, e como seu progresso, que possibilita enorme crescimento da produção em tempo cada vez mais curto, serve de meio para [...] explorar cada vez mais intensamente a força de trabalho (KARL MARX, 1996 p. 477).

Aqui, inicia-se uma “trama” na tentativa de compreender o fenômeno estudado. Trata-se então de uma análise que envolve o conteúdo nas suas diversas manifestações/expressões, seja a partir dos recortes dos jornais, seja a partir dos depoimentos dos sujeitos históricos, mediados a partir de uma base conceitual que se configura entre o “objeto” e o “sujeito”. Enfim, trata-se do momento que se caracteriza por buscar dar sentido aos dados empíricos e conceituais.

A análise de conteúdo, que configura esta etapa da pesquisa, visa ultrapassar o senso comum e adotar uma reflexão crítica frente aos documentos (jornais) e entrevistas, a partir do contexto que emergiram a investigação. Não quero entendê-la “deslocada” da realidade, nem tão pouco de uma interpretação estruturada de dados, ou seja, pretendo fazer da análise de conteúdo, como sugere Bardin (s/d), não apenas uma técnica de interpretação, mas um conjunto de estratégias que visam contribuir para desvendar além do simplesmente aparente.

A partir deste entendimento, compreendo que a análise não representa um momento à parte da investigação, mas que se integra à discussão em torno do objeto/fenômeno, pois, não a vejo separada da concepção de mundo exposta na literatura, nem dos aspectos metodológicos, expostos no método. Tudo, nesta

investigação, se entrelaça. Não há, portanto, uma fragmentação do conhecimento, pois, aqui há uma situação que é una e múltipla, local e universal.

Neste aspecto, após a fase de “descoberta” no campo quando se deu a captura das informações - nos jornais e também, a partir dos entrevistados – passei a sistematizar essas fontes. Registrei os aspectos que estabelecem um ponto de conexão entre o concreto – no campo – e os seus significados). Portanto, para identificar o contexto destes registros, ou melhor, compreender a codificação e os seus significados, faz-se necessário esclarecer, previamente, os seguintes aspectos:

- ao me referir à **História**, encontrei subsídios que explicam a criação do clube, como também o contexto da cidade (Aracaju); dos bairros (de ricos e pobres); da economia do Estado (Sergipe); dos “Patronos” (capitalista) dos clubes; da perspectiva moderna influenciada pela Europa e Estados Unidos; do profissionalismo “oculto” do futebol; da função da fábrica numa relação ideológica com o esporte;

- ao me referir à **Mercadoria**, estabeleço relações que explicam o esporte enquanto um bem cultural dotado de valor e no fetiche que se materializa nas relações sociais; no trabalho que incorpora os bens simbólicos; no processo de alienação que se sujeita o trabalhador; no processo de semi-formação do homem na sociedade capitalista; na renda advinda do espetáculo esportivo;

- ao me referir ao **Espetáculo**, busco esclarecer não só sua representação enquanto “show” do jogo esportivo, mas também, significados do modelo de sociedade que estava se configurando; da mercadoria enquanto “bem cultural”; da política pública na construção de “espaços de lazer”; nos jornais (mídia impressa); na construção do espetáculo esportivo;

- Por fim, ao me referir sobre a **Mídia**, há o entendimento dos meios de comunicação (jornal, rádio, televisão); da criação de órgãos ligados ao esporte (ACES); da criação do espetáculo e dos ídolos do esporte; da promoção e divulgação dos torneios esportivos; do “agendamento” como forma de informar e garantir o público esportivo; como meio de propagação dos bens da cultura (Indústria cultural).

Para o desenvolvimento das reflexões, envolvi esses achados em temáticas (buscando a compreensão dos seus significados) que simbolizam a construção, que é apresentada em forma de “narrativa histórica”, ou seja, no “tecer

os fios da história” dialogando com a base teórica e metodológica adotada para reflexão.

Sendo assim, apresentarei a análise, a partir do surgimento da Associação Desportiva Confiança e, ao ir “tecendo os fios” de sua história, relacioná-lo com o seu contexto cultural, político, social e econômico, numa relação indissociável com a prática (da vida), no sentido de estabelecer classificações do campo de investigação. Com isso, quero dizer, que as representações sociais⁸², numa perspectiva dialética marxista, compreendem a vida material dos sujeitos históricos que fazem parte de nossa investigação.

Portanto, elaborei temáticas que emergiram de toda construção teórica, metodológica e do campo⁸³ e que se relacionam entre si, sendo apresentadas na forma de tópicos:

- 1 - Associação Desportiva Confiança: Algumas Épocas Antes...!;
- 2 - Confiança: A História Continua, Tecendo a História;
- 3 - “A História Que Não se Conta...!”;
- 4 - O Profissionalismo “Oculto” do Confiança;
- 5 - “Da Fábrica ao Espetáculo do Confiança: Um Casamento Feliz Com a Mídia;
- 6 - O Espetáculo: do Confiança ou da Sociedade?!;
- 7 - Nessa História, o Espetáculo Gera Renda;
- 8 - Criação dos Estádios/Mercados;
- 9 - O Confiança na Mídia: Considerações Históricas entre 1949 e 1966.

Para identificação acerca dos depoimentos, usei E₉₇, para referir aos entrevistados do trabalho monográfico⁸⁴, realizado em 1997. Os sujeitos desta pesquisa foram: E₉₇₋₁ - Rubens Chaves (filho do dono da fábrica Confiança e foi Diretor do Clube); E₉₇₋₂ - Sávio Garcez (Escrevia crônica sobre a história do Confiança); E₉₇₋₃ - Viana Filho (Jornalista e um dos historiadores do futebol

⁸² Minayo (1996) – Explica que Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção anterior ou do conteúdo do pensamento e nas ciências sociais, são categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade. Assim, numa perspectiva marxiana, o pensamento e a consciência, são determinados pelo modo de vida dos indivíduos, ou seja, pelo modo de produção de sua vida material. Portanto, é importante entender, historicamente como o campo investigado foi determinado pelas condições de existência – classes – em um dado período histórico, na sociedade capitalista.

⁸³ Campo - Espaço social de relações objetivas e subjetivas.

⁸⁴ Ribeiro (1997) – refere-se ao ano de realização das entrevistas e 04, ao presente ano.

sergipano); E₉₇₋₄ - Odisseu⁸⁵ (conheceu vários operários que trabalharam na fábrica); E₉₇₋₅ - José Walkírio (foi Presidente do Clube na década de 50/60); E₉₇₋₆ - Marcos Prado Dias (Médico do Confiança na década de 60/70). Os entrevistados no período atual do trabalho são identificados por E₀₄, sendo os seguintes: E₀₄₋₁ - Wellington Elias (Cronista esportivo, atua no rádio e na televisão como comentarista); E₀₄₋₂ - José Eugênio (Cronista esportivo, um dos fundadores da ACES e hoje é o atual presidente da Associação Sergipana de Imprensa); E₀₄₋₃ - Vilder Santos (Jornalista, ligado ao rádio e conhecedor da história do futebol em Sergipe); E₀₄₋₄ - Luiz Manoel (Foi jogador profissional e integrou a equipe do Confiança na década de 60 e hoje é funcionário público federal).

3.1 Associação Desportiva Confiança: algumas épocas antes...!

Iniciarei a história (análise) acerca da formação da Associação Desportiva Confiança, voltando um pouco na própria história. Ou seja, para entender o contexto político e econômico - mundial-local - que se configurava em Sergipe, em particular, em Aracaju⁸⁶, voltarei algumas décadas antes de 1936 (quando se cria o Clube da Fábrica Confiança) e de 1949 (quando se cria a equipe de futebol).

Na transição dos séculos XIX ao XXI, a grande concentração da indústria brasileira estava na região Centro-Sul: em 1907 havia 3.258 estabelecimentos industriais, empregando 150.841 operários – principalmente nos Estados do Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul (Censo das Indústrias)⁸⁷. Especificamente em São Paulo, esta concentração, segundo Prado Jr. (2004), é resultado, do Progresso Geral do Estado: lavoura cafeeira; abundância de energia hidráulica, do processo de imigração com habilitação técnica do trabalhador europeu. Mesmo assim, considera que

a acumulação capitalista ainda é essencialmente no Brasil um fato individual restrito. Aqueles que têm capitais aplicados na indústria são unicamente indivíduos que lograram reunir fundos suficientes para se estabelecerem nela por conta própria e independentemente (Op.cit., p. 264).

⁸⁵ Este é um nome fictício a pedido do entrevistado.

⁸⁶ Os Estudos de Dantas (1997 e 2004); Passos Subrinho (1987), Sousa (1991), Figueiredo (1989, 1991) Ribeiro (1997), bem como os entrevistados deste trabalho, constituem a base histórica na construção desta parte,

Para Dantas (2004), essa concentração se acentua ao longo do século XX e no período de 46 a 64, ampliando consideravelmente a defasagem econômica entre o Sudeste e o Nordeste do país. Enquanto que o Sudeste do país, estimulado pelo “Plano de Metas” – JK – articulando empresas nacionais com estrangeiras e, conseqüentemente, implantação de um processo de industrialização “pesado”, fabricando produtos industrializados com grande nível de produtividade e com isso, conquistando o mercado nacional com seus produtos, o Estado de Sergipe, como em todo o Nordeste, mantinha um perfil agro-exportador em decadência.

No Estado de Sergipe, a queda do setor da indústria têxtil pode ser visualizada abaixo (Quadro nº 1), tendo relação direta com o desenvolvimento do Sudeste e também, pela disposição de matéria prima de baixa qualidade e tecnologia obsoleta, principalmente em relação à Indústria Têxtil.

Quadro nº 1 Relação indústria têxtil e número de operários em Sergipe

ANO CENSO INDUSTRIAL	Nº ESTABELECEMENTOS	PESSOAL OCUPADO
1940	40	6.472
1950	61	8.189
1960	39	5.973

Fonte: Dantas (2004) – somente o ramo têxtil.

Em relação à economia geral do Estado, o Quadro nº 2 demonstra queda acentuada na produtividade representada pelo setor secundário; tal declínio foi motivado, entre outros, pelo fechamento das usinas açucareiras e das indústrias têxteis.

Quadro nº 2 Demonstrativo da Produtividade têxtil em Sergipe

SETORES	1950	1960	1967
PRIMÁRIO	35,9 %	42,8 %	44,8 %
SECUNDÁRIO	18,6 %	10,8 %	6,4 %
TERCIÁRIO	45,5 %	46,4 %	48,8 %

Fonte: Dantas (1997)⁸⁸, com base no Sergipe Sócio-econômico (1970)

⁸⁷ Fonte: “história Econômica do Brasil” – Caio Prado Júnior – (2004, p. 260).

⁸⁸ Tal declínio era motivado, entre vários motivos, pelo fechamento das usinas açucareiras e das Indústrias têxteis.

A Economia nordestina e, em particular, em Sergipe, tinha como principais produtos o açúcar, derivado da plantação de cana e o algodão. Segundo Passos Subrinho (1987, p. 77), “o algodão como em outros estados nordestinos, foi, em Sergipe, o segundo produto de exportação, mas nunca chegou a ameaçar a hegemonia do açúcar”.

Corroborando com esta afirmação, para Dantas (2004, p. 49-50), o açúcar (1º) e o algodão (2º), eram os elementos mais importantes da economia. “Depois do açúcar [...], vinha o algodão que era cultivado, sobretudo, no agreste e no sertão pelos pequenos proprietários. Daí ser chamado de cultura de pobre”. A partir daí, a atividade têxtil foi participando do mercado nacional e assumindo importância crescente na Economia do Estado.

Entre as exportações industriais, aquela que mais ocupava mão de obra eram as fábricas de tecidos. Neste sentido, há momentos da história sergipana que a utilização do algodão, a partir das Indústrias têxteis, chega a ser a força propulsora da economia local e regional se firmando no campo da economia, como expõe o pesquisador Ibarê Dantas⁸⁹:

As indústrias mais significativas pela quantidade de pessoal empregado continuavam sendo as têxteis. [...] no período de 1931/45 sua produção foi se ampliando e, em 1945, Sergipe era o quinto Estado do país em número de empresas têxteis e produção, perdendo, na região Nordeste, apenas para Pernambuco (DANTAS 2004, p.100).

Esta informação é reforçada por Caio Prado Jr, em sua obra “História Econômica do Brasil”. Segundo ele, após a crise⁹⁰ (1930, decorrente da queda da bolsa de Nova Iorque), salva-se o algodão, com um aumento gradativo nas exportações, principalmente durante o período da II Guerra, alcançando em 1939, o alto nível de 323.529 toneladas. Neste aspecto a indústria do algodão encontrou mercados externos, na América Latina e África do Sul. Os Estados Unidos também se tornaram grandes importadores de tecidos brasileiros. “A exportação de tecidos

⁸⁹ **História de Sergipe:** República (1889-2000).

⁹⁰ Prado Jr. (2004, p. 266) - “O período que vai de 1924 a 1930 será uma fase sombria para as indústrias brasileiras; muitos fracassam e perecem, e todas ou quase todas se manterão muito próximo do nível mínimo de subsistência”. A crise mundial desencadeada em outubro (1930), repercutirá gravemente no Brasil. As exportações sofrem grande redução. Conseqüentemente, a moeda se desvaloriza rapidamente, as importações declinam.

constituirá mais um elemento ponderável de reforçamento de nosso balanço comercial, chegando a figurar em segundo lugar na pauta de exportação [...] (1943)” (PRADO JR., 2004 p. 304).

Este efeito da economia determina também mudanças significativas na hegemonia de ordem do capital no Estado de Sergipe e, com isso, ganha uma dimensão política, devido à força “simbólica” que passa a exercer, conforme vê-se abaixo:

- Aspecto da Economia Sergipana Por Orlando Dantas, Deputado Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro.

- Indústria de Tecidos de Algodão – O nosso parque industrial de tecidos representa, sem dúvida, um grande esforço de trabalho, pois ocupa atividade de 10.000 operários, sendo a maioria do sexo feminino e com uma produção anual, superior a 50 milhões de metros [...]. As nossas 12 fábricas dispõem de capital e reservas superiores a 100 milhões de cruzeiros [...]. As fábricas estão localizadas em Aracaju, São Cristóvão, Estância, Riachuelo, Maruim, Propriá e Neópolis.

- O valor da nossa produção de tecidos é superior a 200 milhões de cruzeiros e representa a maior economia do Estado. Com a guerra última, os preços se elevaram a mais de 300 % permitindo lucros fabulosos aos seus proprietários [...]. Embolsaram os patrões, na fase da inflação, lucros extraordinários e os salários não acompanharam a mesma relação de preço [...]. (**Gazeta Socialista**, p. 3, Ano II, nº 36 e 37, 1949).

Percebe-se que a exploração da força de trabalho e a aquisição de matéria prima com baixo valor no mercado, foram fundamentais para que as indústrias têxteis impulsionassem sua produção e garantissem sua posição no mercado. Informação essa, que é ratificada por Prado Jr. (2004, p. 265), segundo o qual

no pós-guerra (meados de 1924), verifica-se uma elevação geral dos preços e encarecimento da vida que não são acompanhados no mesmo ritmo pelos salários [...], a acumulação capitalista se faz efetivamente à custa de um empobrecimento relativo da massa da população, sobretudo de suas classes trabalhadas e um acréscimo de exploração do trabalho.

Segundo Passos Subrinho (1987, p. 92), no século XIX, comerciantes de algodão construíram fábricas têxteis, em Sergipe, criando uma demanda local de algodão e conseqüentemente, “o único seguimento que conseguiu expandir, consideravelmente, suas vendas externas foi o de fiação e tecelagem de algodão”.

Este é um dado importante, pois, começa a marcar, do ponto de vista da relação de trabalho e capital, a lógica capitalista na região, bem como, a oscilação de uma economia monocultura e principalmente, pela sua influência na formação das cidades. Neste sentido, vê-se que

As fábricas de tecidos localizadas no Estado construíram o topo da rede de comercialização do algodão, obtendo, daí, benefícios, pois, se as mesmas, não foram atingidas, na segunda metade da década de 1920, pelo excesso de produção que tantos prejuízos causou às indústrias dos outros Estados, foi porque As fábricas sergipanas consomem algodão de produção interna comprando-o diretamente ao agricultor, sem impostos, nem grandes despesas de transportes. Demais, o operário não é exigente: o custo da mão de obra é muito baixo”(mensagem do Presidente do Estado em 07/09/1927), PASSOS SUBRINHO (1987, p. 71).

Neste sentido, merecem ser destacadas as duas principais indústrias do ramo têxtil do Estado e que se localizavam em Aracaju, conforme Quadro nº 3. São elas:

Quadro nº 3 da relação indústria têxtil e número de operários em Aracaju

Firma social	Nome	Ano criação	Nºs operários
Cruz, Ferraz e Cia	Sergipe Industrial	1882	702
Ribeiro Chaves e Cia	Fábrica Confiança	1918	425

Fonte: Dantas (2004, p. 50)

Nos estudos de Sousa (1991), o período de 1910 a 1930, Aracaju⁹¹ viveu um processo urbano industrial e um aumento da atividade industrial influenciados pelos efeitos I Grande Guerra na economia. Além disso, passa por um processo de modernização – o bonde a tração animal (1901), a água encanada, o cinema (1909), instalação de energia elétrica, serviços de esgotos, serviços de higienização – consolidando assim, a nova fisionomia da cidade, dando-lhe um ar habitável e higiênico. No entanto, as contradições de classe também foram aparecendo:

A urbanização cresceu. Sobretudo em Aracaju as mudanças foram grandes [...]. A cidade inóspita do fim do século passado passou a ser atrativa. Os pântanos foram substituídos por bonitas praças. As condições sanitárias

⁹¹ Fundada em 1855, no governo de Inácio Barbosa, com a intenção de construir um núcleo urbano moderno no Estado, um porto, que atendesse as necessidades de escoamento da produção açucareira (SOUSA, 1991).

evoluíam. [...] a capital foi se impondo como opção de morada. Prósperos proprietários do campo e da cidade, [...] foram investindo, construindo seus palacetes em estilo predominantemente eclético. Nesse processo as reformas foram expulsando os pobres para periferia. O Bairro Chica Chaves, que depois seria denominado de Industrial, foi se tornando o mais populoso (DANTAS 2004, p. 55).

Neste sentido, Sousa (1991), vai expor que essas “mudanças estruturais - melhoramentos” correspondem ao interesse de poucos e que se deu no sentido centro-sul (área nobre) da cidade. No Bairro Industrial (área norte), onde se localizam as duas fábricas de tecidos (Sergipe Industrial e Fábrica Confiança), esses “melhoramentos” foram lentos e/ou quase inexistentes. Conseqüentemente, a valorização imobiliária no sentido centro-sul, foi ganhando dimensão especulativa. Antagonicamente, o lado norte da cidade ficava desprestigiado. Caracterizando-se assim, no espaço urbano, as contradições de classe. Até por que é nos bairros periféricos (como este) que vão fixando as camadas pobres da cidade.

De acordo com os estudos de Sousa (1991, p. 11), “no nordeste, a mão de obra utilizada nas fábricas e outros setores de serviços era especificamente do interior da região, homens pobres, expulso do campo. Em Sergipe, isto igualmente acontecia”.

Punidos pela pressão demográfica sobre a economia de subsistência, pela valorização das terras do agreste-sertão e pela pecuarização de parte de antigos engenhos, a população rural do Estado ia sendo paulatinamente expropriada e expulsa dos seus locais de nascimento, principalmente quando esses fatores se juntaram à seca. Parte dessa população filtrava para fora do Estado, mas parte ficava formando assim, o mercado social de trabalho, dando início às transformações capitalistas na economia (PASSOS SUBRINHO apud SOUSA, 1991 p.12).

Analisando esse “quadro” que se configurava no Estado de Sergipe e, sobretudo, em Aracaju fica impossível não relacioná-lo a um clássico da literatura Inglesa/mundial que já apontava para as contradições do modelo econômico que surgia na Europa por volta do século XVI, e que, guardadas as suas devidas proporções e também com a diferença de dois séculos do período industrial, espelha uma semelhança que ultrapassa os anos. Thomas More (1478-1534), em sua obra “Utopia” diz que:

Os infelizes abandonam, chorando, o teto que os viu nascer, o solo que os alimentou, e não encontram abrigo onde refugiar-se. Então vendem a baixo

preço o que puderam carregar de seus trastes, mercadoria cujo valor é já bem insignificante. Esgotados esses fracos recursos, que lhe resta? O roubo, e, depois, o enforcamento segundo as regras (MORE, 2000, p. 30).

Como foi exposto, “Aracaju assumia pelos anos de 1920 a posição de maior centro industrial de Sergipe, possuía duas fábricas de tecidos inclusive que eram as maiores dentre as 8 existentes no Estado” (SOUSA, 1991, p.12). Neste aspecto, essas fábricas (Confiança e Sergipe Industrial), marcavam a possibilidade de emprego para a população que crescia e que migrava para a capital. Possibilidade ostentada na potencialidade hegemônica do capital e na geração de empregos, bem como, o “deslumbramento” nas condições de existência. Uma vez que a fábrica construía vilas, contribuía na construção de hospital, de escola, além da construção de parques de diversões em suas dependências, pois,

Aracaju além de ser o centro administrativo [...] era também o maior centro industrial e comercial de Sergipe [...] desde aproximadamente 1910 que as exportações de tecidos representavam a segunda grande contribuição aos cofres públicos. [...] os tecidos continuaram se valorizando ao ponto de em 1921, contribuírem em impostos para o tesouro com um quantitativo quase equiparado ao do açúcar (DANTAS apud SOUSA, 1991 p.12).

O pensamento (modo de ver) dos “senhores proprietários das fábricas”, como exposto abaixo, “casava” com a perspectiva de modernidade a qual Aracaju vinha assumindo. Nesta perspectiva, a fábrica constituía-se num elo entre a cotidiana vida dos trabalhadores e a própria produção: para os capitalistas, trabalho explorado e para os trabalhadores, produção da existência, contextualizados num mesmo espaço.

Engenheiro têxtil Thales Feraz, figura singular de empresário, formado em Manchester, na Inglaterra. [...] fez uma visita aos Estados Unidos e trouxe de lá algumas idéias de equipamentos de lazer público [...] cinema às quartas e sábados [...], bar [...], além de campo de futebol, quadras de basquete, vôlei e de esportes femininos, além de uma banda de música formada por moças [...]. A população operária, pouco mais de mil, gozava de toda essa equipagem de lazer e ainda tinha, além da casa, pela qual pagava um décimo de seu salário, escola para seus filhos, armazéns para compras, bibliotecas, médico e farmácia gratuitamente [...]. Era a fábrica que antecipava uma melhor qualidade de vida e que abria caminhos da capital

sergipana, animando autoridades a seguirem o exemplo e equiparem a cidade (SOUSA, 1991 p.13).

E₉₇₋₃ - Thales Ferraz, um dirigente da fábrica Sergipe Industrial, um dos grandes incentivadores sociais, aliás, o hospital São José, aquela fundação é Thales Ferraz [...].

Mais uma vez aqui observa-se em solo brasileiro a repetição daquilo que é uma das características do processo civilizatório⁹² europeu em séculos anteriores. Como expõe Ianni (2001, p. 151),

os processos de rotinização e secularização historicamente desenvolvem-se de par-em-par, tensa e combinadamente, com outros processos, tais como individualização, urbanização, mercantilização, industrialização e racionalização. E esses processos com frequência ultrapassam fronteiras geográficas e históricas, atravessando culturas e civilizações.

Com isso, acredito que a racionalidade que passa a imperar no esporte advindo da sociedade burguesa, era de criar código de condutas coerentes com valores e princípios desta sociedade. O esporte enquanto instituição vai ganhando esta “cara”.

Percebe-se então, que é em torno deste contexto, “**da fábrica**” (na relação de trabalho e capital, na formação das cidades, no “convite” ao emprego, na constituição dos bairros de periferias) que se chega “**ao campo**” (na necessidade dos espaços de lazer, na criação dos clubes, na formação dos times de futebol e na necessidade de “**teatros**” - Estádios - para o espetáculo).

As formas de entretenimento, que no início do século XX eram tão restritas, foram se diversificando. Além do teatro e do cinema [...], passaram a ser cultivados os esportes. Por volta de 1907, começaram as primeiras partidas de futebol [...]. Com o tempo outros times foram se estruturando, começaram os campeonatos (1918), fomentando espaços mais apropriados [...] construção em Aracaju do Estádio Adolfo Rolemberg (1920). As fábricas de tecidos da capital e do interior, empenhadas em preencher o lazer de seus empregados, foram também promovendo a formação de time como o industrial (1917), e prática do esporte foi-se firmando [...] (DANTAS 2004, p. 56).

Segundo Sousa (1991), a idéia de um “processo modernizador” esboçada na construção da cidade⁹³, de seu parque industrial e no trabalho, esbarrava em

contradições. A obediência às leis, a dedicação ao trabalho – imprensa cumpria o papel de “recrutar” sujeitos aptos para esta lógica – mentalidade voltada para o trabalho, ou seja, o trabalho como criador do “bem-estar”. No entanto, esta idealização “fantasiosa”, com intuito de mascarar as contradições oriundas de uma sociedade capitalista e desigual, não impedia que se manifestassem os problemas da cidade. Ou seja, os trabalhadores enfrentavam dificuldades de moradia, saúde, alimentação, principalmente nos bairros periféricos, a exemplo do Bairro Industrial, por falta de iniciativas do poder público. Como exposto no depoimento abaixo:

– Bairro Industrial Não Sabe o Que é Desenvolvimento

“O Bairro Industrial, [...] prossegue a sua existência inteiramente marginalizada do processo de desenvolvimento [...]. Nos últimos 20 anos, apenas uma alteração urbana naquele logradouro [...]. Sua origem, muito provavelmente, está correlacionada com a construção das duas fábricas de tecidos ali existentes, que movimentaram a instalação de uma comunidade operária nas próprias casas pertencentes aos patrões. A própria filosofia que *a fábrica tem de tudo* muito concorreu para a não instalação de serviços e empreendimentos necessários [...], e assim, o bairro, vai pagando caro o preço de seu nome operário, que realmente não se aplica a ele. O número de empregados nas fábricas e o número de moradores do próprio bairro decresce de ano para ano, [...]” (p. 3). **Diário de Aracaju**. 27/04/1968.

Aos trabalhadores das indústrias, todavia, eram reservados cuidados especiais que, mais uma vez, evidenciam semelhanças com o processo civilizador europeu, até porque “capitalismo é um processo civilizatório” (MARX apud IANNI 2001, p. 198). O capital se reproduzia, principalmente no pós-guerra (II Grande Guerra), em novas formas e para além de suas fronteiras hegemônicas como na Europa e nos Estados Unidos.

Segundo Rago e Moreira (2003 p. 58), na Itália, “a sociedade construída à imagem de uma grande fábrica moderna transformou-se no sonho dos patrões, que não pouparam esforços para convencer os trabalhadores a desistirem da luta contra o capital [...], mas é especialmente na organização do tempo livre do trabalhador que se fará sentir o deslocamento das estratégias patronais de domesticações do

⁹² IANNI (2001) – “Teorias da Globalização”.

⁹³ Para Ianni (2000, p. 124), “a cidade está sempre relacionada à civilização. É na cidade que se polarizam e decantam muitas das realizações de uns e outros, indivíduos e coletividades, nações e nacionalidades [...], civilizados e bárbaros”.

proletariado [...]”. Para os autores, “o *Dopolavoro*, neologismo criado pelo engenheiro Mário Giani para indicar o tempo livre após o trabalho, procurou organizar as atividades recreativas e culturais dos operários fora da fábrica de modo a integrá-los ao mundo da produção” (Op.cit., p. 58). Neste contexto, um fato interessante e perceptível na pesquisa, foi que tanto o Mário Giani – na Itália, durante o período Fascista – quanto o Thales Ferraz (da Sergipe Industrial), introduziram idéias para organização do tempo livre, após “estágios” nos Estados Unidos.

Na Itália, Mussolini persuadia os industriais a adotarem novos métodos de organização científica do trabalho – Taylorismo⁹⁴! Assim, com a colaboração das classes – capitalistas e operários – propunha um enriquecimento da nação. Neste sentido, conforme Sousa (1991), não só a fábrica cumpria o papel de dominação sobre os homens, adequando-os aos interesses de ordem do capital, mas também, a polícia⁹⁵, com apoio explícito dos donos da fábrica, da imprensa e o poder público, através de seus governantes.

Este, então, representava o discurso modernizador à época, e o “desenvolvimento” não poderia caminhar com um cenário paralelo de andarilhos, vagabundos, prostitutas, por isso representava um constrangimento aos olhos das elites da cidade. Parece-me que “a cidade tinha que ser vigiada”, conforme explica Sousa (1991, p. 22). Evidencia-se então, os apelos à educação moral, pela família, escola, igreja e órgãos assistencialistas direcionados à classe pobre. Para Ianni (2001, p. 167),

todos os círculos da vida social, desde à escola, do mercado ao Estado, da Igreja à família, são progressivamente organizados e dinamizados pelas tecnologias da racionalização [...]. À medida que corre o século XX, atravessando guerras e revoluções, nacionalidades e nações, culturas e civilizações, o capitalismo intensifica e generaliza o desenvolvimento do mundo.

⁹⁴ O Taylorismo constituiu-se num método de racionalizar a produção, de possibilitar o aumento da produtividade do trabalho economizando tempo, suprimindo gestos desnecessários no interior do processo produtivo. Desenvolvido por Frederick Winlow Taylor (1856-1915) e aplicado nas indústrias de todo mundo, assegura o controle do tempo do trabalhador pela classe dominante (Rago e Moreira, 2003).

⁹⁵ A polícia representava parte do “padrão básico” da ordem urbana. Supervisionando e disciplinando os indivíduos pobres, assumindo um papel “destaque” no bojo do processo de disciplinarização (Sousa, 1991).

Como no Panóptico⁹⁶, uma máquina que se intitulava um “imitador de Deus”, uma vigilância – onipresente, onipotente e onisciente – verifica-se, neste processo modernizador que se configurava em Aracaju, a intenção de, através do “controle” – policial – harmonizar as grandes diferenças sociais, políticas e principalmente, econômicas que emergiam do modelo capitalista de produção. Neste sentido, a fábrica é o Panóptico e o Panóptico está na fábrica. Ou seja, verifica-se uma tentativa de acomodar o homem trabalhador (operário) às normas e comportamentos da elite burguesa capitalista. Isto implicava também, em diminuir seu potencial de luta, pois, passava ele, o operário, a constituir-se em um “perigo” para os interesses capitalistas.

Percebe-se a influência do pensamento ocidental e cristão que elegeu estas “amarras” ao sujeito como forma “elevada” da formação humana, associado à moralidade, à conduta, ao “bom trabalhador”, os hábitos alimentares e higiênicos, passam a repercutir no conceito que os donos da fábrica atribuíam aos operários: “o operário têxtil das fábricas Sergipe Industrial e Confiança era considerado por natureza dedicado ao trabalho [...] havia unanimidade entre os governantes, polícia, donos de fábrica e jornais na afirmação de que o operariado têxtil era de índole passiva” (Sousa, 1991 p.25-26).

A influência do modelo taylorista⁹⁷, que prolifera na Europa (Itália) e principalmente, nos Estados Unidos marca fortemente, no seio das fábricas têxteis de Aracaju, a concepção de mundo, de trabalho e de relacionamento patrão/empregado, na figura de seus industriais. Assim, como expõem Rago e Moreira (2003, p. 52), “a ideologia da produtividade se apossava progressivamente destes industriais, que viam na reestruturação das relações de trabalho uma maneira de conter o avanço da resistência dos trabalhadores e de elevar a produtividade”. Com isso, manifesta-se aqui uma categoria central à análise - a “máscara”⁹⁸ do

⁹⁶ Jeremy Bentham (1748-1832) - “O Panóptico” (2000) - Os dois princípios fundamentais da construção panóptica, são a posição central da vigilância e a sua invisibilidade. Assim, os presos têm a sensação que estão a todo instante sendo vigiados, mas, não vêem os “vigias”. Modelo de construção que foi incorporado pelas escolas, hospitais, fábricas, etc.

⁹⁷ Os Princípios de Taylor, resumidamente são: 1) estudar o tempo do trabalhador (cronometristas); 2) Aperfeiçoamento, treinar, ensinar e aperfeiçoar o trabalhador; 3) colaboração entre patrão e empregado (anular a idéia de luta de classes no interior das fábricas; 4) Divisão de papéis (funções específicas para diretores e para os operários das fábricas).

⁹⁸ Máscara do fetiche parece ser redundante, pois, o fetiche já simboliza uma máscara. No entanto, aqui representa a máscara do conhecimento “científico” – como fundamento das novas relações de trabalho e capital (Taylorismo) – que esconde as contradições de classe da sociedade. Não é à toa, que aparecem as bonificações aos trabalhadores, pela produção, bem como a idéia de “operário padrão”.

fetichismo” - pois, representa uma maneira de iludir o poder do operário. Agrega-se a isso, a idéia (fascista) de que melhorando as condições de vida dos operários, aumentaria a produtividade.

Em Aracaju, o operário têxtil serviu bem a este modelo de passividade que pregava essa ideologia e assim, a partir de um conjunto de características culturais, políticas (ou apolíticas?!) e econômicas, vão caracterizando o estado de desenvolvimento desta sociedade que então se constituía. Nesta perspectiva há, ingenuamente, a idéia que patrão (capitalistas) e empregados (operários) não são classes antagônicas e com interesses diferenciados e de que não há exploração, pois, o empresário aparece como “amigo”. Estimulava-se a realização de festas, a criação de competições esportivas, a criação de espaços para jogos e momentos de lazer, bem como, a criação de equipes de futebol, basquete, vôlei, etc. E, neste aspecto, o esporte cumpre este papel de deixar as coisas muito “iguais”. Quando se opera sua prática, rompe-se a barreira de classe e aparece um princípio de “igualdade”, de “socialização”.

E₉₇₋₁ – [...] às vezes para agregar grupos, você tem que botar esses grupos que você trabalha em participação esportiva [...], porque o esporte tem a capacidade [...], de nivelar o rico com o pobre, o preto com o branco, o inteligente com o menos inteligente, [...], isso tudo faz com que um operário de uma seção inferior, um gerente [...], jogando pela mesma camisa, esse é o grande trunfo do esporte, [...];

E₉₇₋₁ - Ah, meu pai não faz separação não; [...] diz meu pai, eu quero alegria do meu operário [...];

Não resta dúvida que o Sr. Joaquim Ribeiro⁹⁹ mantinha uma relação amistosa com os operários, e até que simpatizava-se pelo “Partidão” (Partido Comunista Brasileiro) – “dizem que Joaquim era simpatizante do Partido”¹⁰⁰ – no entanto, acabada as competições, seus “agentes” voltam a ocupar seus lugares numa sociedade de classes, e aí, patrão é patrão, e operário, é operário.

⁹⁹ Joaquim Sabino Ribeiro Chaves – dono da Fábrica de Tecidos Confiança e do Clube. Este é um nome que percorrerá toda a discussão da Análise, pois, representa a figura maior na consolidação da Associação Desportiva Confiança, com seu caráter empreendedor, “patrono”, incentivador de práticas esportivas, etc. foi estudante no Colégio Militar no Rio de Janeiro, onde aprendeu a gostar das práticas esportivas.

¹⁰⁰ E₉₇₋₄.- “Odisseu”

Na Itália fascista, sob influência taylorista, havia altos investimentos nos esportes visando desenvolver o espírito de competição e com isso, eram freqüentes os campeonatos realizados entre equipes das diversas fábricas. Vê-se então, uma similaridade nas Olimpíadas Operárias realizada em Sergipe pelas indústrias. Foi através destas Olimpíadas que o Confiança lançou, não só as grandes equipes de Basquete, Vôlei e Atletismo, mas, principalmente, a grande equipe de futebol.

E₉₇₋₂ – “O Confiança surgiu em 1936, [...] então, eram feitas as olimpíadas dos trabalhadores aqui no Estado de Sergipe e a fábrica Confiança com a Sergipe Industrial, foram as pioneiras no lançamento de esportes. A modalidade era de voleibol e basquetebol [...]”.

E₉₇₋₁ – “Em 49 surgiu as Olimpíadas Operárias. A olimpíada operária era disputada entre as indústrias do Estado, [...] o Confiança sagrou-se campeão. Surgiu então um movimento, [...], os operariados da fábrica Confiança, para o time entrar no campeonato”;

E₉₇₋₁ – “A olimpíada foi que deu o pontapé para o surgimento do time”;

Na Alemanha Nazista, segundo Rago e Moreira (2003), a influência Taylorista, foi ainda muito mais imperativa. Fazendo uma analogia, o *Dopolavoro* era representado pelo Departamento da Beleza do Trabalho – instituição criada em 1933, como parte da Organização Nazista do Lazer. Expressa mais uma tentativa no mundo do trabalho (na fábrica) de ganhar a adesão dos trabalhadores. Para isso, o ambiente de trabalho (no interior das fábricas) fora mudado – ventilação, iluminação, refeitórios, sanitários – ou seja, criava uma ilusão de harmonia social pela aparência de suas estruturas.

No interior das fábricas e também em seu redor, foram estabelecidas campanhas para higienizar o ambiente de trabalho, bem como a criação de locais de esportes e áreas de lazer. Para Rago e Moreira (2003, p. 76), as idéias eram basicamente “docilizar o trabalhador suprimindo o tradicional conflito capital/trabalho através da higienização das condições de trabalho [...]”. E também, desenvolver o culto ao corpo, através do esporte, acreditando que o esporte desenvolvia a disciplina e a camaradagem necessárias a paz social. Assim, “entre agosto-setembro de 1938, foi lançado um apelo esportivo nacional visando encorajar a prática do atletismo em todas as fábricas alemãs. [...] cerca de 10.000 empresas

possuíam seus próprios clubes desportivos e promoviam vários campeonatos” (Op.cit., 80).

Interessante refletir que as “coisas” não são por acaso, e que o caráter ideológico que marcam uma sociedade ou sua elite, está por trás das relações que nos são aparentes. É claro que a realidade européia, ou americana, é extremamente diferente da realidade de Aracaju, no entanto, acredito que, com a expansão do capitalismo, alguns princípios norteadores de sua ideologia ganham dimensão para além de suas fronteiras territoriais, ou seja:

o predomínio do modo capitalista de produção, implicando seu desenvolvimento intensivo e extensivo [...], traduz-se nos processos de concentração e centralização do capital [...]. Esses processos que tornam o capitalismo uma realidade histórica e geográfica, atravessando fronteiras, mares e oceanos (IANNI 2001, p. 178).

Portanto, foi nesse contexto, que surgiu a Associação Desportiva Confiança, que não está “descolada” das contradições e nem do contexto histórico de sua época. Mas que cria um imaginário simbólico, que perpetua com força suficiente para ganhar a forma de “valor”. E, sobretudo, que faz ver nesta “entidade” a outra face dos sujeitos históricos, trabalhadores, homens pobres e ricos, de bairro e de todo Estado, como parte concreta e viva de suas representações, marcada pelas contradições que a realidade concreta lhe proporcionou.

3.2 CONFIANÇA: A História Continua, Tecendo a História

Como foi visto anteriormente, apesar do declínio das indústrias têxteis, algumas empresas deste ramo permaneceram no cenário da economia sergipana, até os dias de hoje, como empresas de grande potencial econômico e sua ligação às práticas esportivas foi significativa, principalmente, em relação ao futebol. Em Aracaju, a Fábrica Confiança ainda despontava como uma grande potência econômica, o que facilitou a iniciativa de criar um clube para a prática de Vôlei e Basquete e depois conseqüentemente, abraçando o futebol.

E₀₄₋₂ - O Confiança surgiu em 1936, na época amadorista, [...] eram feitas as Olimpíadas dos Trabalhadores, aqui no Estado de Sergipe. A Fábrica Confiança com a Sergipe Industrial, foram as pioneiras no lançamento de esportes. A modalidade era de voleibol e basquetebol, [...] e, naquela época, os dirigentes, na pessoa maior do Dr. Joaquim Sabino Ribeiro e os desportistas como Epaminondas [...], tiveram a ousadia de transformar o lazer em esporte. Implantou lazer, implantou creche, eles eram pioneiros, [...], era o lado social e o lado esportivo. O lado social eles promoviam muitas festas, confraternizações, tinha o amparo ao trabalhador, [...].

E₀₄₋₁ - O Confiança nasceu para a prática do Voleibol e Basquete. Epaminondas era figura central daquela época. Depois, a coisa evoluiu de uma maneira tal que o Dr. Joaquim foi incentivado a criar o futebol, ele criou. Tanto que diz o Confiança já nasceu grande. Era uma fábrica, naquele tempo tinha lucro [...];

E₉₇₋₁ - [...] colocou aqui na fábrica como braço direito dele, [...] Isnard Cantalice, foi colega dele de escola. Foi quem agregou toda essa parte esportiva da empresa [...], junto com outro grande esportista que adorava voleibol, que chamava Epaminondas [...]. Ai, surgiram campeonatos amadores, de basquete [...] o Confiança [...] ganhou muitos títulos, tem muita taça na fábrica dos campeonatos amadoristas dos operários.

Esta iniciativa compartilhava o novo modelo de fábrica/sociedade, que se queria. A fábrica¹⁰¹ como geradora de emprego e de progresso, incorporou em sua ideologia, as perspectivas de “lazer” advindas dos Estados Unidos e da Europa. Assim, o lazer, que já era um prolongamento do trabalho, passa a ser agora uma instituição geradora de espetáculo. Não se descarta que, a partir da construção de um bem simbólico como o esporte, a “paixão”, por parte de seus idealizadores, ganha uma outra dimensão, para além de uma esfera eminentemente do capital; no entanto, esta última passa a ser dominante.

A Associação Desportiva Confiança marca sua história por situações interessantes no tocante ao esporte (espetáculo), a construção de um imaginário social, às relações de trabalho/emprego e capital e sua aproximação com a mídia. Constituindo-se em fenômeno histórico, vivo, real e concreto, pois faz parte de um contexto da vida humana.

¹⁰¹ A fábrica que foi motivo de severas críticas de Marx, devido as suas péssimas condições de trabalho e higiene etc, agora ganha uma nova roupagem e uma nova perspectiva para não balançar as estruturas do capitalismo. Para Marx (1996), a fábrica envolve diferentes trabalhadores “cooperando” entre si, através de sua força de trabalho, para produzir um bem (mercadoria) comum. Esta agora aparece mais fetichizada do que nunca.

Esta escolha ajuda a pensar dialeticamente a história, em sua dinâmica e por isso, passado, presente e futuro não sofrem um determinismo cronológico e sim, um constante ir e vir, parafraseando Hobsbawm (apud Silva, 2003), localizando as raízes do presente no solo do passado. Portanto, iniciarei com alguns aspectos de sua história, contextualizado em um determinado período histórico.

No estudo introdutório realizado (RIBEIRO, 1997); no site da Associação Desportiva Confiança; na captura de mensagens da mídia impressa e, evidentemente, pelos depoimentos dos sujeitos envolvidos à pesquisa, encontrei aspectos históricos que simbolizam a construção/criação deste fenômeno. Neste sentido, ampliarei os enfoques dados a esta construção, a partir da interpretação da mídia impressa e de novos depoimentos.

Nesse contexto, a idéia de fundar o clube surgiu da vontade de dois jovens - Isnard Cantalice e Epaminondas Vital - após terem assistido a uma partida de voleibol. Idéia essa, que foi abraçada pelo dono da Fábrica de Tecidos Confiança – Sr. Joaquim Ribeiro - sem restrições (Ribeiro,1997). Este é um fato interessante, pois, evidenciam dois pontos cruciais, primeiro a relação com o espetáculo esportivo, uma vez que foi através dele que surgiu a idéia de criar o clube. Segundo, a relação com a Fábrica, que forma um “casamento feliz” entre a empresa e o esporte, relação essa apoiada por um forte poder econômico que se configurava naquele tempo.

Outro aspecto que deve ser considerado refere-se a Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial, a primeira fábrica a esboçar este modelo no Estado, sob influência do Sr. Thales Ferraz, e que se localizava no mesmo bairro onde foi fundada a Fábrica Confiança, além do que se constituía na grande “rival” quando se realizavam as Olimpíadas Operárias, bem como, na produção têxtil. Há relatos, a partir dos entrevistados, que o Confiança, na sua formação, espelhava-se nesta fábrica.

3.2.1 “A História que não se conta...!”

Concentrei esforços para, a partir dessa história, analisar a dimensão – “Grande” – no surgimento do Confiança, principalmente no período de 1949 a 1955 que simboliza um diferencial no futebol sergipano. Neste sentido, será sempre

necessário voltar às raízes do passado, analisar o referido período e projetar o futuro. Apesar de longo, considero o depoimento que segue:

E₉₇₋₃ - Em 1917 o futebol em Sergipe estava evoluindo de uma tal maneira que, [...], depois da Bahia, Pernambuco [...], esteve sempre na frente na questão do futebol, porque depois de São Paulo, o primeiro campeonato do Brasil, [...], foi lá na Bahia. A Bahia disputa campeonato desde o início do século. Ora [...], por ser perto da Bahia, [...] trouxeram o futebol prá cá, através dos militares, uma guarnição da Bahia sediava aqui, era o quadragésimo sétimo batalhão de caçadores, [...]. Aí, elegeram o futebol como esporte predileto. [...], 1916, então, um campo improvisado que tinha na praça Tobias Barreto, [...], dedicado as maiores multidões já reunidas em Aracaju, da época, para assistir jogos de futebol entre Sergipe e Cotinguiba. Nisso o que fez, Thales Ferraz: ele gostava muito de esporte, resolveu fundar uma equipe de futebol, O Industrial, era da Fábrica Sergipe Industrial, [...] é o primeiro Confiança da época, não era da Fábrica Confiança, que já existia, mas era da Fábrica Sergipe industrial, o primeiro time proletário que teve aqui não foi o Confiança, foi da Fábrica Sergipe Industrial, “o Industrial”, camisa preta e branca como a do Botafogo. Bom, então, esse time “já nasceu grande”, [...], como já nasceu grande? Em 1917, [...], foi fundado o primeiro clube operário em Sergipe. [...] esse clube queria ser o maior, ficou entre os três Sergipe e Cotinguiba. [...] o que fez, mandou contratar os melhores jogadores que tinha na Bahia do Clube que tinha sido campeão, que era o “República da Bahia”, [...] jogadores tudo de renome do futebol da Bahia. Vinham como operários da fábrica, não eram não, tinham residência aqui, tudo mais, mas não trabalhavam não. Mas, estavam lá escritos como operários da fábrica, só vinha jogar bola. A reação, eu tenho jornais que dizia, na época, que isso era uma ilegalidade que estava destruindo o futebol sergipano. [...] contrários mesmos [...]. Bem, então o Industrial foi campeão em 1921, depois de algumas tentativas, [...] assim como o Confiança - veja que os destinos são iguais - em 1918, disputou o campeonato, 1919 aí ele brigou com a Federação, por causa dessa lei de estágio [...]. Praticamente orientada pelo Cotinguiba, vendo o perigo que era o domínio “Industrial”, então, influenciou uma resolução [...] de que só poderia jogar atletas que tivessem, no mínimo seis meses morando aqui. Teve jogador que veio depois retornou [...]. Então, o Industrial brigou e saiu da Federação, em 1919, aí não houve campeonato. Aí, em 20, perdoaram tudo, devido a inauguração do Estádio Adolfo, ele voltou, não foi campeão em 20, mas disputou com o Cotinguiba. Em 21 ele aí imperou, foi campeão em cima do Cotinguiba. Em 22, ele disputou, mas, não conseguiu o título, foi o Sergipe, invicto. Foi o campeonato do centenário, porque era o centenário da independência do Brasil., Então em 1923, o Industrial novamente foi disputar uma final com o Cotinguiba. Rapaz, Thales Ferraz foi o patrono, aí zero a zero, um a um, determinado momento o juiz, que veio da Bahia, era tão importante que o juiz vinha de fora, na final, resultado, o juiz chamava Oscar Coelho, então ele marcou um pênalti contra o Industrial, rapaz o tempo fechou. [...], briga generalizada, entrou polícia, jogadores foram presos, intimados a ir à delegacia [...], o jogo foi dado como

terminado porque o juiz mandou que batesse o pênalti, mesmo o gol sem ninguém e deu a vitória ao Cotinguiba [...]. Thales Ferraz, um homem de princípio rígido, viu aquilo e ficou constrangido decepcionado, uma semana depois convocou toda a diretoria e dissolveu o time, dessa vez não teve quem ajudasse, dissolveu de vez. [...], foi o primeiro clube industrial que morreu, o Confiança ia morrer da mesma forma [...]. Era, para estar ai, Thales Ferraz, o time dele, era o time da Fábrica Industrial [...]. Time de fábrica infelizmente tem disso [...].

Há vários aspectos interessantes e dignos de reflexão nesse relato. **Primeiro**, a relação do Sr. Thales Ferraz, dono da Fábrica e o Sr. Joaquim Ribeiro, da fábrica Confiança representando os “patronos”; capitalistas, que apostavam numa prática em que as características que marcavam o esporte (originalmente na Inglaterra e para a burguesia) na modernidade deveriam, então, estar presentes aqui. No entanto, estas práticas vão sendo substituídas por novas formas de comportamentos que se configuram, de certo modo, nas contradições as quais estão submetidos os homens na sociedade de classes e desigual. Assim, como alerta Lucena (2002, p. 51): “Quanto mais radicalmente adentrarmos na riqueza dos fatos particulares, na procura das relações e regularidades do passado, mais vivamente se apresenta aos nossos olhos um contexto firme de processos [...]”.

Ou seja, como expõe Proni (2000), o futebol moderno correspondeu a uma construção social que implicou um processo gradual de regulamentação para obter um equilíbrio entre o desejo de praticar uma atividade física “excitante” (emocionante) e a necessidade de restringir a violência (mecanismo de autocontrole). Parece-me que o esporte deveria carregar consigo o signo de mudanças, das idéias progressistas aplicadas ao lazer civilizado. Ou melhor: “pensar [...] na prática do esporte como uma ação só possível a partir do exercício dos controles, [...] característico das sociedades individualizadas e reguladas [...]”.(LUCENA 2001, p. 53).

Essas considerações coadunam com o modelo social, político e econômico à época e que Aracaju já se configurava. Segundo Bracht (1997, p. 96), “o desenvolvimento e expansão do esporte aconteceu tendo como pano de fundo o processo de modernização dos séculos XIX e XX, [...] industrialização, urbanização, tecnologização dos meios de transporte e comunicação, aumento do tempo livre [...]”.

É notório, conforme os estudos de Proni (2000), que o futebol introduzido no Brasil configurava-se como um “modelo elitista”, de prática recreativa e amadora. O Próprio Charles Miller, responsável por trazer o futebol para o Brasil, era filho brasileiro do Cônsul Britânico e ensinava para um grupo seletivo (a maioria era Ingleses altos funcionários de empresas britânicas). Neste sentido,

[...] o futebol foi introduzido sob o signo do novo, pois, mais do que um simples jogo, estava na lista das coisas moderníssimas: era um “esporte”. Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização (DA MATTA apud PRONI 2000, p. 99).

Considera-se o alerta Betti (1997, p. 20), para quem “a adoção de um esporte popular de um povo por outro resulta de um processo complexo no qual as propriedades lúdicas intrínsecas de um esporte misturam-se com fatores culturais próprios de cada sociedade”. No entanto há evidências de que a criação da Associação Desportiva Confiança, no tocante ao futebol, sofreu uma influência determinante pelo modelo Inglês e sua relação fabril – têxtil – seja proveniente de trabalhadores ingleses (engenheiros), seja pelos filhos de empresários que, após seus estudos na Inglaterra, trouxeram o futebol para o Brasil.

O Sr. Joaquim Ribeiro, além de ter estudado no Rio de Janeiro, era amigo de um dos presidentes do Bangu (Guilherme da Silveira Filho, o “Silveirinha”), dono de uma fábrica têxtil, envolveu-se com as práticas esportivas da época, principalmente, o futebol. Seu filho, também seguiu os passos do pai, ou seja, estudou no Rio de Janeiro, fez engenharia e trouxe muitas novidades no tocante à prática do futebol.

O **segundo** ponto de reflexão se refere ao entendimento do “*fair play*”; como característica marcante no esporte moderno e que simboliza as idéias de respeito às regras do jogo, igualdade nas chances etc. Para Guttmann apud Betti (1997), esse conceito não existia nem na idade antiga grega, nem na idade média e foi produzido pelas classes inglesas do século XIX. A idéia de que o adversário possa lutar em igualdades de chances, talvez só fosse possível na sociedade burguesa (inglesa), em que os filhos desta classe dispunham das condições materiais para tanto. Com isso, ao trazer esta ideologia na tentativa de aplicá-la na

realidade brasileira (nortestina e, em Aracaju), fez com que aparecessem as contradições que o próprio capitalismo criou, pois, é de se observar que tanto o Industrial, quanto o Confiança, gozavam de uma posição privilegiada, pelo seu poder econômico e pelas condições materiais que advinham do suporte da fábrica, mas, os jogadores que ali se encontravam, em sua maioria, eram filhos de pessoas humildes e pobres, que encontravam no futebol (de fábrica) a possibilidade de subverter a opressão que eram submetidos pela sua condição de classe. Sendo assim, configura-se uma característica marcante no capitalismo, ou seja, a “pseudo-igualdade” de chances.

Para Bracht (1997), um passo importante para se continuar a prática do esporte com as características da sociedade que o criou, capitalista/burguesa/inglesa, era a criação dos clubes para, assim, manter a perspectiva aristocrática do *fair play* e do *gentleman*. Esta era uma perspectiva da sociedade inglesa, mas, que de certa forma, influenciou a nossa história, principalmente, na criação dos clubes em Aracaju.

O **terceiro** ponto para reflexão está na relação profissional que já se apresentava. Ou seja, o que era rotulado de “profissionalismo marrom”, pois, configura-se aqui a contratação (escolha dos melhores no mercado) de jogadores pertencentes a um Estado que se configurava, no cenário do futebol do Nordeste e do Brasil, como potência no futebol, os quais eram registrados como trabalhadores (fictícios) da fábrica. Segundo Bracht (1997, p. 97), “na base da questão do profissionalismo/amadorismo está presente o conflito social básico da sociedade capitalista: capital x trabalho”. Verifica-se que muitos anos antes do profissionalismo do futebol no Estado (1960), já havia, pela mídia local, cobrança aos órgãos competentes, para torná-lo como tal.

Amadorismo Marrom

Por José da Silva Lima

“[...] É bem reduzido o número de elementos que, jogando futebol em Aracaju, não recebe uma compensação em troca de seus serviços futebolísticos [...]. Para evitar essa irregularidade gritante, melhor seria que a F.S.D, movimentasse passos no sentido de profissionalisar (sic) oficialmente o futebol sergipano. [...] condizentes com as possibilidades econômicas [...]”. Sergipe Jornal. 11/11/1948.

Percebe-se que a iniciativa de contratar os jogadores era possível pela fábrica possuir condições econômicas para isso. Nem que essas condições fossem extraídas dos trabalhadores – *mais-valia* – durante suas jornadas de trabalho.

Acredita-se que o desenvolvimento do Bairro Industrial, onde a Fábrica se localiza, deu-se devido a sua presença, existindo assim uma relação de “carinho” entre os moradores e os dirigentes e donos da fábrica. Percebe-se, então, a formação das cidades, dos grandes bairros que crescem em torno da fábrica e principalmente, do tempo do não trabalho no sentido de um prolongamento do trabalho.

Para Proni (2000), alguns historiadores consideram que o futebol obteve mais sucesso entre os operários, não tanto por ser uma espécie de paliativo da brutalidade da vida industrial, mas em grande medida porque os trabalhadores industriais, ao contrário dos outros, tinham folgas aos sábados à tarde. Esta é uma consideração histórica que, de certa forma, vai na “contra-mão” do que foi observado na história do Confiança. O sucesso na formação da equipe de futebol, ao meu ver, tem como pressuposto a relação trabalho e capital e à procura de emprego. Não resta dúvida que as vantagens (funções mais leves na fábrica, sair mais cedo para jogar, ascensão funcional etc.) foram determinantes. No entanto, a garantia do emprego era mais evidente por tudo que a fábrica representava na realidade sergipana (salário, condições de moradia, saúde etc.), como expõem os entrevistados abaixo:

E₉₇₋₁ - Eles tinham que dar a jornada de trabalho deles, agora [...] às vezes, o que meu pai fazia, quem fazia era o pessoal da administração, você vai ser vigia, vai ser vigilante, você vai ser [...];

E₉₇₋₃ - a direção da fábrica mantém, sob os mais modernos métodos sociais, vilas operárias, cooperativas, creches, campos de esportes, cinemas, assistência médica-dentária.

E₀₄₋₃ - Dr. Joaquim, buscava os jogadores, dando bons empregos na fábrica, bons salários. Então, o clube sempre teve grandes jogadores [...].

Além do canal que se estabelece entre a classe burguesa e os operários, que, é claro, pode ser entendido, como uma conquista social, mas também, como uma forma de controle, acredita-se que estas duas concepções estão presentes no estudo, ou seja, ao mesmo tempo em que a fábrica propiciava aos trabalhadores

melhores condições de vida (saúde, habitação, lazer etc.), era possível controlar não só o comportamento dos trabalhadores, como também, a frequência na fábrica.

Na Itália, sob influência do Taylorismo e do Fascismo, o “*Dopolavoro*” das indústrias têxteis, preocupou-se com habitações e alojamentos para os operários, salas de banho individuais, sistema elétrico. Ao lado da moradia operária, escola, creche, igreja, armazém, etc.; assim, havia um maior controle sobre os trabalhadores.

No tocante a Fábrica de Tecidos Confiança, que originou o Clube, ela fora fundada em 18 de outubro de 1907, sob a razão social de Ribeiro Chaves e Cia, pelos Srs. Sabino José Ribeiro, Manuel Teixeira Chaves de Carvalho e Pereira & Silva (RIBEIRO, 1997), representando um marco no processo de desenvolvimento do Estado e principalmente, na cidade de Aracaju. Neste aspecto, quando da formação da Associação Desportiva Confiança, o Sr. Joaquim Ribeiro, representava o grande nome desta fábrica e também, o grande representante da relação fábrica-esporte.

E mesmo as sociedades anônimas são-no quase sempre muito mais de nome do que de fato; o seu capital pertence efetivamente, no mais das vezes, a simples indivíduos, famílias ou pequeníssimos grupos, a que se associam quando necessário, alguns sócios fictícios para complementar o número de sete que a lei exige como mínimo das sociedades anônimas (PRADO JR., 2004 p.264).

Vê-se que a formação burguesa que se deu na Europa no século XIX, principalmente com a formação de grupos formados por famílias e pessoas com tal perfil, de certa forma, ganha uma “roupagem” em nosso Estado e na cidade de Aracaju, principalmente, na figura desses homens. Para Hobsbawm (1997, p. 336), “economicamente, a quintessência do burguês era um capitalista (isto é, o possuidor de capital, ou aquele que recebia renda derivada de tal fonte, ou um empresário em busca de lucro, ou todas essas coisas juntas)”.

Parece-me que esta afirmação é ratificada nesta relação entre a Fábrica Confiança e o esporte. Todos os entrevistados são unânimes em ratificar o papel relevante do Sr. Joaquim Ribeiro no desenvolvimento da Associação Desportiva Confiança.

“[...] Dr. Joaquim Ribeiro [...] em vocês nós confiamos. E estamos certos que tudo farão para que a cidade esportiva assista a este espetáculo, que será o lançamento da pedra fundamental para a fase de ouro do futebol de Aracaju” **Diário de Sergipe**, 24/08/1949. (Obs: Sobre a construção do novo Estádio de Aracaju).

E₉₇₋₃ - O Dr. Joaquim era que mandava no Confiança, era o Patrão [...];

E₉₇₋₃ - Mas o chefe era Dr. Joaquim, o resto pedia a benção a ele;

E₉₇₋₂ - Dr. Joaquim Ribeiro Chaves, até quando ele teve vida, o Confiança era mantido pela Fábrica de Tecidos Confiança;

E₉₇₋₂ - Dr. Joaquim foi uma pessoa importantíssima na vida do Confiança. O Confiança deve a ele toda uma história, porque foi dele que veio essa ligação, fábrica de tecidos pro clube de futebol, foi ele que fez o Sabino Ribeiro, fez a inauguração do Sabino Ribeiro, com uma festa muito bonita com o clube que veio de fora do Rio de Janeiro [...];

E₀₄₋₂ - [...] uma vantagem do Confiança foi a relação com o Sr, Joaquim Ribeiro [...];

E₀₄₋₁ - Dr. Joaquim, que é o dono do Confiança [...];

De 1936 a 1948/9, evidencia-se então, o primeiro momento “hegemônico” com relação ao esporte, por parte deste clube em parceria com a fábrica. As competições que eram realizadas pelas fortes¹⁰² equipes de Basquetebol, Vôlei e Atletismo da Associação Desportiva Confiança, eram vencidas com muita sobrepujança.

- Sagrou-se o Confiança campeão do torneio aberto de basquetebol. **Diário de Sergipe**. 05/08/1949.

E₉₇₋₁ – [...] surgiram campeonatos amadores, de basquete aqui, participava o Confiança dos campeonatos estaduais, ganhou muitos títulos, tem muita taça na fábrica dos campeonatos amadoristas, dos operários, tinha uma quadra, que era dentro da fábrica;

E₉₇₋₂ – [...] Confiança somou, na era amadorista, vários títulos tanto no vôlei, como no basquete, tanto a equipe masculina como a equipe feminina, foram campeões por mais de 5 anos, seis vezes a masculina foi, a feminina foi de quatro a cinco anos [...];

¹⁰² Fica evidente, a partir dos depoimentos, que a Fábrica contrata “grandes” atletas para formar suas equipes.

Percebe-se uma semelhança muito grande na formação (história) do Confiança com a da Fábrica Sergipe Industrial. Primeiro e antes de tudo, pela figura dos “Patronos”. Tanto o Sr. Thales Ferraz, quanto o Sr. Joaquim Ribeiro, gozavam de prestígio perante a sociedade local, de homens dignos, sérios, empreendedores e que foram responsáveis por mudanças significativas no interior de suas fábricas, como também, na construção de áreas de lazer/esporte. Segundo, a relação que esses “patronos” e a própria fábrica tiveram com o esporte e principalmente, com o futebol. Terceiro, as duas são fábricas têxteis e com um grande desempenho - econômico - no Estado e fora dele. Finalmente, não mais importante que os demais, mas igualmente interessante, refere-se quando da formação da equipe de futebol e sua inserção junto a Federação Sergipana de Desportos (FSD), para disputar o campeonato oficial do Estado, conforme abaixo.

E₉₇₋₂ - Associação Desportista Confiança, que nasceu dentro de uma rivalidade que existia entre os operários da fábrica de Tecido Confiança com os operários da Sergipe Industrial, nas competições [...].

Portanto, por volta de 1948/9, caracterizou o segundo momento hegemônico e que consubstancia mais precisamente esta pesquisa, ou seja, a inserção do Confiança no cenário do futebol sergipano. A sua inserção deu-se depois de ganhar as Olimpíadas Operárias (1948) e então, seus dirigentes resolverem filiar-se junto à Federação Sergipana de Desportos (FSD) e incluí-lo no campeonato oficial (1949).

Para Betti (1997, p. 23), “a fundação do *The Bangu Athletic Cluc*¹⁰³, em 1904, foi de grande importância para a democratização do futebol brasileiro”. Esta informação é significativa, pois, a relação com Associação Desportiva Confiança terá desdobramentos muitos semelhantes: O Bangu era situado no subúrbio do Rio de Janeiro e o Confiança também em Aracaju; pertencia a uma fábrica de tecidos igualmente, o Confiança; estabeleceu relações de privilégios entre os jogadores que trabalhavam na fábrica, e o Confiança também. Mais do que isso, o Sr. Joaquim Ribeiro, estudou no Rio de Janeiro, foi influenciado pelas práticas esportivas – influência inglesa - e viveu o momento de expansão do Bangu.

¹⁰³ Em 1933 o Bangu foi o primeiro clube carioca, campeão profissional e o primeiro a conquistar um título no Estádio do Maracanã (1950) e, em 1960, foi campeão mundial do Torneio de Nova York. Ainda, a influência britânica, trazida pelos técnicos têxteis, influenciou, em certa medida, a prática do futebol. Seu primeiro Presidente foi um inglês “clássico”, William French. www.bangu.net, 10/12/04.

- “O BANGÚ jogará Domingo em Estância” – “Segundo uma notícia ontem transmitida pela Rádio Nacional, o quadro carioca do Bangú dará uma partida, domingo próximo na cidade de Estância, acrescentando a notícia que será pago aos banguenses, a importância líquida de Cr\$ 10.000,00”. Diário de Sergipe. 29/04/1949.

E₉₇₋₁ - Oi, eu sempre fui desportista, [...], eu estava nessa época em Nova Friburgo, no Estado do Rio, mas todas as férias eu estava em Aracaju. [...], eu trazia algumas novidades do futebol carioca. [...] o time era composto, em sua grande maioria, de operários também da fábrica. Meu pai foi militar, e no Colégio Militar do Rio de Janeiro [...];

E₉₇₋₁ - Meu pai era muito amigo de Silverinha¹⁰⁴, sabe quem é?, [...] foi o fundador do Bangu, da fábrica Bangu. [...], teve essa relação com o Bangu. [...] meu pai conhecia Silverinha ia muito no Rio, trocavam idéias, os dois tinham clube de fábrica de tecidos [...];

E₉₇₋₄ – [...] o Bangu teve aqui, havia muita intimidade com Joaquim Ribeiro. Deve ter influenciado;

E₉₇₋₆ – [...] mas, o modelo de futebol, de ter nascido numa fábrica, de também ser considerado um clube proletário, pode ter começado mesmo. O próprio Joaquim foi amigo do cabra do Bangu, dirigente. [...] tomando o exemplo do Bangu, o Confiança um clube proletário, de uma área carente, zona norte.

E₀₄₋₂ – [...] deve ter motivado. Inclusive teve um jogador Roberto, que era goleiro do Confiança, que passou uma temporada lá, 5 anos mais ou menos [...]. O Bangu passou por aqui e tal, ele fez uma partida [...] tão maravilhoso, que atraiu [...]. Ele jogou uma temporada lá, ai apertou a saudade, veio embora [...].

Nesse aspecto, como será exposto a seguir, o Confiança contratou os melhores jogadores de futebol do Estado, ganhou quase todos os jogos, mas perdia os pontos por causa da lei de estágio¹⁰⁵. Somente em 1951, conquista o título “sobrando”. Nesta decisão, ocorre outra semelhança: tal qual o “industrial”, da Fábrica Sergipe Industrial, o Confiança manda trazer um árbitro de fora (Bahia) e de renome Nacional, para apitar o jogo final. Portanto, farei uma síntese da jornada do Confiança no ano de sua estréia (1949) e também, de alguns acontecimentos que simbolizam essa história:

– “Palestra” x “Confiança” – O prélio principal.

¹⁰⁴ Guilherme Silveira Filho, foi presidente no período de 1937 a 1949. www.bangu.net.

¹⁰⁵ O jogador transferido para outro clube, só poderia jogar pelo campeonato oficial, após um ano.

[...] assume as características de verdadeiro “clássico”, graças ao poderio das duas equipes que se defrontarão”. **Diário de Sergipe**. 08/04/1949.

- Sábado – “Confiança e Palestra em busca do segundo posto”. **Diário de Sergipe**. 09/04/1949..

– “Verdadeiramente sensacional o clássico de Domingo”

“Um público bastante numeroso compareceu [...]. Daí em diante o jogo assumiu características espetaculares [...]. Podemos, dessa forma, sem receio de errar que o clássico Confiança x Palestra foi o maior jogo do atual torneio Adolfo Rolemberg”. **Diário de Sergipe**. 11/04/1949.

– “Excursionará amanhã o Confiança”

“Viajará amanhã a Maruim, onde enfrentará a forte equipe do “Socialista”, o forte conjunto do “Confiança”. **Diário de Sergipe**. 28/05/1949.

– Confiança x Olímpico – o clássico de amanhã **Diário de Sergipe**. 23/07/1949. (Obs: referente ao campeonato da cidade).

– Venceu o Confiança por um erro do juiz

“[...] o espetáculo da tarde foi a atuação seguríssima do goleiro do Atântico [...]” **Diário de Sergipe**. 08/08/1949.

– Confiança e Palestra os vencedores de ontem

tabela atual dos primeiros quadros	Pontos Perdidos
1º lugar-Palestra e Sergipe [...]	0
5º lugar-Confiança	8

“Convém salientar que o Confiança está invicto, apesar de no último posto, em virtude de perder os pontos em todas as partidas, por inclusão de elementos sem condições de jogo”. **Diário de Sergipe**. 22/08/1949.

- Prossegue o “Confiança” em plena invencibilidade.

“não há de negar que o quadro do Confiança vem desenvolvendo uma situação invejável [...] vem perdendo os pontos dos seus jogos, por vários elementos que integram estão ainda sem condições de jogo”. **Diário de Sergipe**. 06/10/1949.

- Quebra a invencibilidade do CONFIANÇA

“[...] pela primeira vez [...] iria sofrer o dessoro de uma derrota [...]”. **Diário de Sergipe**. 18/10/1949.

– Venceu o Confiança como quis **Diário de Sergipe**. 08/11/1949.

– Campeão “Torneio da Cooperação” o quadro do Confiança

“[...] a renda do torneio, somente nas bilheterias, foi de Cr\$ 2.060,00, a qual, somada a que estás sendo apurada com os bilhetes passados anteriormente deverão atingir à casa dos **sete mil cruzeiros** (grifo meu)”.

- O Confiança jogará Domingo em Penedo. **Diário de Sergipe**. 17/11/1949.

Resumidamente, expus a campanha do Confiança durante sua “estréia” (cabe-lhe bem este nome: exibição/espetáculo/show) no cenário do futebol sergipano. Além desses jogos, houve vários amistosos no Estado de Sergipe e fora dele. Percebe-se que já em sua estréia, nos primeiros jogos, era comparado como a um maior clássico (força do discurso da mídia, que entendo tinha a intenção de estimular o público para assistir ao espetáculo). Esta relação é importante, pois começa-se a criar uma outra dimensão, ou seja, o Confiança simboliza público e renda, mesmo no período ainda amador.

É formada a grande equipe de futebol: contratam-se os melhores jogadores do Estado e os empregam na fábrica para trabalhar.

E₉₇₋₁ – “[...] meu pai apanhava atletas de regiões [...] botava como operário da fábrica para jogar pelo seu time que era o Confiança”.

Quando estreou no campeonato Sergipano de Futebol, em 1949, este fato o fez perder os pontos, uma vez que a lei de estágio obrigava o atleta amador, quando da troca de clube, passar um ano sem jogar no campeonato oficial. No entanto o Confiança não se importava: venceu quase todas as partidas e só não foi declarado campeão por causa desta lei. Neste contexto, verifica-se que a visibilidade do clube, no cenário esportivo, que era o que interessava, estava evidenciada.

Há relatos nos jornais e através dos sujeitos que constróem esta história, que ratificam o surgimento do clube (futebol) e seu caráter hegemônico. Destaca-se que em 1948, o Confiança já se preparava para inserir-se ao futebol e marcar definitivamente o seu “cartão de visitas”.

- **A equipe do Confiança Excursiona pelo Interior do Estado**. Sergipe Jornal **04/12/1948**;

- A equipe do Confiança realiza amistoso com o Olímpico em Aracaju. **Sergipe Jornal**. 09/12/1948;

- Quanto ao Confiança, já sabemos do seu poderio, da sua organização e de seu conjunto de craques experimentados [...].**Diário de Sergipe**. 05/05/1949.

- O Confiança, por seu lado, ainda não teve oportunidade de pôr à prova as reais possibilidades de seu poderoso “onze”, composto dos maiores cartazes que dispõe o nosso futebol [...]” - **Diário de Sergipe**. 05/04/1949.

- [...] O nosso visitante será o C.S.A do vizinho Estado de Alagoas [...] e para encerrar a temporada o “ CONFIANÇA” é quem vai dizer o que sabe, pois o seu onze é considerado como o melhor dentre os melhores. **Correio de Aracaju**. 21/09/1950

E₉₇₋₃ - aquele slogan "já nasceu grande", é uma razão muito simples, [...] resolveram colocar o Confiança no futebol, ele não foi uma equipe de bairro formado lá no bairro industrial, ele já foi pegando jogadores já formados e grandes jogadores, os melhores;

E₉₇₋₃ - Formou Já nasceu grande [...], jogava pelo interior não perdeu nenhum jogo [...];

E₉₇₋₁ - [...] final de 48, um grupo de desportistas, intimamente ligado à fábrica Confiança, resolveu organizar, administrativamente o clube, reorganizar, criando uma seção de futebol e filiando a Federação Sergipana de Desportos a fim de integrar no principal cenário futebolístico da capital [...];

E₀₄₋₂- Quando o Confiança apareceu, foi imbatível. Agora, os jogadores, nenhum deles tinha condições de jogo. Ele formou um time, como um cartão de visitas.

Para que se tenha uma idéia da dimensão e poderio desta equipe que se forma, quando da convocação da seleção sergipana em 1949, conforme destaque do jornal abaixo, uma vez que o campeonato brasileiro era disputado por seleções, 09 (nove) jogadores do Confiança foram convocados. Outro aspecto que se observa nesta convocação refere-se ao Bomfim, com o segundo maior número de convocados – 05 - também era um clube de fábrica.

- Convocados os Craques para o Campeonato B. de Futebol [...] Cotinguiba (02); Olímpico (03); Palestra (02); Bomfim (05); Paulistano (03); Sergipe (03); Confiança (09); Ipiranga (03); Socialista (01). **Diário de Sergipe**. 01/10/1949.

O slogan¹⁰⁶ de "já nasceu grande" representa a estratégia do Confiança em formar grandes equipes esportivas (Basquete, Vôlei, Atletismo e Futebol), contratando os melhores jogadores para trabalhar na fábrica e ao mesmo tempo, integrar as equipes. Isso aconteceu desde a sua criação, até a formação da grande equipe "arrasadora" de futebol em 1949, quando se ratifica este slogan. Segundo Ribeiro (1997), o 01 de maio de 1949, representa o marco fundamental na construção do imaginário e da representação social do clube Confiança. Neste aspecto, percebe-se que o Confiança, por não se importar em perder os pontos, devido a lei de estágio, configura então, o seu cartão de visita (da fábrica e do clube). E também, as suas condições materiais, devido à fábrica, tornavam-no "grande", culminando, assim, com a aproximação da torcida (mais popular e menos elite).

E₉₇₋₁ – [...] eu não me incomodo de perder os pontos não, eu quero que saibam que ganhamos pro time deles. [...] provocar e esperar a filiação. (Obs: Expondo o pensamento do Sr. Joaquim Ribeiro).

E₀₄₋₃ - A torcida do Confiança [...], vai mais ao Estádio do que a do Sergipe. [...] a torcida gostou muito desse nome. É um clube muito apoiado financeiramente pela fábrica, tinha muito uniforme, muita chuteira, tudo lá era abundante.

E₀₄₋₄ - E tinha o campo ali. Naquela época, Sergipe não tinha o campo [...] Mas, o Confiança tinha uma estrutura melhor. Confiança, Sergipe eles sempre tiveram boa estrutura. Principalmente o Confiança, por que a fábrica dava aquele suporte. [...]. Mas, o Confiança tinha uma estrutura interna, assim, melhor naquela época.

Observa-se também, que todas as comemorações do clube – criação do clube (1936), equipe de futebol (1949), inauguração do seu estádio (1955), etc., – são oficializadas no dia 1º de maio (dia do trabalhador), representando uma aproximação entre patrão e empregado. Geralmente, o público operário (trabalhadores) tinha sua entrada gratuita nestas comemorações. Instituíam-se uma festa para os operários e para população mais pobre. Esta é uma relação importante, pois, aproxima o clube das camadas mais pobres, diferentemente dos

¹⁰⁶ A Associação Desportiva Confiança possui vários slogans construídos ao longo de sua história, como: "Dragão do Bairro Industrial"; Da Caverna do Bairro Industrial; ADC, o Gigante Operário; Campeão dos Campeões; A Academia do Futebol Sergipano, etc., no entanto, "Já Nasceu Grande",

demais clubes de Aracaju, que tinham sua feição elitista e, de uma certa forma, havia uma discriminação ao clube de periferia.

Neste sentido, vê-se claramente, conforme depoimento abaixo, que os clubes sociais em Aracaju, eram para uma elite privilegiada e o Confiança, que era visto como de periferia, rompe com este modelo, aproximando as camadas economicamente mais baixa e, sobretudo, inserindo-se na elite de forma contra-dominante, com o povo, sobrepujando aos demais com sua equipe de futebol. Acredita-se também, que esse seja um dos motivos marcantes de sua popularização.

E₀₄₋₁ - [...], quando apareceu a sigla ADC, [...] ficou aquela confusão. Porque a maioria aqui era Clube Esportivo Sergipe, Palestra Futebol Clube e tal, [...] ai, apareceu ADC, Associação Desportiva Confiança [...]. O Confiança tinha na época, uma sede e havia uma festa, não me lembro se era quinzenal ou mensalmente, havia uma festa dançante [...], onde ia mais o pessoal da fábrica e em uma das festas, eu me recordo, que foi alguém aqui do centro da cidade e não se ambientou muito com o grupo. "o Confiança, não sei o que, tem gente que a gente nem conhece". Ai, surgiu aquela justificativa que era para os operários da fábrica. Pois bem, eu era um elemento que frequentava o Aracaju Esporte Clube no Bairro Industrial, ficava perto da sede do Confiança [...]. Fiquei bem ligado ao Bairro Industrial, de maneira que ia a maioria das festas do Confiança, eu estava lá. Ai no dia seguinte, na minha coluna eu fazia a divulgação [...]. Então eles quiseram manter a tradição também no futebol [...].

E₉₇₋₆ – [...] Cotinguiba de praia, Sergipe de Praia, o Confiança nada, [...] zona norte, houve necessidade de ter um clube representativo naquela região [...] não podia ficar também só clube de elite porque o Cotinguiba um clube de elite, Sergipe um clube de elite e o Confiança não. Surgiu desse envolvimento, dessa idéia, talvez até tomando o exemplo do Bangu. O Confiança um clube proletário, de uma área carente, zona norte.

3.3 O Profissionalismo “Oculto” do Confiança

Apesar de que, no Brasil, tenha se instituído desde 1934, o futebol profissional em Sergipe somente foi oficializado em 1960. É com o Confiança que encontrei indícios da profissionalização, antes mesmo desta data (1960). Não apenas por formar a equipe a partir da Fábrica, mas, sobretudo, pelas condições em que isto se deu. Podem ser citados, como exemplo disso, a contratação do que

simboliza toda dimensão que representou e representa a sua história. Pois, entendemos que esta

existia de melhor, para administrar o futebol, como também, a disponibilidade de materiais (em abundância), o tratamento com os jogadores, exigindo resultados e posturas profissionais, a construção de seu próprio Estádio (primeiro clube na capital), em pouco tempo de existência. Assim como também o posicionamento do Sr. Joaquim Ribeiro, ao contratar árbitro de futebol de fora do Estado, para abrilhantar o espetáculo, comandando o Clube como se estivesse comandando a Fábrica, instituiu assim, um pensamento profissional, mesmo numa época ainda amadora.

Os estudos de Ribeiro (1997), evidenciam que a relação *Joaquim Ribeiro/Clube* não se deu de forma tão desinteressada. Ou seja, à medida que o clube aparecia no contexto sergipano e nordestino, aparecia também e de forma “conjugal”, o espectro da fábrica de tecidos. Antunes (1994, p. 106), explica que, “o prestígio da empresa, não era totalmente dependente do desempenho da equipe de futebol, podia, em parte, ser favorecido por ele. Afinal, o clube era uma espécie de cartão de visita da empresa”.

– Descontentamento nas hastes do Confiança

“Corre com insistência, que vários craques do Confiança abandonarão [...] Clube, em virtude da “dureza” como são tratados [...]”. **Diário de Sergipe**. 20/10/1949.

E₉₇₋₁ – Bicho é uma instituição criada no Brasil errada, porque na Europa não tem, você ganha o seu salário para trabalhar. Você pode, ao término do campeonato, ter uma premiação, se for o campeão. Aqui a obrigação de dar o bicho por vitória é o que quebrou os clubes, [...]. Tem outra coisa chamada luva, [...] faz o contrato tem que dá luva, [...]. Dizem que a carreira de jogador de futebol é curta, só que estão quebrando os clubes todos e os presidentes, em desespero, compram tudo e depois não pagam nada. Não tem dinheiro para pagar o salário, quanto mais essa outra parte. O Confiança [...] era uma equipe profissional para época.

E₉₇₋₅ – [...] o Dr. Joaquim era um industrial, como industrial ele dirigia profissionais. [...] apesar de ser um homem amante do amadorismo, pensou profissionalmente.

E₀₄₋₃ - [...] Dr. Joaquim, buscava os jogadores, dando bons empregos na fábrica, bons salários, então o clube sempre teve grandes jogadores. Mesmo na época do amadorismo era já era um clube com muita feição profissional.

E₀₄₋₄ - Eles davam condições, quando tinha jogos importantes eles concentravam, alugavam chácaras [...]. E tinha o campo ali. Naquela época, [...] o Confiança tinha uma estrutura melhor.

E₉₇₋₆ – O Roberto Santos, funcionário antigo da fábrica, ele era o elo de ligação, **quando ele sentia que o Dr. Joaquim estava meio desanimado, [...], ele estimulava. Dizia para o Joaquim que o Clube está trazendo a divulgação para o nome da fábrica** (grifo meu), enfim, começou com Roberto Santos a idéia e ele sempre cuidava do campo, cuidava prá não faltar material esportivo. Já havia a visão que o retorno, quer queira ou não já estava vindo. Por isso, que de um tempo prá cá algumas pessoas já começaram a colocar propaganda em troca dessa divulgação da publicidade, então eu acho que o Confiança hoje representa mais ainda, principalmente quando ele começa a fazer uma campanha muito boa, você chega na Paraíba, Recife todo mundo conhece o Confiança, quem é o Confiança? da fábrica Confiança, essa divulgação mereceria, por parte da fábrica, maior apoio. De trazer atletas, contratar. Eu acho que é importante uma coisa até de marketing da própria fábrica, se ele se destaca cada vez mais, a nível nacional é bom prá fábrica. E ninguém vai pode desvincular.

O futebol vai ganhando expressão/expansão no Brasil e em Sergipe. Verifica-se que se tornou uma das grandes opções de lazer, principalmente nos centros urbanos, devido à possibilidade de sua prática, sem necessariamente ter que disponibilizar recursos financeiros, ou seja, os jovens, adultos, trabalhadores, passaram a praticá-lo e também a assisti-lo. Depois, o futebol virou um espetáculo muito apreciado, capaz de atrair milhares de pessoas dispostas a pagar. Assim, se deu na Inglaterra e assim se deu no Brasil.

A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária, foi rapidamente (1885) proletarizado e portanto, profissionalizado; [...]. Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, deixando a administração dos clubes nas mãos de negociantes e outros dignitários locais, que sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para a indústria pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas, acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio (HOBSBAWM apud PRONI, 2001 p.27).

Esta análise de Eric Hobsbawm refere-se ao caso do futebol inglês e que deu origem a uma nova luta de classes (disputa ideológica). Guardadas as suas

proporções, aqui no Brasil e em Sergipe, em especial, não foi muito diferente uma vez que o futebol local, era praticado por uma elite e que depois, se popularizou. E neste aspecto, o Bairro simbolizava um momento de extensão das folgas, das brincadeiras e com isso, compunha um grupo que ia prestigiar seu clube (futebol) – torcidas – assistindo as partidas de futebol. É nesse contexto, entre torcedores e clube que a imprensa “aproxima” – para mediar – seus “apaixonados” torcedores.

O regime profissional, mesmo que seja de “fachada”¹⁰⁷ passa a ser melhor aceito, devido ao processo de mercantilização da cultura nas cidades (Aracaju). É neste sentido que os meios de comunicação passam a alcançar as camadas populares, ou melhor, a intermediar o processo de acesso destas ao espetáculo esportivo.

3.4 Da Fábrica ao Espetáculo do Confiança: Um casamento feliz com a mídia

Alguns fatores foram determinantes para a expansão do Confiança, enquanto equipe de futebol. Primeiro, a formação/criação desta equipe às vésperas da Copa do Mundo de Futebol, realizada aqui no Brasil em 1950. Segundo, e muito relevante, a criação da Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe (ACES), fundada também em 1949, com o propósito de realizar torneios, incentivo e premiação aos jogadores e torcedores, aproximação com o comércio, e, mais ainda, cobrar das autoridades competentes (poder público) a construção do novo “teatro” do futebol Sergipano, o Estádio de Aracaju¹⁰⁸, inaugurado em janeiro de 1950.

Fica evidente, a partir dos depoimentos, que o ano de 1949 simboliza um marco na história do futebol brasileiro e mundial. Estamos num período que antecede a primeira Copa do Mundo de Futebol depois da II Grande Guerra, e principalmente, por se ter realizado aqui no Brasil. Para Proni (2000), após essa Copa, o futebol ganha um caráter profissional, mundialmente e também, aqui na América do Sul.

¹⁰⁷ Proni (2001) – A Metamorfose do Futebol.

¹⁰⁸ Durante o período de “colheita”, encontramos nos jornais, várias iniciativas da construção dos Estádios e tudo indica, que a partir de 1948 até 1955, há uma aceleração – “proliferação” – desses “teatros” nas cidades de: Estância, Própria, Neópolis e Aracaju.

E₉₇₋₁ - “[...] até chegar 49 quando o futebol era coqueluche, já próximo da copa do mundo de 50, [...], no Maracanã, no Rio de Janeiro. No ano de 49, era um ano de muita motivação futebolística, que todo mundo queria se espelhar na véspera da copa do mundo, porque essa foi a primeira copa depois da guerra [...]”

No tocante a criação da ACES, ela foi fundada em 31/08/49, mas seu nome já circulava na Mídia, antes mesmo dessa data¹⁰⁹. Sua relação com o futebol e principalmente, na “promoção” do Confiança, foi fundamental para torná-lo objeto de desejo. Neste aspecto, entende-se que o papel da mídia falada e escrita foi relevante para expansão do esporte no Estado de Sergipe.

Na América do Sul tem sido destacado o papel da imprensa escrita e falada para o desenvolvimento do futebol. Concorde-se com Proni (2000), quando explica que atribuir à mídia o sucesso do futebol (profissional), representa um exagero. No entanto, entende-se que seu papel, no caso do futebol no Estado de Sergipe, foi significativa, para alcançar um período auge no Estado.

Isso não significa dizer que ela (mídia) tenha criado artificialmente a demanda esportiva no Estado. No entanto, fica claro que, quanto à aceleração do processo de popularização, ela foi incisiva. Acredita-se que foi com a mídia (representada pela ACES), que o futebol no Estado ganhou uma dimensão para além de suas fronteiras territoriais, pois havia um intercâmbio entre estas Associações nos Estados do Nordeste (AL/PB/CE/BA/PE), na realização de torneios e amistosos.

Compreende-se a observação de Proni (2000), de que os clubes de futebol, no seu início, não tenham sido organizados como empresas capitalistas, voltadas para comercialização do espetáculo. No entanto, aqui se configura uma dimensão bem “estranha”, pois, quando o Confiança transfere suas atenções para a prática do futebol, a sua história muda, bem como, a sua relação com o espetáculo, com o público pagante, com a mídia e, principalmente, com comercialização, que ganha um outro significado e faz brotar o processo de mercantilização de suas práticas esportivas.

¹⁰⁹ Ansiedade em torno do Torneio Início – [...] Associação dos Cronistas Esportivos está agariando prêmios para os craques do quadro que se sagrar campeão [...]. Aderiram a essa campanha [...].Diário de Sergipe. 07/07/1949.

E₀₄₋₂ - 1949, nós éramos 18 elementos, [...] o idealizador, foi José Tomaz Gomes da Silva [...]. Então, ele idealizou e as primeiras reuniões foram realizadas nos próprios órgãos que nós trabalhávamos. Ele era cronista esportivo do Jornal de Sergipe e eu era cronista esportivo do Sergipe Jornal [...]. Então, José Tomaz, [...] reuniu alguns elementos, alguns eram colunistas [...], e aí fundamos a Associação. [...], na verdade é que juntamos 18 e [...], então fundamos a entidade e ficamos. Tanto para que você possa imaginar o esforço que foi feito prá fundar a Associação, basta dizer que todo o material, material preliminar para ofícios, e tudo mais da parte administrativa, saiu do bolso de José Tomaz, né?! Com a promessa de que quando a Associação fosse fazendo um caixa, ele fosse ressarcido;

E₀₄₋₂ - Bem, o objetivo era o seguinte: é que na época havia muitos cronistas, mas [...] entravam no campo, como se fosse, mas na realidade, eles não tinham o jornal. Então, como estava um negócio muito vulnerável, aí José Tomaz disse, nós vamos fundar a Associação. E um dos incentivadores para que nós fundássemos a Associação, foi o Vasco. O Clube do Vasco. [...] era um grupo [...] que frequentava a festas todas e quando chegava nas festa, ah eu sou cronista esportivo. Não havia comprovação, não havia carteira, não havia nada, entravam nas festas e, às vezes, abusavam das coisas, [...] e assim, fundamos e até hoje vive;

E₀₄₋₂ – O Torneio Início, quando começou logo, [...] a renda era da Federação aí, eu fiz uma reivindicação [...] e a renda do Torneio Início então, passou a ser da Associação dos Cronistas. A Federação organizava e nós íamos atrás de patrocínio [...];

Hoje esta entidade tem o nome de Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe – ACDS. Segundo um dos seus fundadores, a idéia de mudar o nome da entidade, nasceu de sua amizade com o Presidente da Associação dos Cronistas de Alagoas – Estado vizinho – e lá utilizava-se a expressão Desportivos. Para Melo (2001), a utilização de terminologias em línguas estrangeiras é uma das influências européia no desenvolvimento do esporte no Brasil. Aqui, estou me referindo as seguintes terminologias: Desportos, que vem do Francês *Deporte* e Esporte, que vem do Inglês *Sport*.

E₀₄₋₂ – Aliás essa sigla foi sugerida por mim. Ela era Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe e hoje é: ACDS. Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe. Nós tínhamos um vínculo de aproximação muito forte com a ACDAL, [...] fazíamos uma interação. Então, eu me inspirei [...] e foi aceito em reunião de uma assembléia geral. [...] mudou para ACDS, Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe. Fundada a Associação, na realidade a coisa personalizou [...] e aí, **passamos a colher melhores frutos** (grifo meu).

“Passamos a colher melhores frutos”, representa, em poucas palavras, a dimensão que atingiu a mídia na sua relação com o esporte. Sua aproximação e hoje, dominação, me faz ver o quanto a “mídia está em toda parte e o esporte em toda mídia” (BETTI, 1998a, p. 80).

A Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe, ganha um papel de destaque na promoção do espetáculo esportivo. Assim, ela passa a exercer não só essa função, mas, sobretudo, adquire uma expressiva força simbólica (econômica). Conforme abaixo, com apenas dois anos da fundação, expressa esse papel, como também faz valer a sua força ao exigir melhores condições de trabalho.

– Apelo que esperamos seja atendido. A Associação do Cronistas Esportivos de Sergipe vem de lançar [...] e com muita razão, um apelo à Administração do Estádio de Aracaju, no sentido de colocar uma mesa onde fiquem melhor acomodados os militantes da crônica esportiva [...]. Que a Administração do nosso Estádio encare com devida boa vontade [...] o apelo feito pela A.C.E.S, que até hoje só tem trabalho pelo engrandecimento do nosso esporte [...]”. **Correio de Aracaju**. 16/03/1951.

– O Torneio Início será Domingo
“[...] como ficou acertado à Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe será patrocinadora da festa [...] é pensamento da “Associação dos Cronistas” premiar todos os clubes vencedores, numa inequívoca de incentivo e estímulo aos seus atletas [...]”. **Correio de Aracaju**. 20/03/1951.

– Será uma grande festa a abertura do Torneio Início de 1951”. **Correio de Aracaju**. 21/03/1951. (Obs: reforça a mensagem anterior e expõe a necessidade de uma parceria com o comércio).

Assim, a imprensa foi concedendo ainda maior atenção e espaço, divulgando as práticas esportivas a partir do momento que essas práticas se tornaram mais organizadas, principalmente, com a formação dos clubes – futebol – que por trás, aparecia sempre a figura do “Patrono”. Homem importante no Estado.

E₀₄₋₁ - Mas, no começo, [...] os jornais não gostavam de esporte não, era política. Prá se botar uma nota era um problema! [...], ai eu pegava uma notinha, entrava de mansinho [...]. Às vezes até, Paulo Costa dizia: já vem você com suas notas de futebol, né?! Na rádio, eu sempre levava os comentário, para que fossem lidos”.

Estou convicto de que a mídia teve um papel importante na construção desse imaginário e principalmente, com a criação da ACES¹¹⁰. Um dos objetivos desta Associação, era divulgar mais o esporte, por isso idealizam uma Gazeta Esportiva para divulgar com maior amplitude as informações referentes ao esporte. Entendiam os “Cronistas”, que os jornais já deveriam conceber um espaço maior para noticiar, principalmente, o futebol. No entanto, esta Gazeta funcionava como um apêndice dos jornais, seu nome aparece nas “chamadas” das notícias esportivas. Era comum, no jornais pesquisados, encontrar a mesma informação esportiva em jornais diferentes.

Fica evidenciado/regulamentado o “canal” de acesso entre os patronos e a mídia; entre a Federação Sergipana de Desportos (FSD) e a mídia; entre o público e a mídia; entre o comércio e mídia, e a mídia entre si (Os cronistas do rádio passam a interagir com aqueles que só escreviam sobre o esporte). Acredita-se que a relação mídia e esporte, em Sergipe, não se deu tão desinteressada e com a função apenas de noticiar os eventos esportivos, pois já se evidenciava uma relação de interesse financeiro, haja vista que a ACES, além de patrocinar o Torneio Início do Campeonato Oficial do Estado (a qual a renda pertencia a ela) e outros torneios, recebia 1% (um por cento) do total das rendas dos jogos do Campeonato Oficial.

Nesse sentido, a própria sociedade, e principalmente os donos dos clubes reconheciam seu papel e a sua relevância na divulgação do futebol no Estado, algo que lhe rendeu um aumento percentual na apuração das rendas nos jogos.

A C E S terá 5%

“o Santa Cruz [...], proporcionou a Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe o aumento de sua percentagem nas rendas deste ano pelo Certame Estadual um aumento de 4 % passando assim para 5 %. Desta forma a renda dos jogos será distribuída da seguinte forma: FSD, 40% - Santa Cruz e Sergipe, 27%, Estádio, 10% e A C E S, 5%. **Correio de Aracaju**. 29/03/1962.

Para Melo (2001), já na década de 1890, no Rio de Janeiro, os clubes viviam a mimar a imprensa com homenagens e privilégios, enquanto a imprensa aumentava rapidamente sua atenção para as práticas esportivas. Guardada as suas

¹¹⁰ “A primeira medida, é fazer circular a Gazeta Esportiva no mais breve tempo possível, vez que os jornais não satisfazem o desenvolvimento do esporte [...]”. **Correio de Aracaju**.19/06/1952.

devidas proporções, no Estado de Sergipe (em Aracaju), essa aproximação também se efetivou. Era comum, nas excursões, os clubes de futebol, levarem como acompanhantes cronistas esportivos; por exemplo, em 1950 a excursão do Confiança à cidade de Recife/PE e também, em 1962, na cidade de Maceió.

- CRONISTAS ACOMPANHARÃO CONFIANÇA

“Convidados pelo Presidente da FSD quatro cronistas esportivos para Maceió [...] com finalidade de efetuarem a cobertura da temporada azulina [...]”. **Gazeta de Sergipe**. 29/07/1962.

A partir do momento que o Confiança se firmava enquanto equipe, paralelamente, a mídia local cumpria um papel de divulgá-lo e estimular o público a prestigiar os eventos futebolísticos. Destaquei dois momentos que são interessantes para se observar esta iniciativa da mídia. Primeiro, ao oficializar a sua entrada no campeonato do Estado, junto à FSD, o Confiança realiza um amistoso comemorando também, o dia 1º de maio (Dia do Trabalhador). Percebe-se como a Mídia (impressa) acompanhou este evento no sentido de publicizá-lo (agendá-lo) e, ao mesmo tempo, convocar o público a comparecer ao “espetáculo”.

– Confiança x Passagem (Neópolis), Domingo em Aracaju

“Uma grande partida de futebol está sendo programada para o próximo Domingo, nesta capital [...]. Trata-se do embate Confiança x Passagem dois grandes quadros pertencentes a duas das maiores fábricas de tecidos de nosso Estado [...]. Será um espetáculo magnífico [...] homenagear a todas as classes trabalhistas no dia do trabalho”. **Diário de Sergipe**. 25/04/1949.

– Grande Ansiedade Pelo Amistoso de Domingo

“[...] Todas as providências estão sendo tomadas para que o numeroso público que comparecerá [...] não encontre atropelo [...]. Teremos uma assistência colossal, talvez a maior destes últimos tempos [...]. Daremos novos comentários no decorrer da semana”. **Diário de Sergipe**. 27/04/1949.

– Renda “Récorde” na Grande Peleja de Domingo

“há uma ansiedade incrível, nos nossos meios esportivos, em torno da grande peleja amistosa de Domingo [...]. Com certeza, prenuncia-se, para Domingo, uma renda récorde no campo da rua Divina Pastora. **Diário de Sergipe**. 28/04/1949.

– Aproxima-se o “Clássico” Passagem x Confiança

“Finalmente, 48 horas apenas nos separam do grande amistoso [...]”. **Diário de Sergipe**. 29/04/1949.

– Um Grande Dia – Uma Grande Homenagem – Uma Excelente Partida
“O 1º de maio, que amanhã comemoraremos será assinalado [...]. Duas grandes empresas têxteis, Peixoto Gonçalves e Cia, de Neópolis, e Ribeiro Chaves e Cia, desta capital [...] representada numa partida espetacular de futebol, entre as duas valorosas equipes mantidas por aquelas empresas [...]”. **Diário de Sergipe**. 30/04/1949.

– Uma Difícil, Mas Merecida Vitória do “Confiança”
“Conforme prevíamos, o campo do Tobias Barreto foi teatro, Domingo último, de uma partida simplesmente espetacular [...]. Quanto ao Confiança, já sabemos do seu poderio, da sua organização e de seu conjunto de craques experimentados [...]. O operariado das duas empresas teve grátis o seu ingresso ao campo do Tobias Barreto, e, apesar disso, a renda quase chegava aos **quatro mil cruzeiros**”. (grifo meu). **Diário de Sergipe**. 05/05/1949.

Perece-me então, que o “agendamento” que a mídia impressa realizava, cumpria a função de atrair o público e isso se efetivava com uma boa renda na opinião dos cronistas esportivos. Outro aspecto importante, refere-se a data em questão, ou seja, a comemoração do dia do trabalhador. Fica evidente a aproximação do clube e a direção da fábrica e, com isso, aproximando também os operários. Este é um dado interessante que vai repercutir na popularidade do Confiança, ou seja, as camadas populares mais pobres e do Bairro Industrial, também pobre, começa a admirar e a prestigiar o clube que tem a sua “cara”, pelo menos pela simples aparência, é claro.

O Segundo momento, refere-se a excursão do Confiança à cidade de Recife, em que são realizados amistosos com a equipe do Santa Cruz daquela cidade.

– BRILHANTE ESTRÉIA DO CONFIANÇA EM RECIFE

“Enquanto as atenções do público esportivo aracajuano estavam voltadas para o “macth” interestadual de Domingo [...], em Recife a Associação Desportiva Confiança, desta capital, fazia sua brilhante estréia enfrentando o famoso quadro do Santa Cruz, daquela cidade”. **Correio de Aracaju**. 22/03/1950. (Obs: perdeu por 1 a 0).

– DERROTADO – O CONFIANÇA

“Encerrando a sua temporada ontem em Recife, a Associação Desportiva Confiança em partida revanche, frente ao “Santa Cruz”, foi derrotado [...] 4 tentos a 1. Convém ressaltar, que o quadro do Bairro Industrial, manobrou no placar até aos 25 minutos da fase derradeira, para depois cair fragorosamente”. **Correio de Aracaju**. 30/03/1950.

Percebe-se então, a força (simbólica), no sentido de só expor as “coisas boas”. Pois, mesmo perdendo os jogos, a mídia ressalta o valor da equipe. Neste sentido, a mídia começa a ganhar espaço no tocante a promover o esporte e principalmente, o futebol. Cabe aqui o reconhecimento pela iniciativa desses “Cronistas” na tarefa difícil de não só divulgar, mas também realizar torneios, como o Torneio Início do campeonato oficial do Estado, evento este exclusivamente, promovido pela ACES.

– Será Domingo o Torneio Início do Campeonato Oficial. **Diário de Sergipe**, 06/07/1949.

– Ansiedade em Torno do Torneio Início. **Diário de Sergipe**, 07/07/1949.

“Prêmios para os campeões do Torneio Início”

[...] A Associação dos Cronistas Esportivos está agariando prêmios para os craques do quadro que se sagrar campeão [...]. Aderiram a essa campanha [...]:

Sapataria Elite Ótica Santana Ltda Casa Ávila Gruta Sergipana Confeitaria Oriental	Um tubo grande de Byl Cream Uma máquina fotográfica Um estojo de Crocodilho (notas e níqueis) Uma caixa de charutos “costa flor” Um litro de vermute
--	--

Vê-se de maneira ainda “singela” e amadora, a iniciativa da Mídia de associar o espetáculo esportivo na esfera da circulação do capital junto ao comércio e à ótica do mercado. Segundo depoimentos, eles eram liberados, ou seja, tinham “carta branca” para realizar o evento e a FSD organizava, assim, ficavam livres para procurarem patrocínios e, com isso, financiavam o evento. Além disso, a ACES estimulava o público e jogadores com prêmios, intervia na fórmula do campeonato etc. Uma força que se iniciava ainda singela se comparada aos dias de hoje, com a manipulação/apropriação que a Rede Globo exerce sobre campeonato brasileiro de futebol, com a compra dos direitos exclusivos de transmissão, definição dos horários dos jogos etc.

– Teste Esportivo

Qual a constituição do Selecionado Permanente que entrará em campo por ocasião do seu primeiro jogo?

Respondendo ao teste Esportivo você receberá como prêmio a importância de Cr\$ 1.000,00. Aqueles que acertarem a Constituição da Seleção, serão chamados por este jornal para assistirem ao sorteio dos cupons. **Correio de Aracaju**. 04/06/1959

A Gazeta Esportiva estimula a participação do público junto ao campeonato. Concurso: 1 - Quem será o artilheiro do certame? 2 – Quem será o time campeão? Assim, quem acertar a primeira questão ganhará um presente (não especificado) e quem acertar a Segunda questão, uma assinatura grátis do Jornal por três meses. **Gazeta de Sergipe**. 08/01/1964.

– A C E S Promove o Torneio II Taça Cidade de Aracaju (Quadrangular). **Correio de Aracaju**. 16/03/1961.

– “Domingo início da temporada de 61”

A C E S Premiará participantes e públicos. Ex: Liquidificador, um conjunto esporte, uma calça esporte e maillot, um ferro elétrico, etc. **Correio de Aracaju**. 04/07/1961.

Com a profissionalização (1960), a espetacularização esportiva ganha uma outra dimensão com o aumento do público que presencia o espetáculo esportivo. Entende-se que a transição amador/profissional, teve como propulsora a imprensa local, e fica evidenciado é que a FSD, responsável pelo esporte (futebol) no Estado à época, bem como os “patronos” dos clubes, sabiam da importância de contar com o apoio da imprensa (mídia) falada e impressa. Como nos dias de hoje, pensar em esporte-espetáculo, ou melhor, telespetáculo Betti (1998), é quase impossível sem a Mídia.

Um fato fundamental na história do clube, e que foi essencial nessa investigação, é quando o clube se separa da fábrica. Segundo Viana Filho (1994), isto ocorreu em 1955, na decisão do campeonato sergipano entre Sergipe e Confiança, numa série de melhor de três. Na primeira partida, realizada no campo do Sergipe (não era seu Estádio, o qual só foi construído muitos anos depois), em sua “Zona” (sul) e o Confiança venceu por 3 a 1; então, a segunda deveria ser realizada no estádio Proletário (campo do Confiança), construído neste mesmo ano e com esse propósito. No entanto, a Federação marcou a segunda partida para o mesmo local do primeiro, o que ocasionou desentendimento entre o clube e a Federação, culminando com a saída do Confiança do campeonato. O Sr. Joaquim Ribeiro, dono da Fábrica e do Clube, desanimou-se com o episódio, ameaçando acabar com todas as atividades esportivas do Confiança. Foi então que um grande movimento - membros da sociedade, cronistas esportivos, operários etc, é realizado em forma de passeata, saindo do centro da cidade até as proximidades do Clube, pedindo a volta do clube aos gramados. O Sr. Joaquim Ribeiro, envolvido por este

momento, em discurso improvisado, diz que: "como é para o bem de todos e felicidade maior do Confiança, o Confiança fica e a Fábrica sai, porque o Confiança não pertence mais à Fábrica, o Confiança, agora é do povo!" (Op.cit., p. 2b). Fato este que é ratificado pelo filho do dono da fábrica, conforme depoimento abaixo.

E₉₇₋₁ - Eu sei que a primeira partida do campeonato, foi com o Sergipe no Velho Adolfo Rollemberg, onde hoje é, casas habitacionais lindas ali perto do Colégio Atheneu Sergipense, era ali, nós ganhamos de três a zero. [...]o local do Sergipe, nós ganhamos ali, lá dentro. O segundo jogo devia ser no campo proletário que meu pai construiu [...], Ai, nesse segundo jogo, deveria ser lá, a gente ia ficar com a taça, [...] um timasso, Pajé, Aldo é gente rapaz. **La Botinho, era vigia da fábrica, de mentira, mas jogava era futebol** (grifo meu). Ai rapaz, o Sergipe foi para Federação e imbocou e disse que não ia jogar não, porque o campo neutro era aqui, para fazer o segundo jogo aqui também. A Federação mudou tudo, cancelou o jogo de lá, na época era FSD, [...], ai meu pai fez um ofício para a Federação desfiliando o Confiança. [...] eu sei que [...], o time saiu do campeonato. [...], teve um movimento na cidade inteira houve uma passeata, [...] ai o Confiança começou a ter suas raízes ampliadas, saiu da área operária só, cresceu para toda Aracaju. Saiu uma procissão, dai do centro da cidade até o Bairro Industrial, ai se prepararam, montaram o palanque rapidamente, improvisado, para meu pai dá a sua declaração final. [...], defronte da fábrica, eu sei que todo mundo lá [...] aí meu pai nervoso, pegou o microfone: "como é para o bem de todos [...] e felicidade geral do nosso clube , o Confiança hoje, já não é mais da fábrica, é do povo, eu saio". Então, entregou o clube ao povo.

Os relatos abaixo, capturados da mídia local, apontam para as pretensões do clube, ou seja, seu poderio enquanto equipe e sua intenção de sagrar-se bicampeão (54/55). Até porque, como expõe alguns entrevistados, era o ano do centenário de Aracaju e, portanto, todos queriam ganhar a competição. Estava evidente que o Confiança obteria êxito. Vejamos parte desta campanha (resumidamente) e também, como a mídia noticiou sua saída do futebol.

– Conquistou o Confiança o campeonato absoluto do Estado. **Correio de Aracaju**. 29/03/1955. (Obs: Referente ao ano de 1954).

– Será inaugurado o novo Estádio o campo do Confiança será teatro de recepções várias. **Correio de Aracaju**. 20/04/1955.

- Confiança e Passagem, inaugurando a nova praça de Esportes.

“Conforme é do conhecimento público, inaugurar-se-á amanhã o novo Estádio do Confiança[...]. Conforme esperávamos foi feito vistoria com resultado satisfatório [...]. **O Correio de Aracaju que recebeu o honroso**

convite da A.D. CONFIANÇA para assistir as solenidades de inauguração do novo Estádio, deseja aos seus digníssimos dirigentes felicidades desse empreendimento (grifo meu) [...]".Correio de Aracaju. 20/04/1955.

– GOLEADO O VASCO pela forte equipe do Confiança pelo placar de 4 x 1 caíram os cruzmaltinos – UM BOM PÚBLICO E UM REGULAR ESPETÁCULO [...], EXCELENTE EXIBIÇÃO DOS PROLETÁRIOS, SAGRANDO-SE COM MUITA JUSTIÇA CAMPEÃO DESTE PRIMEIRO TURNO [...] – BOA RENDA E BOA ARBITRAGEM. **Correio de Aracaju. 20/07/1955.**

– “Invicto o Confiança no primeiro turno” **Sergipe Jornal. 21/07/1955.**

– “CONTEMPLADOS COM MEDALHAS DE PRATAS OS CAMPEÕES DE 1954”

“Em solenidade realizada[...] na sede social da Associação Desportiva Confiança [...] que brilhantemente levantaram o título de campeão absoluto do Estado, foram agraciados com lindas medalhas de prata, gentilmente ofertadas pelo Sr. Governador do Estado e **patrocinadas pela Associação do Cronistas Esportivos de Sergipe** (grifo meu) [...].**Sergipe Jornal. 30/07/1955.**

– “Suicídio Esportivo da Associação Desportiva Confiança”

“reunida às últimas horas da tarde de hoje, para deliberar sobre os recentes acontecimentos, que provocaram seu desligamento da Federação Sergipana de Desportos, a Associação Desportiva Confiança, em sessão secreta, chegou a conclusões extremistas que, há pouco tornadas públicas, já causaram surpresas e consternações dos meios esportivos em geral. Dissolveu seus times de Vôlei, Basquete e Futebol. Não aceitará qualquer sugestão de reconciliar com a federação presidida por Moura Filho e no próximo Domingo, após jogar sua partida de despedida no Estádio “Joaquim Ribeiro”, **contra o Olímpico, QUEIMARÁ SUA BANDEIRA E FECHARÁ PARA SEMPRE AS PORTAS DO SEU CAMPO DE FUTEBOL.** Tal decisão do queridíssimo e excelente “onze do Bairro Industrial” origina de seguidos desentendimentos entre sua direção e a presidência da Federação Sergipana de Desportos. O suicídio esportivo do Confiança no Domingo que vem, de portões abertos, no Estádio “Joaquim Ribeiro”, se constitui num acontecimento melancólico que comoverá às lágrimas os seus torcedores e aracajuanos em geral. O CONFIANÇA, antes de executar seu plano suicida, deveria, pensando justamente o valor de sua existência no esporte cidadão, ponderar nas consequências que seu ato extremo importará, dando lição de fraqueza aos contemporâneos do esporte em Aracaju, e entrando para a posteridade com uma ação que, apesar de muito altiva, é bem pouco digna do bem que lhe queremos todos os sergipanos[...].” Obs – Destaque: **“ Na tarde de 18 jogará no Estádio Joaquim Ribeiro, contra o Olímpico a sua última partida, será, queimada a bandeira – e fechados os portões do campo do Bairro Industrial – síntese da tragédia** (grifo meu). **Sergipe Jornal 09/12/1955.**

– O Confiança afastou-se da liga – Por Hildebrando de Souza Lima
“Os últimos acontecimentos esportivos que originaram o afastamento [...]. Mesmo admitindo houvesse o campeão de 54, sofrida uma série interminável de perseguições e injustiças, do presidente da F.S.D, Sr. Manoel Moura Filho [...], mesmo assim, achamos injustificável o seu afastamento da Liga [...]. Não usaremos esta coluna para fins desagregadores. Não sabemos onde está a razão, e por isso mesmo, não opinaremos contra ou a favor do Confiança [...]. Nos limitamos a comentar às ocorrências com imparcialidades [...] atribuindo tais atitudes como frutos de paixões exacerbadas, partidas de espíritos egoístas e inconformados [...] de elementos que nunca foram desportistas e que jamais compreenderam que o Esporte é a alegria e amizade entre os povos. Mas o esporte sergipano, não sofrerá tamanho golpe sem o nosso protesto. **Batalharemos pelo seu soerguimento e combateremos por todos os meios ao nosso alcance contra àqueles que desejam a sua destruição [...]**”(grifo meu). **Sergipe Jornal**. 15/12/1955.

Relacionei este acontecimento, nesta temática (mídia), pelos desdobramentos que ele causou, pois, um dos aliados pelo seu retorno (Confiança) ao futebol no Estado, foi justamente a mídia. Nesse sentido, o canal de acesso entre os apaixonados torcedores, era os locutores - Cronistas – esportivos e principalmente, por que, a partir daí, com o seu retorno em 1957, vai caracterizar-se o terceiro momento hegemônico do Confiança que culmina com a profissionalização (1960) e sua “aparição” para Região Nordeste, como uma equipe forte e “poderosa”. Apesar da separação, a fábrica (na pessoa do Sr. Joaquim Ribeiro) continuava a apoiar o clube, financeiramente, bem como, suprindo-o nas condições materiais. O envolvimento dos jornalistas diante deste fato, foi decisivo para o seu retorno ao futebol.

Parece-me a partir do contexto que se configurou este clube - de sua formação, de seu caráter espetacular, de sua popularidade – que a mídia, na figura dos cronistas esportivos, logo percebeu seu caráter mercadoria muito antes de sua profissionalização. Não posso descartar esta análise e apenas aceitar a idéia de que o Confiança, em voltando a participar da FSD, seria “bom” para o futebol. Fica evidente que a sua presença em qualquer competição, representava um bom público e, conseqüentemente, uma boa renda nos Estádios.

E₀₄₋₁ - [...] eu abracei a causa do Confiança, mesmo sendo Sergipe, eu tinha um programa Bola na Rede, da “Velha Difulsora”, [...], quase toda

manhã, me lembro bem, Dona Finha¹¹¹, esperava sentadinha [...], prá me trazer notícia do Confiança, [...]. Ai, resultado: eu abracei a causa do Confiança, o Confiança Abandonou a Federação. [...], era o governo Udenista, Leandro Maciel [...] eu sei que fui comunicado que não podia mais entrar na Rádio Difulsora [...] resultado: Donisete mandou me chamar [...], você é alma dessa rádio, não é só no esporte, no seus programas [...], Dizem que você tá do lado do Confiança [...] Ai eu expliquei a ele. Rapaz, aí infelizmente o governador mandou, e eu recebi ordem que você não pode entrar na rádio. O programa pode continuar, mas você não pode falar, a verdade é essa. Você não tem ninguém no seu esquema que pode te ajudar [...]. Tudo bem, o Dr. Joaquim, que é o dono do Confiança, eu tô brigando pelo Confiança. Aí, fui lá na fábrica, me recebeu [...] entre aqui, me botou no carro e saiu [...], fique aí que eu volto já [...], quando voltou: o homem está irredutível, você não pode entrar na rádio [...]. Depois, ele ofereceu um jantar na quadra da fábrica, quando o Confiança voltou ao futebol, eu falando [...] eu ao lado dele [...] e o Confiança foi campeão. Foi por esse tempo, que pretenderam me pegar também, numa madrugada [...].

O Confiança voltou a estruturar-se contratando o que havia de melhor no futebol sergipano – jogadores, técnicos e preparadores físicos – ou seja, decidiu organizar para se manter hegemônico. Realiza diversos amistosos, testando seu novo “plantel” e exigindo, como sempre, o posicionamento profissional de seus jogadores. Às vezes, multando quando os resultados não eram satisfatórios. Portanto, resumidamente, a partir da mídia impressa, transcorrerei esse seu “novo” momento.

– O Confiança Sofrerá Nova Estrutura em 62. **Gazeta de Sergipe**. 21/03/1962.

– Conquista a II Taça Cidade de Aracaju em disputa com o Sergipe. **Gazeta de Sergipe**. 24/03/1962 .

– Walter, Ruite e Beto as Estrelas que o Confiança Apresentará à sua Torcida no amistoso desta tarde contra o Paulistano.

“O Confiança movimentou o futebol do Estado com uma série de contratações [...]. Sem dúvida, foi uma das mais arrojadas iniciativas do presidente João Carlos Mendonça, bem incentivado pela colaboração do patrono do clube, Dr. Joaquim Ribeiro [...] acreditamos que o Dragão do Bairro iniciou o ano com o pé direito [...]. (grifo meu). [...], não constitui mais segredo [...] que o Confiança que conquistar, este campeonato [...]. (p. 5). **Gazeta de Sergipe. 25/03/1962.**

¹¹¹ Torcedora “símbolo” do Confiança. Estava presente em todas as manifestações do clube, principalmente, no tocante ao futebol.

– Confiança quer Mais Um: Valdemar é o visado
“**Associação Desportiva Confiança, o maior arrematador no leilão de craques este ano, ainda não parou sua corrida [...] visando arregimentar craques para aumentar seu fabuloso plantel.**” (grifo meu). 06/04/1962.

– Confiança Contrata Preparador Físico – O Desportista Félix D`Avila (p. 5). 11/04/1962.

– Confiança quer Tarati. **Gazeta de Sergipe**. 26/04/1962

– Direção do Confiança Reage: punição para toda a equipe.
“Em reunião ocorrida na noite de Segunda-feira, a direção da Associação Desportiva Confiança, resolveu aplicar punição em massa a todos o jogadores que integraram a equipe que perdeu para o Olímpico por dois tentos a zero. Dez por cenot (sic) sobre os vencimentos foi a taxa fixa aplicada sobre todos os atletas [...]. Não somos favoráveis a medidas drásticas. Faltam-nos porém, elementos com que contestar a justiça da medida imposta pelo Confiança aos seus atletas, tanto mais agora no regime profissionalista em que vive o nosso futebol. Lutando por fazer excelente figura no certame que se aproxima, os dirigentes do clube do [...] não têm medido esforços no sentido de formar um bom quadro[...].” (p.5). **Gazeta de Sergipe**. 09/05/1962.

– Repercutiu Favoravelmente a Punição
“[...] punição imposta aos atletas operários pela direção do clube foi recebida da melhor forma possível. [...] prometeram (os jogadores) maior empenho nas pelepas futuras”. **Gazeta de Sergipe**. 11/05/1962 (p. 5).

– Confiança Contrata Técnico Baiano: Fernando Lopes Chegará Hoje. **Gazeta de Sergipe**. 12/05/1962.

– Juan Cely no Confiança
O técnico argentino Juan Cely que vinha dirigindo o América de Propriá, foi contratado [...]. **Gazeta de Sergipe**. 24/05/1962.

– Confiança Campeão
“O Confiança venceu merecidamente a primeira competição oficial do futebol profissional em nosso Estado [...]”. **Gazeta de Sergipe**. 05/06/1962.

- Joaquim Ribeiro Prestigia seu Clube

“Em declarações prestadas a GS-Esportiva, o Presidente do Confiança Sr. João Carlos Mendonça ressaltou o total apoio que o industrial Joaquim Ribeiro vem destinando ao Confiança. Mesmo sem aparecer aos olhos da crônica especializada [...], o Dr. Joaquim colabora valiosamente com o clube: “sem a ajuda dele e de outros como o Professor Valquírio e Roberto Santos, nada seria possível [...]”. **Gazeta de Sergipe**. 19/08/1962.

Neste aspecto, o Confiança vai destacando, em seus jogos e sua equipe torna-se bicampeão em 1962/1963. Curiosamente, mantendo um destaque de boas rendas e de quebra de recordes, principalmente, nas partidas com seu adversário, o Sergipe, que vai se constituir neste momento histórico e assim por diante, o seu maior “adversário”. Conforme Quadro nº 4 abaixo, percebe-se o potencial de renda desta equipe. A mídia inclusive, já o tratava como “clássico dos milhões” (Sergipe e Confiança).

Meia-cancha

“O movimento de cifras e número da arrecadação do embate Confiança x Sergipe, apresentou aspectos interessantes e que merecem divulgação. O montante da arrecadação como todos sabem, foi de Cr\$ 465.300,00[...] recorde em prélio de tal natureza, em nosso Estado. Exatamente 4.227 pessoas pagaram ingressos, com um movimento de público assim discriminados [...], arquibancadas – 852 – sombras, 2.093 – gerais, 181 – menores, 357 – Estudantes, 744.

Pelo que se vê, e sabendo que existem “penetras” em quantidade em nosso futebol, deduz-se que quase 5.000 pessoas [...]. Outra nuance que deve ser focalizada, é a cota dos juizes, agora baseada em percentagens sobre a renda. Ao Juiz que tem direito a 2 % coube Cr\$ 9.406,00 [...] cada bandeirinha [...] 1% [...] isto é, Cr\$ 4.653,00 [...]. Se todas as rendas fossem como as de Confiança x Sergipe, não seria mau financeiramente [...]”. **Gazeta de Sergipe**. 29/01/1964. (p.7).

Quadro nº 4 Expressa o Potencial de Renda dos Jogos entre Confiança e Sergipe (*)

DATA	JOG O	VALOR Cr\$	OBSERVAÇÃO
03/01/63	(*)	122.880,0 0	Maior renda camp. Sergipano 62
30/03/63	(*)	180.020,0 0	Campeonato de 62
01/05/63	(*)	272.672,0 0	Recorde do campeonato de 62
20/11/63	(*)	450.150,0 0	Campeonato de 63 – recorde
28/01/64	(*)	465.100,0	Campeonato de 63 –

		0	recorde
14/04/64	(*)	907.450,0	1º jogo final de 63 – 0 Recorde
21/04/64	(*)	930.300,0	2º jogo final de 63 – 0 Recorde
05/05/64	(*)	956.250,0	3º jogo final de 63 – 0 Recorde
12/05/64	(*)	1.096.300,00	Último jogo (finais) 63 – 00 Recorde

Fonte: Fonte: Jornais impressos conforme Anexo II, desta Dissertação.

– Finalmente Hoje Rubros e Proletários em Sensacional Amistoso Noturno
 “A semelhança do que representa um Vasco x Flamengo no futebol guanabarrino, guardada as devidas proporções, um embate entre Sergipe x Confiança desperta sempre grande interesse do torcedor [...]”. **Gazeta de Sergipe**. 03/10/1962.

- Confiança Disparou Com Pinta de Campeão

“ Normalmente seria muito cedo para qualquer prognóstico [...]. Quem viu entretanto a exuberante exibição proletária esmagando de forma incontestável [...] o seu maior rival [...].

Sem desmerecermos aos demais disputantes, acreditamos que o Confiança saltou longe [...] em busca do título de 62”.

“O quadro do Confiança sagrou-se campeão do primeiro turno do Super [...] “ (p.5). [...]”. **Gazeta de Sergipe**. 16/04/1963.

– 4 x 3 Sobre o Vasco fizeram A.D.Confiança Campeão de 1962

Com uma espetacular vitória de quatro tentos a três sobre o forte esquadrão do Vasco Esporte Clube, a Associação Desportiva Confiança levantou o título de super campeão de futebol de 1962. [...] Segundo apurou a reportagem, a celebração da grande vitória dos proletários invadiu até a madrugada de Segunda feira. **Correio de Aracaju**. 04/06/1963.

– Confiança Super-campeão de Futebol do Estado. **Gazeta de Sergipe**. 04/06/1963

Consolidava-se assim a relação trabalho e capital, a partir do espetáculo esportivo, algo que já vinha se constituindo desde 1949. A sua forma “enfeitiçadora” materializa-se na mercadoria, mas, a “pseudo-autonomia” esconde a relação social que ela traz consigo, isso porque a “sociedade” a vê como “coisa”, reificada, como

se tivesse vida própria e domínio sobre si. Parafraseando Debord (1997), parece relações entre coisas mortas.

Destaca-se, neste período (1962/1963), a sua passagem pela Taça Brasil, pois, foi a partir desta Competição, que o Confiança pôde mostrar sua força para os nordestinos. Era comum as equipes não passarem da primeira etapa desta competição, mas o Confiança preparou-se para ela e despertou a possibilidade de uma equipe do Estado de Sergipe ir muito além, reforçando o sonho e a paixão pelo futebol no Estado.

– Tarati e Rivaldo no Confiança

“[...] Deste modo os dirigentes do Confiança, empenham-se em armar um quadro que venha fazer boa figura na próxima Taça Brasil e na temporada de 63, visando o bi-campeonato. **Correio de Aracaju**. 10/07/1963.

– Confiança Tentará Vingar o Esporte Sergipano na Taça Brasil. **Correio de Aracaju**. 19/07/1963.

Sua chegada, após ganhar do Campinense da Paraíba e do Ceará em Fortaleza/CE¹¹², foi algo “triumfal”. Primeiro, pelo fato de ter vindo de avião (acredito ter sido a primeira equipe sergipana com tal feito); segundo, pela aclamação popular, a cobertura da mídia, os destaques nas rádios e jornais, algo que só acontecia com os espetáculos realizados com equipes do sul do país. Neste contexto, todos os entrevistados reconhecem esse momento na história do Confiança. Vejamos esse momento, a partir da mídia impressa:

– Confiança e Capelense no Alçapão de Maceió. **Correio de Aracaju**. 21/07/1963

– Proletários Negaram a Confiança do Sergipanos: Super Campeão Esmagado no Alçapão de Maceió pelo Capelense.

“Depois de estar vencendo por um a zero [...] caiu espetacularmente [...] pelo escore de três a um [...]”. **Correio de Aracaju**. 23/07/1963.

– Sensação no Sabino Ribeiro; Confiança e Capelense na Grande Desforra. **Correio de Aracaju**. 27/28/07/1963.

¹¹² Após esta primeira vitória, na casa do adversário, o Confiança viria perder a revanche e o desempate para o Ceará, sendo eliminado da Taça Brasil.

- Sensacional: Confiança Decide Hoje Continuar na Taça Brasil. **Correio de Aracaju**. 30/07/1963. (Obs: Na primeira página do jornal. Poucas vezes isso ocorre).
- Espetacular! Confiança (Sergipe) Desclassifica o Capelense (Alagoas): 3 x 1. **Correio de Aracaju**. 31/07/1963.
- O Confiança, Reconhecendo Poderio do Adversário, Espera Vencer. **Correio de Aracaju**. 07/08/1963. (Obs: Agendamento agora para enfrentar o Campinense da Paraíba).
- Tudo Azul no Confiança Para o Choque de Amanhã. **Correio de Aracaju**. 10/08/1963.
- Confiança e Campinense a Atração de Hoje. **Correio de Aracaju**. 11/08/1963.
 - Debaixo de Pancadaria o Confiança Passou Bem o Primeiro Susto: 2 x 0 Sobre o Campinense. “Mais uma espetacular vitória na Taça Brasil [...]”. **Correio de Aracaju**. 13/08/1963.
 - Viajou o Confiança Com Otimismo e Disposto a Tudo. **Correio de Aracaju**. 14/08/1963. (Obs. Viagem de avião).
- Ruiter Esmagou o Campinense: Confiança 4 x 3
 - “ Vitória espetacular dos proletários – Campinense apanhou dentro de casa [...] Ruiter, o grande vencedor! **Correio de Aracaju**. 17/08/1963.
- Ruiter, o Artífice da vitória empolgado.
 - “Dragões” Proletários receberam a consagração popular (p.7).
 - Festiva a Recepção no Aeroporto Santa Maria [...], Desfile no Carro dos Bombeiros – Ruiter quase se perde na multidão (p.8). **Correio de Aracaju**. 18/08/1963.
- Confiança Parte Amanhã Para a Vitória no Ceará
- Otimismo o Confiança Viaja Pensando na Vitória
- Confiança Tentará Reeditar Feito de Campina Grande.
- Confiança Não Teme Fibra de Cearense: Espera ganhar. **Correio de Aracaju**. 22 a 25/08/1963.
- Espetacular Mesmo: Confiança Também Fez Cearense Sambar: 4 x 2
 - “Grande exibição de futebol realizou Domingo, em Fortaleza, a Associação Desportiva Confiança, ao abater espetacularmente ao tetra campeão cearense [...]”. **Correio de Aracaju**. 27/08/1963.
- Ceará Também venceu o Confiança em Casa: 1 x 0
 - “[...] A renda somou a importância de oitocentos mil cruzeiros e uma fração, considerada pequena para o grande público presente ao Estádio “(p. 6). **Correio de Aracaju**. 29/08/1963.

– Amanhã a Grande Decisão: Confiança e Ceará no Jogo de Vida ou Morte. **Correio de Aracaju**. 31/08/1963.

– Acabou-se o Que era Doce: Ceará Alijou o Confiança da Taça do Brasil “ [...] sem contar com Ruiten, que fez greve na última hora[...]”. Greve de Ruiten aniquilou o craque: medo a hipótese. “[...] o Dr. José Maria Rodrigues, médico do Confiança informou à Imprensa que Ruiten não tinha condições favoráveis de jogo, mas que – como desportista, achava que ele podia jogar [...]”. **Correio de Aracaju**. 03/09/1963. (p.6). (Obs: Cogitou-se que Ruiten ficara com medo no dia do jogo. Havia sofrido uma contusão e ela reapareceu).

– Prof. Valquírio: Drama de Consciência no caso de Ruiten. **Correio de Aracaju**. 04/09/1963. (Obs: O presidente do Clube, explica que o médico deixou a cargo do jogador (sua consciência) e como o jogador teve seu passe avaliado em 3 milhões de cruzeiros, ficou com medo de jogar após ter visto uma pequena lesão, na radiografia).

Percebi, o quanto este período de 1962/63, foi crucial na vida desse clube (Confiança). O reconhecimento da sociedade sergipana, da crônica esportiva e principalmente, dos Estados da Região. O Confiança despontava como uma das melhores equipes do Nordeste, algo que ficava restrito somente às equipes da Bahia, Pernambuco, Ceará. O Confiança simbolizava seu próprio fetiche e fetichizava a todos a partir do espetáculo que proporcionava. Os sujeitos envolvidos à pesquisa, são unânimes em reconhecer este clube de futebol como grande, ou seja, que seu potencial era para além das fronteiras de Aracaju/Sergipe. Os depoimentos abaixo corroboram quanto à importância deste momento do Confiança:

E₉₇₋₃ – [...] o Confiança foi que me envolveu, [...] na década de 60, quando ele formou um timão, [...]. Praticamente, foi nos primórdios do profissionalismo, Confiança formou um timão, inclusive brilhou muito na Taça Brasil e eu tenho gravado as vitórias dele sobre o Ceará 4 a 2, do Campinense 4 a 3, ele perdendo de 2 a 0 [...], eu me lembro bem que o locutor da rádio Assunção Cearense, dizer eu acho que o Confiança vai pagar altos juros com a vitória de domingo, e nada Ruiten fez quatro gols.

E₉₇₋₂ – [...] os jogadores começaram a ser vistos [...] começou com título de Academia de futebol Sergipano, que foi basicamente nos anos 60 [...].

E₉₇₋₆ – [...] o Confiança ter ultrapassado todas essas barreiras, e ter se revelado no cenário nacional, quando na Taça Brasil, o atleta Ruiten, foi o artilheiro, fazendo mais gol do que Pelé.

E₀₄₋₂ - O Confiança tinha o Beto [...], foi ai que chegou o Ruiten, eles fizeram um grande time, com um ataque arrasador. [...], quem é aquele ponta direita [...], é daqui? Era daqui, entendeu? [...].

Após sua campanha na Taça Brasil, dedica-se ao campeonato sergipano e torna-se Bicampeão, consolidando a sua posição de uma das melhores equipes do Estado e do Nordeste. A mídia local não poupa elogios, o que faz aumentar ainda mais a sua relação com o público, elevando a sua popularidade. O fato de ter um jogador que marcara tantos gols quanto Pelé (o melhor jogador de futebol do Brasil), na Taça Brasil, enchia de orgulho os sergipanos, independente de serem torcedores do Confiança. Muitos desses torcedores, iam aos Estádios ver o espetáculo do Confiança, mesmo sendo torcedores de outra equipe. Vejamos os relatos da crônica esportiva.

– Meia- Cancha –

“O Confiança, de dois anos para cá, vem se constituindo na equipe de toda harmônico e condição tática e técnica, mais brilhante, que sem dúvida temos no futebol sergipano [...]. A verdade, é que o Confiança, é hoje a única equipe sergipana que reúne as condições de praticar o futebol moderno, no mais alto nível que se possa conseguir em nosso Estado [...]. O Confiança Proletário Atual, evidencia a personalidade e tranquilidade, que somente os grandes quadros apresentam, [...]. Está em pleno apogeu”(p. 7). **Gazeta de Sergipe**. 27/02/1964.

– Confiança x Sergipe na Decisão do Segundo Turno.

Meia-Cancha

“Com poucas horas a separá-la do sensacional e empolgante Confiança x Sergipe [...] por isso mesmo, que o choque entre proletários e rubros já merecem inteiramente o cognome de “clássico dos milhões”. É sem dúvida um Vasco x Flamengo, reduzido a devida proporções[...]. Confiança x Sergipe já é um prélio auto-suficiente no aspecto financeiro [...].**Gazeta de Sergipe**. 12/04/1964. (p. 5).

- A.D.Confiança Conquistou o Bi-Campeonato de 1963. Confiança: Super-Bi-Campeão Sergipano **Gazeta de Sergipe**. 12/05/1964 (p.5). (Obs: Destaque na primeira página do Jornal. Renda: Cr\$ 1.096.300,00. Enaltece a conquista do título em vários destaques da página).

– Biografias dos Super-Bi-Campeões Sergipanos. **Gazeta de Sergipe**. 13/05/1964. (Obs: Traz as Biografias dos jogadores do Confiança com fotos e história de vida e profissional. Algo nunca visto! Ruiten foi artilheiro da V Taça Brasil em 1962, juntamente com Pelé).

3.4.1 O Espetáculo: do Confiança ou da Sociedade?!

Percebe-se, a partir da captura das informações referente à mídia impressa e também, dos entrevistados, o papel da Mídia em estimular o espetáculo. Mas, a quem cabia o espetáculo: à sociedade que se convertia enquanto tal, ou ao próprio capital em forma de espetáculo?

Para Matos (1979, p. 83), “a sociedade moderna se apresenta como momento exemplar da sociedade do espetáculo: essa forma por excelência é a mercadoria – tudo é produzido e dirigido pelas leis de mercado”. Neste sentido a mercadoria se contempla a si mesma num mundo que ela criou (o espetáculo).

A expressão espetáculo, espetacular etc, aparece constantemente nos jornais no período que vai desde 1949, até, o que delimita o final desta pesquisa (final da década de 60). Interessante é que o termo não era usado apenas para exaltar o espetáculo (show esportivo), mas também simboliza o espetáculo enquanto fetichizado na sociedade de consumo. Neste caso, vejamos primeiro como a mídia enunciava as notícias (independente de seu caráter) e depois, referindo-se aos jogos do Confiança, em que até a indicação do árbitro virava fator de destaque e contribuía para a espetacularização:

– “Espetacular suicídio do ex-secretário de defesa dos E.E.U.U”
“atirou-se do 16º andar do hospital naval depois de ler uma tragédia de Sófocles”. Diário de Sergipe, **21/05/1949**.

– Castigo merecido
“Espetáculo doloroso ofereceu o senador Pedro Aurélio de Gois Monteiro [...]. Usando de sua patente de General exigiu que se elegeisse para o governo de sua terra o Sr. Silvestre Péricles, sabia que estava agindo contra Alagoas **Correio de Aracaju**, 24/01/1950.

– “Espetáculo de unidade social e política sobre uma grande bandeira em torno de um grande nome”. **Correio de Aracaju**. 31/08/1950. (Obs: Sobre a candidatura de Leandro Maciel ao governo do Estado).

– Sherlock Apitará o Grande Clássico Confiança Versus Olímpico
“Confirmado as nossas previsões veiculadas nestas colunas [...] de que o grande árbitro pernambucano Argeniro Félix (Sherlock), apitará o clássico número um da cidade [...]. A presença do famoso “az” do apito, o melhor do norte do paiz (sic), dará, [...] mais garantia ao match [...], evitando deste

modo comentários e conversas de bancas de café. Temos certeza de que agora, [...], o nosso público afluirá em massa, hoje ao Estádio de Aracaju [...]. Segundo obtivemos confirmação [...] Sherlock chegará hoje à tarde pelo avião das Aerovias Brasil, por conta exclusivamente da “ Associação Desportiva Confiança”, que se responsabilizará por todas as despesas. Sherlock apitará o clássico mediante a importância de Cr\$ 2.000,00, livre de qualquer outro compromisso [...]. Deste modo, existe muito boa vontade do CONFIANÇA, não só para dar mais segurança ao clássico e ainda em oferecer ao público uma grande noite futebolística”. **Correio de Aracaju**, 29/09/1951.

– Luta de gigantes o clássico Confiança e Olímpico[...] “Constituiu um espetáculo magnífico o clássico Confiança x Olímpico [...]”. Renda: “Um recorde de bilheterias em jogos do presente campeonato: Cr\$ 6.864,00 [...]” **Correio de Aracaju**. 19/06/1951.

– Espetáculo empolgante o clássico “Sergipe x Confiança”.
Por Souza Lima
“Prélio disputadíssimo que culminou com a vitória do Confiança pelo placar de 4 x 3 [...]. Récord de bilheterias – Cr\$ 7.464,00. **Correio de Aracaju**. 03/09/1951.

Neste aspecto, desde sua “estréia” no futebol, o Confiança traz consigo características da sociedade do espetáculo, ou seja, traz consigo o fetichismo da mercadoria em forma de espetáculo. Sua aparência “enfeitiçadora” levava os potenciais consumidores – como encantados pelos “Cantos das Sereias¹¹³” – a exercer o consumo sem reflexão. Além desse aspecto, o fetiche cria um sentimento de identidade e de emoção da subjetividade humana na aproximação com seus “ídolos”, como se percebe a partir do esporte-espetáculo. Para Debord (1997, p. 28),

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por coisa supra-sensíveis embora sensíveis, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como sensível por excelência. O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido.

Jornalistas esportivos que, estrategicamente, foram entrevistados na pesquisa, em sua vida particular são torcedores do “arqui-rival” do Confiança, o Clube Esportivo Sergipe. Mesmo assim, são unânimes em reconhecer as

¹¹³ Aqui estabeleço uma relação com a mitologia grega, em que o Canto das Sereias provocava um enfeitiçamento aos homens indo ao encontro delas para serem devorados, bem como, ao “Conceito de Esclarecimento”, na Dialética do Esclarecimento exposto por Adorno e Horkheimer (1985, p. 44-45),

características espetaculares do Confiança, bem como a sua aproximação com a torcida, numa relação apaixonada provocada pelo espetáculo, como exposto abaixo.

E₉₇₋₃ - [...] Confiança e Olímpico enchia os estádios. [...] O Confiança era um timão na época.

E₉₇₋₂ - A participação popular da torcida, sempre foi o maior *standart*, [...] ela é muita valorosa, muito [...] Apaixonada [...] uma das 10 mais organizadas do Brasil [...].

E₀₄₋₁ - Aqueles jogos no Sabino Ribeiro, era um negócio, era um negócio! Cheio, sempre cheio, [...] Aquele time do Confiança [...]. Naquela época [...] eu acho a torcida do Confiança [...], a torcida é mais alegre, do que a do Sergipe. A do Sergipe é maior em quantidade [...] A do Sergipe era mais elitizada, como foi o futebol no Brasil todo, [...] A do Confiança não. Só que agora tá um pouco violenta, com essa Trovão Azul [...]. A torcida do Confiança, antes dessa trovão azul, era torcida mesmo [...].!

E₀₄₋₂ - Exatamente. O confiança atraiu um bocado de torcedor, inclusive de cá, da cidade, em face da eficiência, da maneira como ele se apresentou naquele ano, [...] foi conseguindo, naturalmente, adeptos e formou então a sua torcida. [...] nós tivemos aqui, o Sergipe e o Confiança, com pouquíssimos jogadores de fora do Estado. Mas, excelentes eventos, excelentes eventos. [...] eles fizeram um grande time, com um ataque arrasador. [...] Tenho a impressão que foi no aniversário do Confiança [...], e o Bonsucesso estava excursionando aqui pelo Nordeste [...]. O Bonsucesso veio, tinha uma boa equipe, [...], pelo Norte-Nordeste ele brilhou. Chegou aqui, meu amigo, não deu outra, se não me engano foi 3 a 1 para o Confiança [...].

Percebe-se que, desde sua origem, caminhava-se para uma “proliferação” do processo de comercialização da cultura a partir do fenômeno esportivo. No futebol, era crucial que o espetáculo gerasse renda, ou seja, percebe-se que aquele “fenômeno”, que ora aparecera, constituía-se num “objeto” possível de comercialização, pois, passava a aglomerar multidões, com reais consumidores, e que, através da compra do ingresso, produziria o sucesso do “bem”. Ao referir-me ao espetáculo, estou alertando para o processo de mercadorização que foi possível tornar a cultura, (no caso, a esportiva) numa “mera” mercadoria. Neste sentido, gostaria de destacar um momento importante neste processo de espetacularização: a vinda do Santos (de Pelé) a Aracaju, em 1963;

– Santos Jogará em Aracaju. **Gazeta de Sergipe**. 22/12/1962. (Obs: Foto de Pelé na primeira página do Jornal).

– Pelé Autografará Livros e Fotos Para os Torcedores Sergipanos. **Gazeta de Sergipe**. 03/01/1963. (Obs: Crônica Esportiva, expõe sobre a grande atração que é a vinda do Santos, com seus jogadores e principalmente, Pelé. Ainda, que autografará, biografias sobre sua vida e fotos).

- Pelé Hoje em Aracaju. **Gazeta de Sergipe**.

“[...] A exibição do Santos em Aracaju, está despertando grande interesse nos círculos esportivos [...]. Pelé, que se apresentará amanhã pela primeira vez, ao público aracajuano”. **Gazeta de Sergipe**. 08/01/1963

– SANTOS CHEGOU NA MADRUGADA

Orquestra de Pelé Dará Recital: Santos x Combinado. **Gazeta de Sergipe**. 09/01/1963. (Obs: Fotos da chegada na Primeira página. Todos os detalhes do jogo, preparação das equipes, os convidados especiais – Bispo, Coronel do 28 BC (Exército), Capitão dos Portos, Prefeito, Governador, etc.).

– Santos Lutou Para Vencer. **Gazeta de Sergipe**. 10/01/1963. Árbitro, Romualdo Arppi Filho; Placar, 3 x 2; Renda: **Cr\$ 4.000.238,00**. (Obs: Realização que foi entendida como a maior já ocorrida no Estado).

Destaca-se este, entre vários amistosos promovido pela Federação. Percebe-se também que os investimentos passaram a ser mais “audaciosos” e os clubes também tinham tal iniciativa. Era comum a vinda de clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Chegando ao “auge”, com a inauguração do Batistão (1969)¹¹⁴, com a presença da Seleção Brasileira. Estava mais do que consolidado o fato de o espetáculo gerar renda. É importante ressaltar que o Confiança sempre esteve “ligado” nesta perspectiva, ou seja, de realizar amistosos, promovendo o espetáculo.

3.4.2 Nessa História [...], o Espetáculo Gera Renda

¹¹⁴ No tópico “a Criação dos Estádio/Mercados”, se ampliará esta discussão.

Como foi visto, o “rastros luminoso” trazido pelo espetáculo do Confiança converge para a comercialização e, com isso, para a geração de “rendas”¹¹⁵. Percebe-se, conforme quadro nº 5 abaixo, que os jogos do Confiança, representam um diferencial em relação as outras equipes e principalmente a geração de renda. Isto também explica o porquê de, aos poucos, ver-se o interesse do público - pelas modalidades vôlei e basquete sendo substituída pelo futebol. Conforme Viana Filho (1994, p. 2b), “estes contactos [sic] esportivos do Confiança com o público começaram a diminuir, à medida que a prática do basquetebol e voleibol perdiam a cada ano, o interesse dos clubes que tinham o futebol como seu principal esporte [...]”¹¹⁶.

Isto é importante nesta análise, pois, percebe-se um olhar de interesse financeiro no espetáculo esportivo, uma vez que o futebol já representava um grande atrativo, concentrando grandes multidões, arrecadando grandes cifras e obtendo espaço na mídia. Entende-se que o espetáculo é a manifestação geral da forma ilusória da mercadoria. Neste aspecto, estou convicto que a preferência pelo futebol tem uma relação íntima com o aspecto econômico, ou seja, o basquetebol o vôlei, apesar de momentos trazerem bom público às quadras, nunca representou um potencial de renda para germinar e sobreviver por si só. Os recortes dos jornais, abaixo, em períodos distintos, representam os apelos em recuperar seu *status*. No entanto, como alerta Marx (1996), para que se concretize uma mercadoria é necessário apresentar-se seu duplo caráter, ou seja, valor de uso e valor. Quando uma dessas características deixa de existir, o bem deixa de ser mercadoria e é o que me parece ter acontecido com o basquete e o vôlei.

– Por Souza Lima – Como é que Pode?

Por ocasião das festividades comemorativas do I centenário da capital, [...], como não poderia deixar de ser, duas grandes temporadas, uma de basquetebol e outra de futebol. A questão das temporadas [...] é sim um problema, e dos mais sérios por sinal. Em basquetebol, não é bom nem falar, todas as temporadas, dão prejuízo, por vários motivos, dentre os quais por não possuímos boas quadras. A propósito, o Presidente Antônio

¹¹⁵ Refere-se as arrecadações extraídas de seus jogos. Aqui, não relacionada com a Renda numa relação Macro-econômica (Marx, 1996 – Terceiro livro de “O capital” e Teorias da Mais-valia”; ou Keynes, 1982), mas, sobretudo, pelo simbolismo que ela representava na relação com o espetáculo (mercadoria) esportivo, principalmente, com a equipe do Confiança.

¹¹⁶ Fica claro que a Associação Desportiva Confiança vai abandonando os esportes que a originou (Basquetebol e Voleibol), pela absorção do futebol, (público e renda).

Lisboa, [...] está empenhado em conseguir um terreno onde possa ser construído um ginásio [...]. **Correio de Aracaju**. 01/04/1955.

– Drama no Basket

“O basquetebol está voltando àqueles dramas de outras jornadas, sem clubes para participarem das competições que a federação patrocina. Atlético, late e Vasco, não serão suficientes para manter a agremiação [...]”. **Sergipe Jornal**. 06/01/1965.(p. 2).

– FALANDO DE BASQUETE

“Com o advento do futebol profissional, os esportes amadores sofreram grandemente [...]. Hoje o assunto é futebol profissional [...]”. **Sergipe Jornal**. 18/03/1965. (p. 3).

- Dizendo a Verdade – Por Jurandi Santos

“O basquetebol sergipano na temporada de 67 [...] chegando a ser relegado a um segundo plano [...]. O Presidente da Federação [...]: *não posso fazer devido a falta de interesse dos dirigentes das agremiações* [...].nada mais justo tentar uma reabilitação, fazendo algo pelo basquetebol que tendo pinta de milionário vive esmolando pelas esquinas [...]”. **Diário de Aracaju**. 05/01/1968. (p. 6).

Quadro nº 5 demonstrativo das rendas dos jogos entre 1949 a 1952

DATA	JOGO		RENDA	OBSERVAÇÃO
05/04/49	Confiança Paulistano	x	2.244,00	Considerada “boa”
25/07/49	Confiança Olímpico	x	2.682,00	“Maior clássico do fut. sergipano”
14/08/50	Confiança Vasco(SE)	x	4.554,00	Já no novo Estádio
29/04/50	Campeonato 1950		*****	Rendas entre 2.200,00 a 3.700,00
09/06/51	Confiança Cotinguiba	x	5.000,00	
19/06/51	Confiança Olímpico	x	6.864,00	Recorde de bilheteria – “clássico”
06/10/51	Confiança Olímpico	x	12.990,0 0	Recorde de público.
06/10/51	Outros jogos		*****	Entre 1.700,00 a 3.000,00
05/09/51	Confiança x Sergipe		7.464,00	Recorde de renda

27/11/51	Confiança Passagem	x	19.032,0 0	1º jogo das finais do absoluto
27/11/51	Confiança Passagem	x	16.908,0 0	2º jogo das finais do absoluto
11/11/52	Cotinguiba Passagem	x	7.000,00	1º jogo das finais do absoluto
11/11/52	Cotinguiba Passagem	x	8.000,00	2º jogo das finais do absoluto

Fonte: Jornais impressos conforme Anexo II, desta Dissertação

Percebe-se, conforme Quadro acima, que enquanto a média dos outros jogos giravam em torno de C\$ 2.000,00 a Cr\$ 3.000,00, os jogos do Confiança atingiam acima de Cr\$ 4.500,00. Em 1951, quando foi campeão, estabeleceu recorde de renda e público. E, um ano após sua conquista, na final do campeonato oficial, as equipes não atingiam a metade de suas rendas. Este é um fato interessante, pois, faz brilhar o caráter mercadoria e o fetiche produzido pelo seu espetáculo. A sua inserção no cenário do futebol, elitizado, no Estado teve essa marca, pois, assim ele pôde se impor, não pelo futebol de fábrica, de bairro, etc., mas, sobretudo, pelo caráter mercadoria que já se configurava.

Pode-se observar que, desde a sua estréia no futebol, o Confiança é sinônimo de renda. Seus jogos simbolizavam maiores arrecadações e também um bom espetáculo.

– Belíssima vitória A. D. Confiança

[...] sensacional encontro entre os quadros de Confiança e do Olímpico, atualmente o maior clássico de nosso futebol. O interesse do público aumentou, ao saber que o Confiança poria em campo seu quadro completo, mesmo perdendo os pontos, em virtude de possuir elementos sem condições de jogo. [...] apresentam um espetáculo notável [...]. **Diário de Sergipe**. 25/07/1949

Isso se repete, como se viu, em 1955, quando o Confiança rompe com Federação e sai do campeonato oficial e, somente após a aclamação do povo/mídia, volta a integrar o quadro da Federação Sergipana de Desportos (FSD), em 1957. O que merece destaque é o caráter de espetáculo que se manifesta nesta construção.

Ou seja, quando retorna seu quadro estava composto de jogadores “irregulares” (lei de estágio). Ganha o Torneio Início, mas fica impedido de participar do Campeonato. Como o Confiança não queria descompor sua equipe, preferiu ficar realizando apenas jogos amistosos. Fato este que lhe valeu uma advertência da FSD, de que só poderia realizar amistosos em dias que não houvesse jogos pelo campeonato oficial.

Percebe-se, conforme Quadro nº 6 abaixo, claramente por que o Confiança, através do espetáculo esportivo, gerava mais rendas que os jogos do campeonato. Não foi à toa, que a crônica esportiva esforçou-se no sentido de regularizar seu retorno junto ao campeonato, até porque era uma das interessadas no espetáculo esportivo produzido pelo Confiança, sem contar a parcela da que tinha direito nas rendas dos jogos.

Quadro nº 6 da relação jogo e renda em amistosos e torneios secundários, comparados às rendas das finais de 1956 e 1957

DATA	JOGO	VALOR CR\$	OBSERVAÇÃO
26/01/55	Confiança x Paulistano	6.240,00	Finais da Taça Cidade
22/11/55	Confiança x Guarani (BA)	25.545,00	Amistoso
20/02/57	Confia. x Bonsucesso-RIO	85.000,00	Amistoso volta do ADC à FSD
28/03/57	Confiança x América (SE)	15.135,00	Amistoso
22/06/57	Confiança x América (SE)	19.320,00	Amistoso
30/04/57	Confiança x Sergipe	11.000,00	Amistoso
02/07/57	Sergipe x Madureira (SE)	605,00	Campeonato Sergipano
07/05/57	Confiança x Náutico (PE)	109.712,00	Amistoso
16/07/57	Vasco x Cotinguiba –	Rendas	2.745,00 a 4.135,00 –

			Finais/57
21/07/55	Confiança x Vasco	11.137,00	Campeão do 1º turno
27/08/57	Confiança x Propriá	10.810,00	Amistoso
1956/57	*****	*****	Confiança desfilia-se da FSD
30/01 a 6/02/57	Rendas	6.755,00 9.835,00	Finais de 1956

Fonte: Fonte: Jornais impressos conforme Anexo II, desta Dissertação.

Como se vê, o campeonato oficial do Estado, apresentava rendas inexpressivas. Nem mesmo nas finais as cifras superavam às dos jogos do Confiança. Era portanto, urgente, para salvar inclusive a lógica de mercado que se consubstanciava perante ao futebol, àquela época, que o Confiança retornasse para assim, harmonizar investidores, torcedores (consumidores), a mídia entre outros.

Acredita-se também, devido às especificidades dos espetáculos promovidos pelo Confiança (mais rentáveis), que ele preferiria continuar suas séries de amistosos, pois assim, arrecadaria muito mais dinheiro. De certa forma, ele ganha autonomia diante do poder que era controlado pela FSD e, eis aí, uma boa razão para se “rogar” a sua volta.

Nesse aspecto, a Associação Desportiva Confiança inaugura uma nova dimensão acerca do futebol no Estado. Começa-se a valorizar o espetáculo esportivo do futebol. Inicia-se também uma nova forma de administrar o futebol: contratação de técnico, de jogadores/trabalhadores, disponibilidade de material esportivo em abundância – vai-se criando um sentimento de “carinho” com o público, e aumentando sua popularidade, ou melhor, já se constitui num bem cultural e econômico para consumo e que este bem, atinge uma pluralidade de indivíduos na sociedade.

Os próprios cronistas, sujeitos da pesquisa, reconhecem que a torcida do Confiança ia mais aos estádios. As matérias abaixo também expressam sua condição de popular. Neste aspecto quem exige que ele participe do campeonato é a população e a Crônica Esportiva que se auto-proclama falar em nome da população. O interesse explícito da Crônica é a renda e o espetáculo.

– “Confiança Campeão do Torneio Início”. **Correio de Aracaju**. 09/04/1957.

– “Seis meses de estágio para qualquer amador que se transferir”

“ O esporte sergipano novamente vem de ser atingido por uma onda maléfica de interpretações intempestuosas. Conforme já é do conhecimento público, [...] um novo caso surgiu na vida do nosso principal esporte, o futebol, motivado pelas transferências de amadores, de diversos clubes citadinos, e que resultou no adiamento da primeira rodada [...], até ser resolvida a situação surgida. Ao nosso ver achamos que o Sr. Mascarenhas Filho, [...] agiu precipitadamente suspendendo o Campeonato, [...], sem ter absoluta certeza da obrigatoriedade ou não da aplicação da lei [...]. Sobre o caso criado com as transferências, ao que nos parece o clube mais prejudicado foi o C. S. Sergipe que perdeu dois dos seus melhores atletas, Nivaldo e Mamede, que se transferiram para o Confiança [...] (p.3). **Gazeta Socialista**. 18/04/1957.

– O Confiança em não podendo colocar seus jogadores para jogar, devido a lei de estágio, prefere ficar jogando amistosos e fica afastado do campeonato. **Gazeta Socialista**. 30/04/1957.

– Notas Esportivas – **Gazeta Socialista**. 07/05/1957. (Obs: Que o Confiança não poderá jogar amistosamente em dia que houver rodada do campeonato).

– A Crônica da Semana

“Triste realmente o destino do football citadino. Não digo sergipano, pois a cidade de Propriá está hoje muito acima do football da capital. [...] temos jogos em Propriá quando não é o América que leva um Confiança ou um Paulistano, é o Propriá E.C. que leva o Olímpico ou o Vasco ou mesmo o Palmeira dos índios. E as rendas sempre alcançam a casa dos 13, 14 e às vezes até, 21.000,00. Por mais que o cronista procure as causas do desânimo do Torcedor Aracajuano não encontra resposta. **De uns tempos para cá, encontraram no Confiança a resposta para o fracasso das rendas em Aracaju** (grifo meu). Mas a verdade manda que se diga: Quando o Confiança joga tem boas rendas, quando ele não joga, pronto, as cifras ficam na casa dos 6 mil e quando muito 7 mil e poucos cruzeiros. Prova concreta que o Torcedor do Confiança, a maioria, gosta do clube, não gosta do football dos outros clubes, [...]. O Confiança subiu tanto no conceito de seus fans(sic) e admiradores que acontece agora o seguinte: Ser Confiança já se assemelha a uma seita, um culto. A crônica citadina precisa sair do terreno estéril das campanhas pessoais, dos ataques, para então, apelar diariamente para o Torcedor do Confiança, pare que ele acabe com esse ódio aos demais clubes, apenas porque a Lei de cancelamento impede que seu clube predileto esteja disputando[...]” (p.3). **Gazeta Socialista**. 08/06/1957.

– “A Federação com novo Abacaxi”

Por Wellington Elias:

Desde algum tempo (..) vem o football da cidade e de Sergipe, vivendo época confusa [...]. Os clubes, esses na sua maioria – viveu situação aflitiva, exceção dos bafejados por posição financeira já definidas, num ambiente de independência do football. [...] em Aracaju clube algum baseia suas despesas pela receita dos jogos de football. [...] O próprio Cotinguiba mesmo, esse colosso de clube, pergunto eu: se fosse esperar pelas rendas do football melhoraria sua séde (sic)? Construiria uma piscina? [...] lógico que não. Pois bem, desportistas, como se não só bastassem esses problemas de ordem interna no setor financeiro, eis que o nosso football vive constantemente tumultuado por celeumas que visam acima de tudo: A própria derrocada do football de Aracaju (não digo o do Interior, pois Propriá é hoje o berço do football sergipano). Vejam vocês em 28 jogos disputados no 1º turno foram arrecadados 57.885,00, o que para uma capital, francamente, é uma decepção. O porquê dessas rendas tão diminutas? E eu respondo: **Agora mesmo estão levantando a tese de que o CONFIANÇA não pode entrar no campeonato pois o estágio de seus jogadores é de 12 meses. Ora meus senhores: o Confiança não aspira mais ser campeão e quer entrar no certamen(sic) apenas prá melhorar a feição do football citadino** (grifo meu). Porque cria-se tanto caso, quando eu sei e todo mundo sabe que as dúvidas só existem e as consultas só são feitas por causa do Confiança? Por esse clima de ódio, de perseguição sistemática ao CONFIANÇA é que nossos jogos vivem por ai com rendas (eternas) de 2 e 3 mil cruzeiros. Não há possibilidade de acordo no football citadino. A Federação Sergipana que muitas vezes quer viver num clima de paz, de repente pega assim um ABACAXI como esse do Estágio [...]”.(p.3). **Gazeta Socialista**. 24/08/1957.

Portanto, fica caracterizada a dimensão que o clube atingiu no tocante a mobilizar público e a gerar renda, e, ao mesmo tempo, despertar interesses diversos de ordem do capital. Reconhece-se que há outras dimensões, principalmente na aproximação que o povo pôde ter com o chamado “esporte de elite” e que isso, representou, de certa forma, uma contra-hegemonia ao modelo (esportivo) econômico capitalista vigente. No entanto estas características que ditam o processo de mercadorização e que se materializam no espetáculo são relevantes até para que se compreenda o caráter “popular” que adquiriu o Confiança.

Após esta fase e já no profissionalismo, principalmente depois de sua passagem pela Taça Brasil (62/63), o Confiança se consagra e se projeta para além das fronteiras do Estado. Reconhecidamente – para o público, crônica, imprensa, FSD – torna-se expressão hegemônica do futebol. Neste aspecto destaca-se aqui um momento em que a mídia, mais uma vez, exige sua participação em um torneio de futebol, envolvendo clubes dos Estados de Sergipe e Alagoas, a Copa São Francisco - Temporada pelo Nordeste.

De cada Estado participariam o campeão (Clube Sportivo Sergipe) e a equipe com maiores rendas (deveria ser o Confiança). No entanto fora convidado o Santa Cruz de Estância/SE, por ter sido Vice-campeão, fato este, que não agradou nem ao clube (Confiança) e nem a imprensa. Para sustentar, os jornais expuseram então o regulamento, em que consta “os requisitos do parágrafo 2º do Artigo 1º [...], cuja a redação é a seguinte: o segundo disputante será a equipe que obtiver melhores rendas no campeonato [...]”. (**Sergipe Jornal**. 10/02/1965).

– SJ PROVA: Confiança tem Maiores Rendas
Confiança – Renda Cr\$ 1.083.367,40

Sergipe – Renda Cr\$ 1.000.731,60

Propriá – Renda Cr\$ 553.284,40

Outros [...] – Rendas Santa Cruz sem a melhor de três, Cr\$ 239.165,30.
Sergipe Jornal. 10/02/1965. (Obs: Mesmo o Santa Cruz incluindo as rendas de melhor de três com o Sergipe, não ganha para o Confiança).

– OS TORCEDORES RECLAMAM

“O jogo da última Quarta-feira sem fugir à regra proporcionou uma arrecadação fraca, chegando mesmo a decepcionar [...] o que pese o sensacional clássico Sergipe x Santa Cruz. [...] Estamos apenas fazendo sentir os reclamos do público [...] muita gente voltar das bilheterias do Estádio de Aracaju em sinal de protesto. Volta a refletir a presença do Santa Cruz na Taça Rio São Francisco [...] que deixaram compreender claramente que o Confiança constituiria atração, bem ao contrário da situação atual. [...] apenas estamos sendo o porta-voz daqueles que são a razão do futebol [...]”. **Sergipe Jornal**. 28/03/1965. (p.4).

Para consolidação do processo de mercadorização do futebol foi preciso, então, criar locais de sua comercialização e que esses locais atendessem a um grande público consumidor. Neste sentido, é notória a velocidade com que foram construídos os estádios e também suas reformas, assim como as instalações de refletores para os jogos noturnos.

3.4.2.1 Criação dos Estádios/Mercados

As informações capturadas nos jornais simbolizam a importância atribuída à construção dos Estádios, ou seja, novos espaços para o espetáculo esportivo, maiores e melhores. No período que vai de 1949 a 1969, conforme abaixo, há uma explosão no tocante a construção desses novos “palcos”, pois, o público aumentava

assustadoramente e a necessidade de ampliar esses espaços urgia. Sendo assim, a construção e ampliação dos Estádios de futebol no Estado de Sergipe e, principalmente, em Aracaju, pelas circunstâncias que atingia o espetáculo do futebol, em seu processo de mercadorização¹¹⁷ apareciam e reapareciam com cara nova. A sensação é de que o novo já nasce velho, ou melhor, “o que é novo na fase da cultura de massas [...] é a exclusão do novo” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 126). Neste aspecto, a construção dos Estádios simbolizava toda essa relação que se constituía a “sociedade do espetáculo” ou da mercadoria.

- Inaugurado o Estádio do Passagem (Neópolis/SE), em 27/01/1948.
Clube de Fábrica. **Sergipe Jornal**. 28/01/1948.

– Será inaugurado Amanhã o Estádio da Estância
Estádio do Santa Cruz – Clube de Fábrica – na cidade de Estância/SE.
Sergipe Jornal. 30/04/1948.

- O Estádio de Aracaju – por José da Silva Lima;
Ansiedade sobre a construção do Estádio de Aracaju.
“[...] Dr. Joaquim Ribeiro [...] em vocês nós confiamos. E estamos certos que tudo farão para que a cidade esportiva assista a este espetáculo, que será o lançamento da pedra fundamental para a fase de ouro do futebol de Aracaju” **Diário de Sergipe**, 24/08/1949.

– Será inaugurado o novo Estádio o campo do Confiança será teatro de recepções várias.

Confiança e Passagem, inaugurando a nova praça de Esportes.

“Conforme é do conhecimento público, inaugurar-se-á amanhã o novo Estádio do Confiança[...]. Conforme esperávamos foi feito vistoria com resultado satisfatório [...]. O Correio de Aracaju que recebeu o honroso convite da A.D. CONFIANÇA para assistir as solenidades de inauguração do novo Estádio, deseja aos seus digníssimos dirigentes felicidades desse empreendimento [...]”. **Correio de Aracaju**. 20/04/1955.

– Venceu o CONFIANÇA como autêntico campeão – 4 x 0. Presente o Governador Machado de Souza.

“Domingo 1º de maio inaugurou-se oficialmente o Estádio Joaquim Ribeiro [...] Repetindo suas belas exibições, o CONFIANÇA convincentemente sobrepujou seu leal adversário o PASSAGEM pelo placar de 4 x 0”. **Correio de Aracaju**. 07/05/1955.

¹¹⁷ Aqui entendendo-o como todas as mudanças estruturais que ocorrem no Estado, referente ao esporte (futebol) – criação dos estádios, público pagante, realização de espetáculos esportivos (amistosos), o pré-profissionalismo e a profissionalização. Bem como, as alterações nas formas do jogo (técnica/tática/gestos técnicos), marketing esportivo e, principalmente, a relação capital e trabalho que se instaurou a partir do Confiança.

– **“O Governo manda reiniciar as obras do Estádio de Aracaju [...]”**.Correio de Aracaju. **01/05/1959**.

– Estádio do Propriá: grande empreendimento esportivo-social.

Por Antônio Pádua – Inauguração dos refletores. “deveria servir de exemplo a todos aqueles que fazem a pública administração em nossa terra, seja ela na esfera federal, municipal ou estadual [...]”.**Gazeta de Sergipe**. 29/08/1962. (Obs: Explica ainda, que deveria servir de exemplo para todo o Estado).

– MARCO ESPORTIVO

“[...] marca uma época de grande ênfase esportiva [...]. Construir um Estádio para 45 mil pessoas, com toda sua grandiosidade [...], lembra os imperadores Romanos [...]” (p.3). **Gazeta de Sergipe**. 09/07/1969.

– Bilhões Foram Gastos no Batistão. **Gazeta de Sergipe**. 10/07/1969.

E₀₄₋₂ - Oi, eu vou dizer um negócio, houve uma época, 60, 70, 80 por aí, que os Estádios de Aracaju estavam ficando pequeno, entendeu? Era um negócio impressionante.

E₀₄₋₁ - **Aqueles jogos no Sabino Ribeiro, era um negócio, era um negócio! Cheio, sempre cheio [...]** (grifo meu).

Para Marx (1996, p. 94-95) – “não é com os pés que as mercadorias vão ao mercado, nem se trocam por decisão própria. Temos, portanto, de procurar seus [...], donos. [...] as pessoas, aqui, só existem, reciprocamente, na função de representantes de mercadorias e, portanto, de donos de mercadorias”. Neste sentido, entende-se que é no processo de troca que os homens intercambiam as mercadorias, ou seja, o valor expresso na forma de mercadoria. Ao fazer referência ao processo de mercadorização¹¹⁸ da música, Adorno (2000), **explica que - “O consumidor fabricou o sucesso, não por que o concerto lhe agradou, mas por ter comprado a entrada”**(grifo meu). Assim, entende-se que, como valor de uso, as condições já estavam dadas. Ou seja, o Confiança já despertava os olhares de interesse de ordem do capital; no entanto, faltava configurar-se enquanto valor de troca e assim, concretizar-se em mercadoria.

Nesse contexto que envolve sua história, logo se percebeu que o Confiança representava uma “mercadoria valiosa”. Desde que iniciou sua jornada futebolística vinha quebrando recordes. Suas rendas eram maiores, seu público maior, seja em jogos amistosos, torneios ou campeonatos oficiais do Estado,

conforme já fora apresentado. Portanto, a mercadoria estava pronta: cumpria sua função no processo de troca e, mais do que isso, escondia a relação social que se dava em sua construção. Conseqüentemente, era necessário, então, construir os locais para intercambiar as mercadorias. Do campo construído com lonas de circo (como exposto pelos sujeitos da pesquisa, abaixo), logo apareceram os Estádios, cada vez maiores. Os clubes, por sua vez, queriam ter o seu próprio Estádio e assim, estabelecer a relação entre público pagante e espetáculo no seu próprio mercado.

A fábrica separou-se do clube em 1955, no entanto, sempre o manteve e ainda, detinha a posse do Estádio e isto gerou, conforme abaixo, um descontentamento por parte dos diretores da Fábrica Confiança e o Clube, exigindo então, que o valor referente à taxa que FSD pagava pelo uso do Estádio, fosse entregue diretamente a um funcionário, recomendado pela fábrica a receber, pois, ela (a fábrica) sempre abriu mão ao direito de receber este valor, ou simplesmente, sempre revertia ao clube. O que me parece estranho, é que neste período os valores são altos e não se tratava mais de simples soma, desprezar este dinheiro, então, não mais fazia parte de uma “boa ação” para o desenvolvimento do futebol.

E₉₇₋₁ - Foi disputado num campo todo cercado de pano, [...]. Aí meu pai se entusiasmou com a direção da fábrica e atendeu ao pedido da torcida [...].

E₉₇₋₃ - naquele tempo era o velho Adolfo Rollenberg , não tinha o estádio de Aracaju e depois, o circo, [...].

– Taxa do Campo Agora Será da Fábrica

“A fim de evitar certas distorções, tanto mais que o torcedor proletário talvez desconhecesse que a Fábrica Confiança sempre manteve o plantel do clube em termos de fornecimento do material esportivo [...] além da TAXA do Sabino Ribeiro que sempre revertia em benefício das diretorias [...] para dirimir essas dúvidas e planificar melhor a vida do clube proletário a firma Ribeiro Chaves, proprietária da Fábrica Confiança e do Estádio Sabino Ribeiro, encaminhou ofício à Presidência da Federação Sergipana de Desportos, comunicando [...] só poderão ser recebidas por um funcionário da Fábrica, especialmente designado para tanto”. (p. 6).

Gazeta de Sergipe. 19/03/1969.

¹¹⁸ Este termo não é utilizado por Adorno, estabeleço um comparativo na comercialização dos bens da cultura a partir deste termo, que fora utilizado por Silva (1991).

Parafraseando Thompson (1998), o importante era que esse “bem da cultura” estivesse disponível para uma “pluralidade” de indivíduos (potenciais e reais consumidores).

3.5 O Confiança na mídia: considerações históricas entre 1949 e 1966

Algumas considerações são necessárias no entendimento sobre a história do Confiança. Como vimos, foram caracterizados, do ponto de vista histórico, três momentos da dimensão de sua formação: 1º) entre 1936 e 1949, quando se cria o Clube para as práticas de Vôlei e Basquete e que o torna vencedor em diversos torneios amadores da época; 2º) a partir da criação da equipe de futebol (1948/9 até 1955) e sua inserção na FSD, para participar do campeonato oficial e; 3º) a partir de 1957 a 1964, quando o Confiança, após desligamento da Federação (1956), retorna no final de 1957, e a partir do profissionalismo (oficial em 1960), monta uma das maiores equipes do futebol sergipano, com uma dimensão interestadual.

Neste sentido, a idéia agora é continuar a narrativa histórica a partir da mídia local, envolvendo aspectos imprescindíveis à pesquisa e que merecem reflexão fazendo, assim, um painel de sua presença na mídia, ou seja, o resgate desses anos.

Em 1949, o Confiança marca sua “estréia”, no cenário do futebol sergipano. A equipe formada, reconhecidamente, como um grande plantel, ou melhor, como a mídia divulga, “forte conjunto”, no Estado de Sergipe. O “cartão de visitas” está lançado e o público o reconhece enquanto tal.

Em 1950 o Confiança, ainda por dispor de jogadores irregulares, preocupa-se apenas em fazer amistosos, mantendo, a partir do espetáculo, o seu plantel. Para a Crônica Esportiva, ele representava “o melhor dentre os melhores”.

– o “CONFIANÇA” é quem vai dizer o que sabe, pois o seu onze é considerado como o melhor dentre os melhores “. **Correio de Aracaju** . 21/09/1950. (Obs: Confiança ganha o amistoso em 10/10/1950, contra o CSA de Alagoas).

- **“O confiança arrazou o Sergipe, sete tentos contra zero”**. Correio de Aracaju **04/12/1950**.

- **“O Confiança desabafou no Sergipe escore arranha céu 7 x 0**. Correio de Aracaju **05/12/1950**.

Foram Selecionados esses resultados, para identificar o “poderio” diante das equipes adversárias, pois o Sergipe já se constituía numa das grandes equipes do Estado e tradicionalmente, das mais antigas.

No ano de 1951 ratifica sua posição de “grande” no Estado. Já no início do ano sagra-se campeão do Torneio Início do Campeonato Oficial do Estado, evento este, como vimos, promovido pela ACES.

- **O “Confiança” sagrou-se campeão do torneio início de 1951**. Correio de Aracaju. **26/03/1951**.

Continua realizando uma série de amistosos e estabelecendo a quebra de recordes em público e renda. Chama à atenção um amistoso realizado em 28/04/1951 contra a equipe do Madureira do Rio de Janeiro. Neste jogo revela para a sociedade sergipana que seu potencial poderia ir além das fronteiras do Estado. Esse jogo serviu de parâmetro à crônica esportiva local para fazer referência a outras equipes, bem como o Confiança, quando uma equipe jogava “bem” ou “mal”. Vejamos, abaixo, a partir do jogo contra a equipe do Rio de Janeiro e depois, caracterizando-se como atrativo de público e renda.

- Empolgou o clássico “Madureira” e Confiança – Triunfo 3x2 para os cariocas – grande exibição dos dois quadros.
“É bem possível encontrar-se alguém que não gostou do clássico Madureira e Confiança. Seria mesmo cometer uma grande injustiça se não dissermos que o noturno de terça-feira agradou plenamente. E de um modo geral surpreendeu até aqueles que nunca acreditaram no onze do Bairro Industrial [...]. O Confiança pisou na cancha para fazer uma exibição inspirada [...]. Um espetáculo maravilhoso, podemos qualificar [...]”.
Correio de Aracaju. 28/04/1951.

- Recorde de Público – Confiança e Olímpico – Renda: Cr\$ 12.990,00.
Gazeta Socialista. 06/10/1951.

- Luta de gigantes o clássico Confiança e Olímpico [...]
“Constituiu um espetáculo magnífico o clássico Confiança x Olímpico[...]”
Renda: “Um recorde de bilheterias em jogos do presente campeonato: Cr\$ 6.864,00 [...]”. **Correio de Aracaju**. 19/06/1951.

– Espetáculo empolgante o clássico “Sergipe x Confiança”.
“Prélio disputadíssimo que culminou com a vitória do Confiança pelo placar de 4 x 3 [...]. Récord de bilheterias – Cr\$ 7.464,00
Correio de Aracaju. 03/09/1951. (Obs: Na crônica de Souza Lima, ressalta-se: relembrar os bons clássicos e casa cheia).

Em junho de 1951, Confiança impondo sua força sobre o adversário – Cotinguiba (clube da zona sul, da elite) – faz com que este, abandone o campo de futebol antes do jogo acabar. Embora pareça uma informação sem sentido que aparece nas páginas dos jornais, vale ressaltar, no entanto, que se trata do mesmo clube (Cotinguiba), vendo o poderio do Industrial do Sr. Thales Ferraz, reuniu esforços para impedir o avanço daquela equipe de futebol em 1919, como já fora relatado. O Confiança passa a simbolizar não só a sua força, mas, principalmente, que é um clube forte e de periferia, ou seja, da classe mais pobre da cidade. Aqui, evidencia-se uma contra-hegemonia frente a elite do futebol sergipano/Aracaju. Pois, agora, um clube de operários passava a dominar e a assustar, este cenário da cidade, como um espectro.

– Não terminou no tempo regulamentar o clássico Confiança e Cotinguiba
“Domingo último, por ocasião da realização do clássico [...], deu-se um fato bastante curioso [...], o veterano COTINGUIBA, uma das restantes tradições do nosso futebol [...] sem uma justificação, siquer(sic), sem razão de ser, numa deselegância esportiva sem limites [...]. O COTINGUIBA abandonou a cancha quando estava perdendo por 3x2[...] faltava ainda quatro minutos e meio”. **Correio de Aracaju.** s/d/06/1951.

Para garantir que sua equipe chegasse às finais do campeonato sem ser prejudicada, o Sr. Joaquim Ribeiro, dono do Clube, manda buscar um árbitro da Bahia, de renome nacional, com despesas todas pagas por ele e mais a quantia de Cr\$ 2.000,00, que receberia o árbitro para apitar o jogo semi-final do campeonato. Assim, o Confiança ratifica sua posição e sagra-se campeão antecipado, na penúltima rodada, do campeonato de Aracaju¹¹⁹ e em 10/12/51, sagra-se campeão absoluto do Estado.

– Grande expectativa em torno do maior encontro do campeonato de 1951: Confiança versus Olímpico

¹¹⁹ Até 1959, o Campeonato Sergipano era dividido em duas etapas, o campeão da capital decidia o título absoluto, contra o campeão do interior.

“Os meios esportivos da cidade se encontram agitados, com a realização Sábado à noite [...], do clássico número um, Olímpico x Confiança [...]. Esse encontro [...] há muito está sendo aguardado com ansiedade [...], e ainda por serem considerados os melhores quadros da cidade [...]”. **Correio de Aracaju**. 27/09/1951.

“Confirmado as nossas previsões veiculadas nestas colunas [...] de que o grande árbitro pernambucano Argeniro Félix (Sherlock), apitará o clássico número um da cidade [...]”. **Correio de Aracaju**. 29/09/1951.

– Reconquistou o Confiança a posição privilegiada de líder do certame oficial – pelo score mínimo, foi abatido o esquadrão do Olímpico

Por Souza Lima:

“Arbitragem boa de Sherlock – Recode de bilheteria – Antes de tudo, temos que louvar a conduta do nosso público esportivo [...] é de ter prestigiado o clássico número um da cidade [...]. De fato, assistimos uma grande exibição [...]”. **Correio de Aracaju**. 30/09/1951.

– Campeão o Confiança – justa e merecida a sua vitória – o Vasco fez o que pode (sic). **Correio de Aracaju**. 29/10/1951.

– A. D. CONFIANÇA conquistou o título de campeão da cidade do ano de 1951. **Correio de Aracaju**. 31/10/1951.

Por Souza Lima:

“[...] A campanha terminada agora pelos proletários, queiram ou não, merece ser olhada como uma prova indiscutível de que seu esquadrão é o melhor atualmente de nossas canchas [...], poderá representar muito bem o nome esportivo de Sergipe, em além das fronteiras. [...] a vitória do CONFIANÇA, foi produto do valor da sua equipe [...]. Um brilhante feito, aliado a grande campanha que encetaram no campeonato [...]”.

(Obs: Campeão antecipado antes da última rodada. O encerramento deu-se em 11/11/1951).

– Primeira partida da série melhor de três pelo título absoluto. Confiança x Passagem. **Correio de Aracaju**. 21/11/1951.

– Empatado o Campeonato Absoluto. **Sergipe Jornal**. 27/11/1951.

(Obs: Na melhor de três a primeira partida entre Confiança x Passagem, foi 2 a 2).

– Domingo o 2º Jogo Confiança x Passagem. **Sergipe Jornal**. 30/11/1951.

– “Espera o público que o Confiança reapareça em boa forma, contando com os PLAYERS Sandoval e Dunga “. **Sergipe Jornal**. 01/12/1951. (p.3)

– Arrazado o Passagem.

- Vitória do Confiança por Sete a Um

“[...] Desta Feita, porém, o espectador – eterno sofredor – saiu satisfeito, [...] o Confiança, que fez uma boa exibição [...]. Agradou a sua exibição[...].

Registramos com a maior satisfação que afinal conseguimos ver o quadro do Bairro Industrial [...]”. **Sergipe Jornal**. 05/12/1951.

– A A. D. CONFIANÇA sagrou-se campeão absoluto do Estado do ano de 1951 – derrotado espetacularmente a equipe do Passagem – 7 x 1

Por Souza Lima:

“A atuação do onze do CONFIANÇA [...] deu-nos a impressão que estávamos assistindo [...] a repetição da exibição do clássico Madureira x Confiança [...]. O CONFIANÇA contentou o público com uma exibição convincente [...]”. **Correio de Aracaju**. 10/12/1951.

Portanto, foi exposto uma síntese que marca ou configura a Associação Desportiva Confiança, como uma equipe que “Já Nasceu Grande”. Principalmente, por enfrentar as grandes equipes do Estado e vencê-las, todas.

Em 1952, realiza várias contratações e vários amistosos entre equipes locais e interestaduais. Esteve a um passo do Bi-campeonato, mas, perde e afasta-se das finais. Neste ano, parece-me que o Confiança após a conquista do título – 1951 – e após ratificar sua hegemonia, “relaxa” o que gerou várias críticas da crônica esportiva. Agora, a Crônica Esportiva, pretensamente em nome da sociedade, acostumada a vê-lo espetacularmente e ganhando, aumenta a cobrança sobre suas atuações.

– O CONFIANÇA foi um quadro acéfalo na peja de Sábado à noite

“O público esportivo continua numa incógnita: se deve ou não acreditar no quadro do CONFIANÇA [...]. O CONFIANÇA, continua mentindo ao público esportivo, fazendo-se passa por um grande quadro, quando na realidade não é. Isso dizemos sem receio de controvérsias [...]. A verdade é que, o CONFIANÇA tem uma coleção de jogadores, verdadeiros valetes de pau, que apesar de serem figuras bonitas, com gravações etc., não consegue armar um quadro que inspira “ o seu nome” no conceito do público esportivo da cidade [...]”. **Correio de Aracaju**. 15/07/1952. (Obs: o Jogo foi empate 1 x 1).

– Confirmando o seu desacerto e a falta de orientação técnica, o Confiança perdeu o prélio de Domingo à tarde

“[...] Se o alto comando do CONFIANÇA não tomar sérias providências, teremos, em dias que não estão muito longe, uma deblacle total da equipe, perdendo o nosso futebol[...].” **Correio de Aracaju**. 23/07/1952.

A partir desse quadro, em 1953 chama-me a atenção uma matéria escrita por Souza Lima, que expõe uma crítica à postura do Confiança em formar sua

grande equipe, principalmente, colocando em dúvida os princípios éticos da realização desse feito. Parece-me que depois de sua “estréia” e conseqüentemente sua ratificação como uma das melhores equipes do Estado, o Confiança não podia mais fraquejar. Deveria sempre estar vencendo e convencendo.

– “Desta vez quem estar(sic) se acabando é o Confiança”

“O quadro do CONFIANÇA é incontestavelmente, uma incógnita. [...], existe um dedo destruidor [...]. Mas, o que nos levanta suspeitas, as mais coerentes, embora, e de ter o CONFIANÇA ultimamente caído de maneira drástica, absurda e que não se justifica pelo plantel ora existente. Tudo isso, porém, tem um fundo lógico. Todos sabemos que o grêmio da zona norte da cidade é o único que pode oferecer vantagens no sentido melhor possuir um quadro valente. Com esses fatores favoráveis, qual seja, colocação para os jogadores, facilidades em bichos, pela fartura de recursos, criou-se um choque de ambição entre si e era natural que assim procedesse, e de igual modo o interesse despertado surgiria ressentimentos no seio dos atletas e aqueles mais aptos nos segredos do “association”, por certo, teria o seu lugar(sic) no onze e daí a formação de um potente quadro, capaz de representar o nosso Estado, todas as vezes e lugares (sic) que se fizerem necessário. Isso é o que pensamos. Entretanto, permita-nos que diga, às bolas estão totalmente invertidas, o lado positivo para o negativo, pois essa história de querer acabar com os outros, termina quase sempre, acabando com sigo mesmo. O dispêndio com a aquisição de elementos não está resolvendo. Basta dizer que a produção da equipe nunca mais chegou a convencer de maneira plena, ao público, e, pensamos nós, aos seus dirigentes também. Difícil, muito difícil, o CONFIANÇA repetir aquela soberba atuação, quando enfrentou em nosso “Estádio” o esquadrão do MADUREIRA, do Rio de Janeiro, que deixou todo nosso público entusiasmado e orgulhoso, por ter um quadro que bem poderia ser o máximo para todos os efeitos. Daí, para cá, o CONFIANÇA começou a tropeçar, não definiu-se e está se acabando aos poucos, como se acaba todo homem ambicioso que deseja açambarcar tudo e no fim volta a estaca zero, sem nada, perdendo o seu tempo, dinheiro, ficando zangado com todos, como se estes fossem culpados dos seus erros e presunção, o que é muito pior. Como dissemos, o CONFIANÇA, bem poderia ser um quadro de valor respeitável, de boa aparência, criando seus próprios valores, como fazem os outros, sem cometer erros condenáveis de avançar nos elementos alheios numa política desigual a força do metal. Se bem que todos têm os seus próprios interesses, mas, não é com a pretensão (sic) do potencialismo de má fé que se vence todas as batalhas nem se transpõe todos os obstáculos. A verdade nua e crua é essa que estamos vivendo. E assim vai o CONFIANÇA marchando a-ré, com os ventos soprando ao contrário e a sua nave, balançando ao sabor das ondas enfurecidas, capaz de destruí-lo, pois está parecendo que até a estrutura desapareceu. Enquanto isso, nos bastidores a panela está fervendo, esperando uma vítima que se disponha a queimar. Entra diretor, sai técnico; contrata-se novo preparador

e nada dá certo, porque o dedo destruidor está ali, e só tem uma preocupação, observar quando aparece um elemento de outro clube que tenha “pinta de jogador”, para buscá-lo, custe o que custar, brigando, incompatibilizando uns com os outros, para no fim, não ter um quadro que possa apresentar ao público. E de fato uma peregrinação horrível esta do CONFIANÇA. Entretanto, para o contento geral, surge o PALESTRA, um quadro pequeno, de gente humilde, sem dinheiro e sem haveres, mas, que tem uma rapaziada forte, sadia, sem máscara e sem ambição. Foi a cancha enfrentar o “grande”. Sabia que o massacre era impiedoso[...]. **Correio de Aracaju. 21/07/1953.**

– “Venceu com grande autoridade o onze do Confiança”
O JOGO – “[...] contrariando a opinião dos “contras” a imprensa, na maioria da vezes levanta a moral de qualquer iniciativa, empreendimento seja qual for a sua origem e procedência. O Dr. CONFIANÇA [...] desta vez o CONFIANÇA se apresentou muito bem. **Correio de Aracaju. 18/08/1953.**

– A Soberba atuação do “Confiança” empolgou o público esportivo da cidade Domingo passado.

Por Souza Lima:

“Sempre, agimos com justiça [...] criticando merecidamente [...] e louvando do mesmo modo [...] o CONFIANÇA, que vinha sofrendo durante as nossas críticas [...] entusiasmou todo público presente ao “Estádio de Aracaju” [...]. De há muito que não assistimos tão belo espetáculo, e o público já se sentia cansado de tanto jogo ruim [...]. Na tarde de Domingo, lembramos mais uma vez a bonita figura do CONFIANÇA ao enfrentar a equipe do MADUREIRA, do Rio de Janeiro [...]”. **Correio de Aracaju. 09/10/1953.**

Em 1954, o Confiança sagra-se campeão e tinha a pretensão de ser bicampeão em 1955, que, no cenário esportivo e político local, constituía-se em um ano muito importante, pois, tratava-se do aniversário (centenário) da cidade (Aracaju). Como já foi visto, reforça sua equipe e prepara-se para ser campeão; inaugura seu Estádio e começa sua jornada imbatível. No entanto, conforme o episódio das finais de 1955, desliga-se da Federação e retorna no final de 1957, de forma espetacular. Destaque para o amistoso com a equipe do Bonsucesso do Rio de Janeiro que representa um dos grandes acontecimentos histórico em sua vida e para o futebol sergipano. O Confiança retornava ao futebol sergipano como “estrela” e ainda, aclamado por todos:

– Bonsucesso x Confiança a atração de Domingo

“O mundo esportivo citadino já está começando a agitar-se com a vinda à nossa capital da equipe do Bonsucesso do Rio de Janeiro [...] com Associação Desportiva Confiança, marcando com chave de ouro a reentrée dos proletários nos quadros vigentes da Federação Sergipana de Desportos [...]”. **Correio de Aracaju**. 16/02/1957.

– A Batalha Bonsucesso x Confiança. **Gazeta Socialista**. 16/02/1957.
re-entrée do Confiança à Federação

– Confiança 3 x Bonsucesso 1

“Depois de perseguir durante mais de 30 anos o enorme tabu de não vencer um clube carioca, finalmente que o football sergipano vibrou feliz com o feito da Associação Desportiva Confiança [...] ficará para sempre na história do football entre nós – 17 de fevereiro de 1957 – como a data em que, os grilhões da má sorte foram rebentados no espetacular feito do Confiança [...] poder desse clube magnífico que é sem dúvida o Confiança. [...] foi o Confiança senhor absoluto do gramado [...]. Negar méritos a vitória do Confiança é deslustrar a página mais bonita dentro do football sergipano [...]. Foi realmente uma tarde magnífica, e digna realmente do grande público a assisti-la. Debaixo do espoucar (sic) dos foguetes. Ouvindo aquele vozerio tremendo a lhe incentivar, o Confiança teve no 12º jogador – o torcedor – um forte fator a lhe empurrar para o triunfo” (grifo meu). (p.3). **Gazeta Socialista**. 20/02/1957.

– Confiança e Náutico do Recife. **Correio de Aracaju**. 06/04/1957.
(Obs: refere-se ao Confiança, inegavelmente o melhor conjunto do futebol sergipano).

- O Confiança sagra-se campeão do torneio início. **Correio de Aracaju**. 15/04/1957.

Portanto, a partir de 1957, o Confiança inicia mais um momento para se tornar hegemônico que acontece com a profissionalização em 1960, até 1964. Em 1959, sagra-se campeão da cidade, mas perde o título absoluto. Este é um ano muito significativo no tocante à profissionalização. Neste sentido, o Confiança que sempre teve o perfil profissional, prepara-se fortemente, para nova etapa do futebol sergipano. Uma série de amistosos é realizada visando preparar sua equipe e ao mesmo tempo, manter o espírito do espetáculo.

– O Confiança mudará sua linha de Ataque

“Comenta-se que a direção da A.D.CONFIANÇA, está estudando, um meio para mudar a sua linha de ataque, pois acha que este ano os frentistas do quadro operário não produziram como deviam, e está

resolvida, mesmo até, a pagar aos seus atletas. Sendo assim, será o primeiro clube de nossa capital, a adotar o não-amadorismo. Parabéns, CONFIANÇA, que esta idéia não entre no rol do esquecimento: vamos pra frente, que o esporte sergipano precisa (grifo meu). Correio de Aracaju. 19/11/1959.

A partir de 1960 até 1963/64, com o profissionalismo, como já foi exposto, o Confiança organiza uma das melhores equipes do futebol sergipano (contratação de jogadores, preparador físico, médico, técnicos, dirigentes). Pela primeira vez na história do futebol sergipano uma equipe de futebol ganha dimensões para além de suas fronteiras territoriais. Torna-se Bi-campeão sergipano em 1962/3 e na Taça Brasil, foi a melhor representação de uma equipe de futebol do Estado.

- CONFIANÇA É CARTAZ

“O Confiança desfruta atualmente de muito prestígio no cenário futebolístico nordestino [...]” (p.5). **Correio de Aracaju. 11/10/1963.**

– Meia-Cancha

“Ainda com o retorno classificatório em fase de conclusão, já se nota na Associação Desportiva Confiança, as mesmas características apresentadas na brilhante campanha de 1962. [...], O Confiança já repetiu o certame anterior, conquistando a fase de classificação [...]. E é na forma, segura com que se apresentou no período de classificação [...]. Este panorama pode entretanto vir a metamorfosear-se com a subida de produção de um ou mais dos quadros que participarão da fase final. Tal não ocorrendo, o Bi-campeonato proletário será ponto pacífico, pos (sic) é o Confiança detentor de meios para tanto. Por enquanto é apenas o favorito [...]” (p.7). **Gazeta de Sergipe. 14/02/1964.**

– Meia-Cancha

“O tempo passa, e os clubes citadinos continuaram sem qualquer movimentação que os levem a renovação das suas equipes profissionais [...]. E o que mostrarão a esse público? Os mesmos plantéis de vários anos atrás, sem nada de novo que possa ser observado. Voltamos a afirmar [...] que futebol profissional requer possibilidade financeiras, não sendo tão fácil a qualquer clube realizar boas contratações. O que não é verdade menor entretanto, é que ao torcedor não interessa isto. E paga e quer ver recompensada plenamente a importância que dispendeu. [...] agrada-lhe ver novos jogadores em seu clube [...].Esta história, de ver todos os anos as mesmas figuras, vestindo as mesmas camisas, entedia e satura o torcedor [...].**Mas aqui está o que poderá parecer um contraste: justamente o Confiança que além de Bi-Campeão, possui o maior esquadrão do atual futebol sergipano, é que pensa em melhor o seu plantel, contratando vários “cobras” para o seu “butantã”. Não**

há dúvida: os outros pararam mais (sic) o Confiança prossegue [...] (grifo meu)” (p.5). **Gazeta de Sergipe**. 31/05/1964.

Inegavelmente, o Confiança tornou-se expressão hegemônica do futebol sergipano e os anos que se seguiram só ratificaram sua posição. Destaca-se, conforme Quadro nº 7, a sua relação com a renda e percebe-se a diferenciação entre seus jogos e o das outras equipes: suas rendas eram sempre maiores. Fica evidente, que isso se deu pelo posicionamento profissional que sempre existiu, desde sua criação, na formação de suas equipes. O papel de um empresário, capitalista, patrono, com uma visão diferenciada aos demais clubes no Estado de Sergipe, proporcionou esta desenvoltura. Sem contar e, principalmente, o apoio da Fábrica de Tecidos. E assim, o clube ia sendo administrado, como se fosse a própria fábrica.

– Campeonato Pegará Fogo Amanhã - O Super Clássico de Amanhã

“Denominar-se ao sensacional Confiança x Sergipe de super-clássico, não será evidentemente, superestimar [...]. Para sermos francos, Confiança x Sergipe [...]. Pela posição que atingiu [...] será super-clássico sempre. Uma espécie de Vasco x Flamengo no Rio [...].Ao contrário dos demais jogos, Sergipe x Confiança, é um embate onde as torcidas prefeririam perder os pontos, do que perder o jogo [...]. O resto, é prestigiar ao super-clássico”. **Gazeta de Sergipe**. 15/05/1965.

(p.5).

– Fracasso de Ruite e Beto Resultou na Queda do Confiança.

Meia-cancha

“A campanha promocional que o Confiança vem fazendo, além fronteiras, em benefício do futebol sergipano, é de um valor inestimável para o progresso deste. [...] Sergipe (o Estado, grifo meu), é um ilustre desconhecido, que somente após a primeira participação do Confiança na Taça Brasil, passou a ter alguns olhares voltados a si, como que surpresa pela espécie de futebol que aqui se joga! A campanha do Confiança na V Taça Brasil, revelou pelo menos ao nordeste, fatos então desconhecidos, até mesmo para nós mesmos aqui de Sergipe. Mostrou que o futebol sergipano não é tecnicamente inferior [...].As trajetórias do Confiança na V e VI Taça Brasil, mostra de quanto é capaz [...]. E é um exemplo a ser seguido [...]”.**Gazeta de Sergipe**. 13/08/1964. (p. 5).

– Ruite Afirma: Confiança é Cartaz do Nordeste

“[...] o Confiança é um clube de elevado prestígio por aquelas bandas [...]”.**Gazeta de Sergipe**. 10/10/1964. (p. 4). (Obs: Da Paraíba Ruite (agora, ex-jogador do Confiança) informa que o Estado está prestigiado no Nordeste, com o Confiança).

Nesta “expansão” do Confiança, vários jogadores se destacaram e foram pretendidos (“exportados”) por equipes da Região Centro-Sul, mas um entre tantos, merece atenção: Ruiten. Este jogador, representava para o Confiança o que hoje representa um Ronaldinho Gaúcho para o Barcelona. Sua trajetória foi brilhante e com destaque internacional, um vez que, fora jogar na França, na equipe do Bordeaux. Fora artilheiro da Taça do Brasil ao lado de Pelé. É reconhecidamente, o “grande” nome do Confiança neste período (60 a 64). A sua presença no jogo, após ser fetichizado como ídolo da equipe, era sinônimo de vitória, de espetáculo e de gols e também de polêmica, como foi o caso do jogo decisivo contra a equipe do Ceará, na Taça Brasil que já relatamos. Destaca-se aqui apenas alguns depoimentos dos entrevistados e o período de sua negociação, pois, cristaliza-se a “mercadoria valiosa” e o seu fetiche.

– Tícarlos e Ruiten Despedem-se do Sensacional “Derby”

“[...] custando os mesmos a soma de 6 milhões e 500 mil cruzeiros. [...] luvas de 400 mil cruzeiros e vencimentos livres de 80 mil cruzeiros [...]. Quanto ao dianteiro pernambucano (Ruiten, grifo meu), terá 500 mil de luvas e 100 mil livre e ainda estudo gratuito”. **Gazeta de Sergipe**. 16/09/1964. (p.3).

- ESPORTE EM NOTÍCIA – “Milhões”

[...] Rubens Chaves declarou que marcará uma reunião do Conselho Proletário a fim de ser discutida a fórmula de empregar os milhões recebidos com as vendas de Tícarlos e Ruiten e ainda os que surgirão com a venda de Jurandir”. **Gazeta de Sergipe**. 19/09/1964. (p. 5).

– Ruiten Vendido ao Futebol Europeu

“O atacante Ruiten que em nossa cidade defendeu a equipe da A.D.Confiança acaba de ser negociado ao futebol europeu. O craque foi negociado [...] ao BORDEAUX da França, pela quantia de 25 mil dólares, Correspondendo em 55 milhões de Cruzeiros. **Gazeta de Sergipe**. 28/10/1966.

E₉₇₋₃ - [...] o Confiança virou o jogo, Ruiten fez 3 gols [...] o locutor disse assim, é eu avisei que esse jogador era “garapeiro” [...], quer dizer oportunista. Ele fez três gols lá quando o Confiança ganhou de 4 a 2. [...] pela Copa Brasil, naquele tempo chamava Taça Brasil. Primeiro jogo aqui no estádio de Aracaju, eu me lembro bem [...], antes do jogo você conversava com os colegas de imprensa, [...] você notou o Confiança, tem um artilheiro, [...] da Copa do Brasil, da Taça do Brasil do ano passado, só

perdeu para Pelé. Primeiro lugar foi Pelé [...] que era imbatível naquela época, em segundo, Ruitter.

E₉₇₋₂ – [...] Considerado um craque excepcional, na taça do Brasil ele competiu com Pelé [...]. Chegou a ser o vice artilheiro.

E₉₇₋₆ – [...] o atleta Ruitter, foi o artilheiro, fazendo mais gol do que Pelé [...].

Quadro nº 7 rendas de alguns jogos no período de 60 a 69

05/04/60	Confiança x Santa Cruz (SE)	46.960,00	Título do Estadual de 59
28/03/61	Confiança x Santa Cruz (SE)	81.650,00	Ref. Ao campeonato de 60
28/03/61	Sergipe x Vasco	8.855,00	
04/04/61	Outros jogos	2.000,00	
09/05/61	Sergipe x Santa Cruz (SE)	51.940,00	1º jogo das finais
18/05/61	Sergipe x Santa Cruz (SE)	243.200,00	Último jogo das finais
03/01/63	Confiança x Sergipe	122.880,00	Maior renda camp. Sergipano 62
30/03/63	Confiança x Sergipe	180.020,00	Campeonato de 62
01/05/63	Confiança x Sergipe	272.672,00	Recorde do campeonato de 62
28/05/63	Confiança x Vasco (SE)	278.310,00	Finais do campeonato de 62
05/06/63	Confiança x Vasco (SE)	333.510,00	Finais do Campeonato de 62
20/11/63	Confiança x Sergipe	450.150,00	Campeonato de 63 – recorde
28/01/64	Confiança x Sergipe	465.100,00	Campeonato de 63 – recorde
31/03/64	Confiança x Cotinguiba	470.100,00	Campeonato de 63 – recorde
14/04/64	Confiança x Sergipe	907.450,00	1º jogo final de 63 – Recorde
21/04/64	Confiança x Sergipe	930.300,00	2º jogo final de 63 – Recorde
05/05/64	Confiança x Sergipe	956.250,00	3º jogo final de 63 – Recorde
12/05/64	Confiança x Sergipe	1.096.300,00	Último jogo (finais) 63 – Recorde
18/08/65	Confiança x Sergipe	1.680.000,00	Campeonato sergipano
25/05/65	Própria x América (SE)	390.000,00	Clássico da cidade de Própria-SE
25/05/65	Confiança x Olímpico	940.000,00	
05/10/65	Confiança x Cotinguiba	1.179.200,00	

12/10/65	Confiança x América (SE)	1.214.600,00	
02/11/65	Sergipe x Santa Cruz (SE)	553.600,00	
09/11/65	América x Cotinguiba	612.400,00	classificação para final
19/04/66	Confiança x Sergipe	2.548.000,00	(Renda excepcional)
03/06/66	Sergipe x Estanciano (SE)	321.000,00	Campeonato Sergipano
04/06/66	Cotinguiba x América (SE)	255.000,00	Campeonato Sergipano
07/06/66	Confiança x Sergipe	1.253.000,00	Campeonato Sergipano
14/06/66	Confiança x Cotinguiba	910.000,00	Campeonato Sergipano
21/06/66	Confiança x América (SE)	757.300,00	Campeonato Sergipano

Fonte: Jornais impressos conforme Anexo II, desta Dissertação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história não é sucessão de fatos no tempo, não é progresso das idéias, mas o modo como os homens determinados em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem ou transformam essa existência social que é econômica, política e cultural (MARILENA CHAÚÍ, 1981 p. 74).

Um trabalho como este, que visa compreender um fenômeno como o futebol, a formação de um clube de fábrica, que dialoga com sujeitos em seu tempo histórico, seja, em sua própria narrativa, seja a partir do conteúdo da mídia impressa, certamente deixará muitas lacunas. Neste sentido, a intenção, a partir de agora, é estabelecer conexões entre pontos que configuram o objetivo (questões investigativas), retomando, sob o pano de fundo da base teórico-metodológica, as análises temáticas que, necessariamente, ultrapassaram meu olhar sobre o passado, criticando o presente e projetando o futuro.

A primeira consideração a ser feita refere-se à percepção de que Aracaju parecia estar vivendo uma outra história, principalmente no ano de 1950, quando da realização da Copa do Mundo de Futebol. Foram poucas as notícias envolvendo a campanha da Seleção Brasileira. Segundo depoimentos, no dia da final da Copa do Mundo, houve um amistoso em Aracaju, entre Cotinguiba e Confiança:

E₉₇₋₃ – [...] tem até uma curiosidade nesse dia, [...] da final da copa em 1950, houve um jogo de futebol aqui, entre Cotinguiba e Confiança, quatro a zero para o Confiança, na mesma hora, na mesma data. [...] e teve torcedor, a televisão foi que modificou tudo.

De certa forma, o futebol parecia poder se sustentar: grande público, estádios cheios, boas rendas e bons jogos. Alguns entrevistados acreditam que foi com a inserção da televisão que tudo mudou e o público deixou de comparecer aos Estádios. É claro que a ela, somam-se a violência, os preços dos ingressos, o nível

de emprego e a renda dos brasileiros, bem como a qualidade dos jogadores e a dos jogos.

E₀₄₋₄ [...] porque toda hora você tem jogos pela televisão. O cara marca o campeonato dia de domingo, aí tem jogo tal, então bota prá sábado, tem também, aí fica difícil.

Percebe-se que, nos tempos de hoje, a criação dos mitos passa significativamente, pela televisão e com isso, aos nossos olhos aparecem outros mitos construídos – Ronaldinho's, Romário's, entre outros – que se sobrepõem aos mitos locais e apagam os do passado. Hoje, poucos se lembram de “Ruitter”, “Debinha”, “Lipiu”, “Luiz Manoel” e muitos outros, até porque quem controla tem a supremacia sobre o espetáculo, o “gerente da usina contemporânea do mitos”¹²⁰ está no controle (poder simbólico) da Televisão. A velocidade com que se cria uma “imagem” no esporte, a partir dos meios de comunicação como este é espantosa, pois a necessidade que o capital tem de criar/recriar os mitos – esportivos – o quanto mais precoce possível, é imperativa para sua realização. Parece-me que este processo de criação assemelha-se a uma linha de montagem com uma eficiente produtividade, haja vista as escolinhas, divisões de base, super-salas de treinamento, especialistas de toda a ordem, empresários que cuidam de tudo e ainda,

As recompensas financeiras tornam-se cada vez maiores com a associação à mídia [...]. A vitória é supervalorizada, e o atleta submete-se a uma crescente pressão por força de interesses financeiros e políticos. [...], os fins tornaram-se mais importantes que os meios [...]. Aumenta a violência, a fraude, o doping [...] (BETTI, 1997 p.13).

A exigência que se impõe a um atleta, hoje, talvez seja humanamente impossível. Sua composição física é quimicamente modificada. Caminha-se, no futuro, talvez, para um esporte *híbrido*¹²¹ – meio humano, meio máquina. As TIC's, que expressam significativamente as comunicações, já se direcionam para as mudanças, uma melhor performance, do movimento humano.

Percebe-se que é com a Indústria Cultural que se concretiza esse processo, ou seja, a transformação de tudo em imagem, o processo que banaliza a

¹²⁰ Bucci e Kehl (2004, p.19).

¹²¹ Aqui, apenas como uma “especulação futurista”, haja vista os avanços tecnológicos terem se configurado em nosso tempo.

cultura para o consumo em massa, ou, como explica Thompson (1998), que o bem seja disponível para uma pluralidade de indivíduos. Portanto, se manifesta a espetacularização imagética do esporte que é efêmera, a partir da mídia, segundo uma lógica de mercado.

Outra consideração tem a ver com os motivos que levaram a construção humana/social, deste fenômeno, ou seja: Por que foi possível a formação dessa equipe e a sua projeção no cenário futebolístico estadual e nacional? Por que os jogadores (melhores) se submetiam a integrar essa equipe? Que motivos levaram à construção, por parte deste clube social, de uma poderosa equipe de futebol? Por que a vontade de ser “grande”?

Evidentemente tem-se que pôr as contradições à vista, para que se elucidem tais indagações. É possível que um dos fatores, ao meu ver, o mais importante, seja o econômico, principalmente numa relação de trabalho e capital, numa região em que as condições de emprego eram escassas e que a produção da existência, para as classes pobres, dependia da “bondade” da classe economicamente dominante. Neste sentido, “jogar bola” e ao mesmo tempo, garantir sua existência representava, em certa medida, uma subversão para manter-se vivo. Abaixo, vemos a Crônica alertando para a necessidade da profissionalização do futebol, bem como, na fala dos entrevistados, como os jogadores associavam-se à fábrica e ao clube:

Por Hildebrando de Souza Lima

“[...] Sabemos, [...] nossos jogadores são rapazes pobres e precisados, porém, conhecemos muito bem os nossos desportistas e como são capazes de gastar dinheiro com a sonegação de um jogador [...]” (p.3).
Sergipe Jornal. 28/12/1954.

E₉₇₋₄ - [...] o sujeito ganhava um salário para trabalhar e jogava era bola.

E₉₇₋₁ – [...] ele investiu muito em atletas do interior, trouxe para trabalhar com ele, dando emprego e a parte esportiva a complementação [...].

E₀₄₋₁ – [...] alguns trabalhavam, trabalhavam “vírgula”, na fábrica. O Dr. Joaquim teve condições de manter [...].

Essas considerações são importantes, pois, nesta sociedade, em que a meta é explorar a força de trabalho e obrigar o sujeito a vendê-la quando se precisa, porém a joga fora, como qualquer outra mercadoria descartável e sem valor, quando não mais se precisa ou perde seu valor de uso, fica evidente que o homem, como ao longo de sua história, cria subversões para sobreviver. Principalmente, numa região em que as condições de emprego são escassas, essa subversão, utilizando-se deste bem da cultura (o esporte/futebol), à procura de sobrevivência, constitui-se um indicador na produção da existência, pois como explica Chauí (1981, p. 74), “a história é o real e o real é o movimento incessante pelo qual os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade [...]”.

O fetiche produzido pela mercadoria esporte-espetáculo (que seduz seus consumidores e produtores; que encobre, pelo poder simbólico, a sua relação social; que impede, aos homens, de verem as contradições que se materializam em sua construção - alienação), é condição necessária para que o esporte, enquanto tal, obtenha êxito. Parafraseando Adorno (2000), é como se os sentidos, os órgãos humanos, fossem fetichizados. As conquistas, os feitos realizados por este clube (Associação Desportiva Confiança), enquanto mercadoria, a sua aparente independência, tudo isso, parece conduzir para um caminho: esconder a relação social que torna possível a sua existência.

Concordo com Silva (1991), ao explicar que quando se instaura o processo de mercadorização do esporte, fica difícil vê-lo fora da esfera da circulação de mercadorias, ou do mercado. Sendo assim logo percebi que o Confiança poderia gerar boas rendas nos Estádios e sabemos que gerou. Quando não, a sua imagem refletia a imagem da fábrica, numa relação ambígua em que clube e fábrica se fundiam e se completavam. Evidentemente não quero ser reducionista a ponto de ver, neste fenômeno, apenas o aspecto econômico. É claro que o futebol, no Brasil, revela inúmeras possibilidades de abordagens, como explica Gastaldo (2002), ser brasileiro pode ser revelado dentro de um estádio de futebol. Mas, vê-se também que a “paixão” pelo futebol é fetichizada na forma de espetáculo/mercadoria.

No trabalho de Silva (1991) há evidências de como o esporte, no caso o basquetebol, vai modificando suas estruturas – regras, técnicas, táticas, gestos etc.,

- para se tornar um produto mais apreciado pelo público¹²² consumidor. No caso da Associação Desportiva Confiança, suas modificações foram determinantes: a mudança de preferência de modalidade do basquetebol para o futebol; a contratação dos “melhores jogadores”; o espetáculo produzido; a criação de identidade com as camadas mais pobres da sociedade; tudo isso o levou a constituir-se como um bem dotado de valor (simbólico) e a fetichizar, não só aos apaixonados, mas também a toda a sociedade. Como bom exemplo, vale frisar o episódio ocorrido com o Confiança em 1955, que após se retirar do Campeonato Oficial do Estado, retornou devido à força simbólica que já exercia entre as massas.

Parece-me que, ao mesmo tempo em que se cria uma paixão, cria-se também uma indiferença para com aqueles que constróem, como trabalhadores diretos, a sua história, pois as reverências e os apelos para sua volta, no exemplo acima referido, foram para o “patrono”, aquele que detém o poder nas mãos (os meios), com isso, a relação social que compõe o bem é assassinada. Percebe-se, que com o passar dos anos e com o gradativo aumento da comercialização do esporte (futebol) no Estado (SE), a idéia de uma prática moderna, tendo o “*fair play*”, como princípio ético e moral, foi dando lugar a uma disputa competitiva em que vale tudo. O interesse pelo esporte/futebol muda, radicalmente, a partir das novas relações da sociedade e, principalmente, pelo caráter mercadoria que esse assume em Aracaju.

Outra consideração a ser feita, refere-se a ideologia. Neste trabalho estive a todo instante, a ela me referindo, seja diretamente ou de forma implícita. Assim, quando iniciei a análise (Capítulo III), contextualizando o Estado, a Cidade e, principalmente, as fábricas têxteis com seus “Patronos”, estava tentando expor que a história não se dá factualmente e de forma fragmentada, mas, envolvida em um contexto político, econômico e social. Pois entendo que não é do nada que surgem os fenômenos sociais, como a Associação Desportiva Confiança; tudo isso é fruto de uma construção de homens em seu tempo. Era crucial, então, contextualizar a

¹²² A autora estabelece como referência a sociedade americana (Estados Unidos), onde é criado o Basquetebol.

ideologia que se configurava naquele tempo e que, com o passar dos anos, vai ganhando outras características com a dimensão provocada pela Indústria Cultural que esconde dos homens o modo real que as relações sociais foram produzidas. Ou seja, como explica Chauí (1981), “ocultando” a realidade social e principalmente, as formas sociais de exploração (econômica e política).

O futebol hoje mostra outra cara, mas, guarda no seu interior, comportamentos de sua origem, como mercadoria. Nos tempos de hoje presenciamos uma “explosão” desses novos comportamentos como explica Betti (1997, p.13):

a violência e a transgressão às regras no futebol e outras modalidades resultam de fatores econômicos e políticos característicos do esporte moderno, que vem experimentando, nas últimas décadas, uma crescente integração à economia de mercado, ênfase na competição internacional e aumento de sua importância como fator de afirmação nacional. O futebol é um grande negócio, e a vitória significa muito lucro, para os atletas e os investidores.

Interessante perceber como a ideologia, na criação dos mitos, esconde (fetice) dos sujeitos, a sua posição efêmera diante de uma sociedade de consumo, principalmente, no tocante ao esporte que é comercializado. A exigência por resultados rápidos, por criar/substituir mitos¹²³ o quanto mais cedo, garante que se terá retorno financeiro precocemente, causa, de certa forma, portanto, uma “pressão” sobre os atletas, levando-os às condições de extremo desgaste emocional. O resultado, o título e a medalha tornam-se mais importantes que o próprio atleta.

Neste sentido quando analisei o contexto social, político, econômico de Aracaju, percebi, claramente, a separação das classes. O lado dos pobres, o lado dos ricos, os trabalhadores e os patrões, os clubes da elite e os da periferia. Estas separações, que entendo como são causadas pelo capital, aparecem na atualidade, mascaradas, tendo em vista o processo de automação das indústrias e o aumento

¹²³ Este é o caso de Ronaldinho Gaúcho (hoje no Barcelona da Espanha), Diego e Robinho (ex-jogadores do Santos) etc. Na Copa São Paulo de Futebol Júnior, realizada no período de janeiro, é obrigatória a presença dos “olheiros” e empresários para capturar, o quanto mais cedo, os futuros talentos. A Revista ISTOÉ de 16/02/2005, traz uma reportagem – “FUTEBOL MOLEQUE” – em que fica evidente a captura de futuros craques de bola. No caso específico, um garoto de nove anos de idade, já é considerado um “diamante bruto”, desperta o interesse de empresários, clubes como Mancheste United, Porto (p. 52-53).

do setor terciário. Com isso, dificulta-se a percepção da opressão que atinge não só os trabalhadores, mas à população como um todo.

Não se sabe claramente quem é o opressor, nesta sociedade, ou pelo menos, fica-se confuso, devido ao processo de dominação do capital, da alienação a que o homem é submetido, do fetichismo da mercadoria (do bem simbólico da imagem), do espetáculo. Nesse aspecto, parafraseando Jameson (2001), compreendo que a divisão de classes está posta, talvez, precisamos pensar numa forma nova de dizer isto e mostrar para a sociedade as contradições deste processo de dominação.

Não escolhi uma teoria simplesmente para analisar um fenômeno, mas sobretudo, a realidade apresentou-se como tal. Além disso, a vida material dos sujeitos que compõem esta “História” representa a própria teoria. As contradições com as quais o capitalismo se apresenta, numa sociedade como a nossa são suficientes para entender um fenômeno como o da criação de um clube social esportivo que ganha dimensão (quando há interesse de ordem do capital) junto à população de uma cidade, mas que está “fadado”¹²⁴ a desaparecer desta mesma sociedade quando os interesses vão embora. A premissa da mercadoria de que quando não há “valor de uso” ou “valor”, a mercadoria se “frusta”, serve para que se analise este clube nos dias de hoje.

Neste sentido, a partir dessas contradições, foi possível analisar o Confiança, considerando o processo de mercadorização, ou seja, na condição de mercadoria. Mercadoria esta que, devido ao seu fetiche, esconde as relações sociais que se configuram em sua formação. A vida material dos sujeitos que produziram este bem, parece ser “engolida” pelo fetiche provocado pelo esporte-futebol-espetáculo.

Portanto, o caráter mercadoria que se materializou, nessa formação, foi um dos motivos que fizeram com que as práticas do Basquetebol e Voleibol fossem desaparecendo. Não só o clube, mas a própria sociedade havia adotado o futebol

¹²⁴ Hoje, como a maioria dos clubes de futebol no Nordeste, o Confiança vive financeiramente “oprimido” pelo capital, pois agora, os interesses são para o esporte tele-espetáculo. Cabe aqui uma análise mais ampla dessas afirmações.

como modalidade maior e isto facilitou o “casamento” entre a Fábrica e o Esporte, entre a comercialização do produto da fábrica (tecido) e o produto espetáculo, a partir do esporte.

Fica claro que, no início da formação do clube, não havia por parte de seus idealizadores uma intenção de *marketing*. No entanto, esta visão passa a vigorar até porque o Sr. Joaquim Ribeiro era um empresário e, como tal, tinha uma visão para além das relações existentes em sua época. Suas ações, na constituição do clube, provam tal empreendimento. Neste aspecto, não resta dúvida de que as influências advindas de outro clube de futebol de fábrica – Bangu – foi crucial para que o Confiança ganhasse a dimensão que ganhou.

Neste estudo, encontrei um “casamento” que foi crucial para entender o nosso objeto de estudo. Trata-se do casamento do esporte (futebol) com a Mídia. Esse, talvez, tenha sido o grande “achado” da pesquisa, até porque não se tratava de uma mídia neutra, que apenas relata os fatos nos jornais, mas, sobretudo, inspirado pela “*Virtu*”¹²⁵. Ou seja, com a criação da Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe (ACES)¹²⁶, em 1949, que coincidentemente é o mesmo ano da entrada do Confiança junto à FSD com sua equipe de futebol, há um impulso grande à espetacularização do esporte, pois essa Instituição passa a cumprir um papel diferenciado, realizando torneios, divulgando os jogos, agendando o espetáculo esportivo. Com isso passou a estabelecer também um “elo” entre o público e o seu clube, como também, entre o comércio e o esporte.

O sentido de “grande” que o Confiança alcançou foi impulsionado, em grande medida, por essa Associação (ACES), seja na mídia impressa, ou na mídia falada. Assim vai se concretizando o “casamento” indissociável entre a mídia e o esporte-espetáculo.

¹²⁵ Na Filosofia, encontrei vários significados deste termo, mas foi a Maquiavel – “o Príncipe” – que recorri pelo seu sentido dado à potência humana, no sentido de mudar os destinos da Fortuna (do acaso, da sorte, do fortuito).

¹²⁶ ACES, como já foi visto, passa a ser o “braço direito” do esporte-espetáculo, mas principalmente, porque era composta de jornalistas que faziam a imprensa diária e que eram vinculados à um Jornal de grande circulação no Estado.

Por fim ressalta-se a relevância do trabalho desenvolvido em 1997¹²⁷, que já indicava algumas premissas iniciais, como o profissionalismo “marrom” e o caráter mercador que assumia o esporte (futebol) em Aracaju, a partir deste clube (Confiança) e que foram basilares para este trabalho.

Na passagem de Ulisses (*Odisséia* de Homero)¹²⁸, referente ao Canto das Sereias, encontrei aspectos de uma subversão: Ulisses ordena a seus marinheiros (comandados) que tapem os ouvidos com cera para não ouvir o canto, pois ao ouvi-lo, seriam levados pelo encanto sedutor a se jogarem ao mar; quanto a ele (Ulisses) ordena que o amarrem ao mastro do navio. Com isso, ele, sem cera nos ouvidos, pode ouvir o canto. Ulisses, ouviu, sentiu, sem com isso, atirar-se ao mar e morrer. Isto ocorreu porque ele subverteu a lógica. Há quem diga que ele se encontrava numa *aporía*, pois mutilou-se ao estar amarrado e com isso alienou-se igualmente como seus comandados. No entanto, pela contravenção, ele pôde ouvir o apaixonante canto.

Em contrapartida, este trabalho de pesquisa não traz soluções, mas caminhos para reflexões a partir de análises críticas. Quem sabe não se consiga “subverter” a lógica que é imposta por uma sociedade administrada/controlada, como a nossa, sem que, ao mesmo tempo, tenha que se mutilar alienando-se a si e aos outros e, com isso, propor práticas esportivas sem levar à barbárie. Pois,

“o homem não é um ser acabado, é um ser em processo [...]. Acredito no ser humano como potencial criativo”
(**CELSO FURTADO**, Conexão Roberto D`Ávila).

¹²⁷ Ribeiro (1997).

¹²⁸ Para reflexão e entendimento acerca do esclarecimento, ver: Adorno e Horkheimer – “Dialética do Esclarecimento” – Ulisses ou Mito e Esclarecimento.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. Teoria da semicultura. **Educação e sociedade**. Ano XVII, v.56, p.388-411, dez, 1996.
- _____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **O fim da história**: de Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ANTUNES, F. M. R. Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo. nº 22, p. 102 a 109, junho/julho/agosto: USP, 1994.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**. Campinas: Unicamp, 1995.
- _____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARANHA, Lúcia. **Educação e trabalho no contexto da terceira revolução industrial**. São Cristóvão: UFS, 1999.
- AZEVEDO, Carlos e REBELO, Aldo. A corrupção no futebol brasileiro. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC. Ano XII, nº 17, 2001.
- BARDIN, Laurence (s/d) **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BELLONI, Maria Luíza. O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC. Ano XII, nº 17, 2001. P. 85 a 103.

_____. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001a.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Esporte na Mídia ou esporte da mídia. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC. Ano XII, nº 17, 2001.

_____. **Imagem e ação**: a televisão e a Educação Física Escolar. In: Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Mídia e educação**: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física. Bauru/SP. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte, 1998a.

BIANCHETTI, Lucídio. **Da chave de fenda ao laptop tecnologia digital e novas qualificações**: desafios à educação. Florianópolis: Vozes. 2001.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: EDUC, Universidade Federal de Sergipe, 1999.

_____. **Indústria Cultural, informação e capitalismo**. Tese de Doutorado, São Paulo, UNICAMP, 1994.

_____. A capoeira e as artes marciais orientais. **Revista de Política e Cultura da Seção Sindical dos Docentes da UFS**. Ano II, vol. 3. São Cristóvão: UFS, 1999 p. 51 a 56.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento Marxista**. São Paulo: Jorge Zahar, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURG, Jean-Francois. Récorde a qualquer preço. **Le monde Diplomatique**. Nov. 1995.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução, UFES: Vitória, 1997.

_____. O esporte na escola e o esporte de rendimento. **Revista Movimento**. Ano VI, n.º 12, 2000.

_____. **Esporte e poder**. Trabalho apresentado ao 6º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Brasília, 5 a 9 set, 1989.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira**: entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papyrus, 2000.

BRUYNE, Paul de, et.al. **Dinâmica da pesquisa em ciência**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

BUCCI, Eugene. A crítica de televisão. In: BUCCI, Eugene e KEHL, Maria R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUCCI, Eugene e KEHL, Maria R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**: São Paulo, Ática, 1995.

_____. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **O que é ideologia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

COGGIOLA, Osvaldo. A vigência do marxismo. In: James Petra, et. al. **Marxismo hoje**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Introdução a teoria econômica marxista**. São Paulo: JINKINGS EDITORES ASSOCIADOS LTDA, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CRISTAN, Mara. **Esporte e sociedade**. Vitória: UFES, 1995.

DANTAS, Ibarê. **História de sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

_____. **A tutela militar em sergipe, 1964/1984**: partidos e eleições num estado autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, Karine Franco. **O esporte**: um negócio lucrativo nas escolas. Monografia de Final de Curso. Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. s/d.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FAUSTO NETO, Antônio. A tragédia (midiática) de São Januário: o dia seguinte de uma comemoração interrompida. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**. Santa Maria/UFMS, Vol.3, Ano 3, 2000.

FREITAG, B. **A teoria crítica: ontem e hoje**, São Paulo: Brasiliense, 1986.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1959.

GALEANO, Eduardo. **Utopia**. In: As palavras andantes. Rio de Janeiro: LePM Editores, 1994.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da copa do mundo**. São Paulo: Annablume, 2002,

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Avercamp, 2004.

GOMES, Francelino de Araújo (s/d) **Pesquisa e análise de conteúdo: mass media**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: UNESP, 1997.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Era dos extremos: O breve Século XX (1914- 1991)**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Era do capital, 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1995.

IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade - mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KATZ, Cláudio. O pós-marxismo: uma crítica. In: In: James Petra, et. al. **Marxismo hoje**. São Paulo: Xamã, 1997.

KEHL, Maria Rita. Fetichismo. In: BUCCI, Eugene e KEHL, Maria R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

KEYNES, John M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1982.

LOUREIRO, Robson. **Indústria cultural e educação em "tempos pós-modernos"**. Campinas: Papyrus, 2003.

LOWY, Michael. **Ideologias e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LUCENA, Ricardo F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANACORDA, Mario A. **Marx e a pedagogia moderna.** São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Moraes, 1996.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Crítica à economia política.** Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, (s/d).

_____. **Formações econômicas pré-capitalistas.** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **O Capital: capítulo VI inédito.** São Paulo: PAZ E TERRA, 1991.

_____. **A Sagrada família, ou, crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores.** São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Lisboa: Edições 70, 1964.

MATOS, Olgária C.F. **A escola de frankfurt: luzes e sombras do iluminismo.** São Paulo: Moderna, 1995.

_____. Estado e espetáculo. **Revista Educação e Sociedade.** São Paulo: Cortez, nº 3, Ano I, p. 83 a 94, 1979.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MINAYO, Maria C.S. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Afiliada, 1996.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

MORE, Thomas. **A Utopia.** Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PASSOS SUBRINHO, Josué dos. **História econômica de sergipe (1850-1930)**. Aracaju:UFS, 1987.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC. Ano IX, nº 10, 1997.

_____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá-PR, 1998.

_____. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. **Cultura esportiva e mídia**: abordagem crítico-emancipatória no curso de graduação em educação física. In: Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

PIRES, G. DE L. e GONÇALVES, A. Estudos sobre a mídia esportiva na formação do professor de educação física: apontamentos de pesquisa-ação. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC. Ano XIII, nº 18, 2002.

PIRES, G. DE L. e SILVA, M. R. da. A "bolha" estourou! E daí? O Brasil é penta! In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC. Ano XII, nº 17, 2001.

PRADO JR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: ZUIN, Antônio; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton. **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

QUIVY, Raymond. A pergunta de partida. In: **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Jurídica, 1998.

RAGO, L. M. e MOREIRA, E. F.P. **O que é o taylorismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura**: alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. e SANTANA, Angélica de Jesus. **As influências mercadológicas num determinado fenômeno esportivo - Basquetebol - alterando sua forma e conteúdo na realidade escolar sergipana**. Coletânea de Trabalhos do III Encontro de Educação Física. Vol 3. Aracaju:SEED, 2000, p.24 a 35.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. **Amadorismo/Profissionalismo**: suas relações com o trabalho na história de um clube de fábrica. Monografia de final de curso. Departamento de Educação Física: UFS, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, Ana Márcia. **Esporte espetáculo**: a mercadorização do movimento corporal humano. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1991.

_____. **A razão e corpo no mundo**. Revista brasileira de ciências do esporte, set. Florianópolis:UFSC, 1999.

_____. **Corpo ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, Maurício Roberto da. **Trama doce-amarga**: (exposição do) trabalho infantil e cultura lúdica. São Paulo: Hucitec, 2003.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. Disciplina e resistência – cotidiano dos operários têxteis em Aracaju (1910 a 1930). **Monografia de Final de Curso**. Aracaju:UFS, 1991.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: 1987

_____. **A pesquisa qualitativa em educação física**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

VIANA FILHO. **Já nasceu grande!** Gazeta de Sergipe. Aracaju, abril, p. 2. 1994.

VOLKOV F. e VOLKOVA T. **O que é a mais-valia?** Moscovo: Progresso, 1987.

WACHOWICZ, Lílian Anna. **O método dialético na didática**. Campinas/SP: Papyrus, 1991.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria cultural e educação**: o novo canto da sereia. Campinas: Autores Associados, 1999.